

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARQUITETURA E URBANISMO**

MANOELA PAULINELLI CUNHA MAIOLLI MONJARDIM

**FORMAÇÃO E EXPANSÃO DO PLANO URBANO DO NÚCLEO
CENTRAL DE GUARAPARI: UMA ABORDAGEM MORFOLÓGICA
ENTRE OS SÉCULOS XVI E XXI**

VITÓRIA, 2023

MANOELA PAULINELLI CUNHA MAIOLLI MONJARDIM

**FORMAÇÃO E EXPANSÃO DO PLANO URBANO DO NÚCLEO
CENTRAL DE GUARAPARI: UMA ABORDAGEM MORFOLÓGICA
ENTRE OS SÉCULOS XVI E XXI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, na área de concentração: Cidades e Impactos no Território.

Orientadora: Profa. Dra. Eneida Maria Souza Mendonça

VITÓRIA, 2023

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

M734f Monjardim, Manoela Paulinelli Cunha Maiolli, 1995-
Formação e expansão do plano urbano do núcleo central de Guarapari : uma abordagem morfológica entre os séculos XVI e XXI / Manoela Paulinelli Cunha Maiolli Monjardim. - 2023.
169 f. : il.

Orientadora: Eneida Maria Souza Mendonça.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.

1. Cidades e vilas. 2. Cidades coloniais. 3. Fotografia aérea em planejamento urbano. 4. Urbanização. 5. Planejamento urbano. I. Mendonça, Eneida Maria Souza. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Artes. III. Título.

CDU: 72

MANOELA PAULINELLI CUNHA MAIOLLI MONJARDIM

“FORMAÇÃO E EXPANSÃO DO PLANO URBANO DO NÚCLEO
CENTRAL DE GUARAPARI: UMA ABORDAGEM MORFOLÓGICA
ENTRE OS SÉCULOS XVI E XXI”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito
Santo, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em
Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em 13 de março de 2023.

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Eneida Maria Souza Mendonça
(orientadora – PPGAU/UFES)

Profa. Dra. Flavia Ribeiro Botechia
(membro interno – PPGAU/UFES)

Profa. Dra. Maria Manoela Gimmler Netto
(membro externo – UFMG)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
ENEIDA MARIA SOUZA MENDONCA - SIAPE 297736
Departamento de Arquitetura e Urbanismo - DAU/CAR
Em 16/03/2023 às 16:47

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/669871?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
FLAVIA RIBEIRO BOTECHIA - SIAPE 2345030
Departamento de Arquitetura e Urbanismo - DAU/CAR
Em 16/03/2023 às 17:20

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/669904?tipoArquivo=O>

AGRADECIMENTOS

À força criadora e mantenedora de tudo isso que chamamos de vida.

À minha orientadora, Eneida Mendonça, pela gentileza e cuidado em cada orientação e conversa. Pelo olhar atento e afetuoso em cada correção, e por ter embarcado nessa jornada junto de mim. À Flávia Botechia e Maria Manoela Netto, pelas valiosas contribuições na banca de qualificação e também em suas aulas, que seguiram como referência para o desenvolvimento dessa pesquisa. À Stael Costa, pelo carinho e gentileza em me aceitar como aluna na disciplina de Morfologia Urbana na UFMG. Que sorte meu caminho ter cruzado com o de vocês.

Aos meus pais, meu irmão e aos meus bichinhos, companheiros fieis durante o mestrado. Ah! Se não fossem vocês... Quanto carinho, afeto, cuidados e compreensão. Ao Gabriel, por escutar com tanta serenidade minhas reclamações diárias. Aos meus amigos, por confiarem em mim.

À Denise Barroca, por ter sido o maior presente desse mestrado. Ao Rafael Fabres, que me acompanha nas loucuras que é pesquisar a nossa cidade, e pelas infinitas horas de ligações de vídeo. À Caroline Barreto, que junto de mim, ainda que distante, compartilhou momentos tão parecidos.

Aos professores e servidores do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Ufes por toda dedicação para fornecer um ensino público, gratuito e de qualidade.

“Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo. Não entender, mas não como um simples de espírito. O bom é ser inteligente e não entender. É uma benção estranha, como ter loucura sem ser doida. É um desinteresse manso, é uma doçura de burrice. *Só que de vez em quando vem a inquietação: quero entender um pouco.* Não demais: mas pelo menos entender que não entendo”.

(Clarisse Lispector)

RESUMO

Esta dissertação foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo, e abarca o campo teórico do estudo dos espaços livres de uso público e da forma urbana, compreendendo o primeiro como elemento inerente ao segundo. Partindo da compreensão de Conzen de que os centros históricos das cidades são, em geral, as partes mais antigas e que estão mais sujeitas às modificações, este trabalho se dedicou a estudar o núcleo central de Guarapari como objeto empírico. Dessa forma, o objetivo desse estudo foi analisar as transformações morfológicas ocorridas no plano urbano do núcleo central de Guarapari, no Espírito Santo, desde o século XVI até os dias atuais. Como estratégia metodológica desenvolveu-se uma pesquisa exploratória e explicativa que se amparou nas bases conceituais da Escola Inglesa de Morfologia urbana, através da abordagem histórico-geográfica. Cartografias, fotografias, relatos de viajantes, teses, dissertações e livros foram as bases para o caminhar da pesquisa, enquanto o redesenho foi a ferramenta essencial para transformar o conteúdo absorvido em base cartográfica. Os resultados foram apresentados a partir dos cinco períodos morfológicos estabelecidos: a morfogênese (1557-1863), a ocupação da cidade baixa (1863-1902), a expansão ao sul (1902-1952), a aproximação com as praias (1952-1968), e a paisagem urbana litorânea (1968-2022). Assim, as informações de cada um dos períodos foram materializadas em mapas, elaborados a partir do redesenho baseado nas iconografias selecionadas. Por fim, à luz dos conceitos apresentados, os dados foram interpretados e culminaram nas considerações finais, que demonstraram a relevância do método histórico-geográfico para o estudo da paisagem urbana em longo tempo, bem como do redesenho como ferramenta de estudo que permitiu que os objetivos fossem alcançados. A fim de direcionar o raciocínio lógico, essa dissertação se estruturou em quatro capítulos: as bases teóricas, conceituais e metodológicas, que tratam do plano e da morfologia urbana; a aplicação do estudo de caso, que discorre sobre Guarapari e aprofunda na área de estudo; a análise morfológica, que apresenta os cinco períodos, bem como seu processo histórico e evolutivo; e as considerações finais.

Palavras-chave: Morfologia urbana. Plano urbano. Período morfológico. Processo morfológico. Guarapari.

ABSTRACT

This paper was developed in the Architecture and Urbanism Post-Graduation Programme of Universidade Federal do Espírito Santo, and encompasses the theoretical field of the study on urban free-use spaces for public use and the urban form, in understanding the first aforementioned is inherent to the second. Starting from the comprehension as seen in Conzen that historical centers are, in general, the oldest parts of cities and the ones which are most subject to modifications, this paper aims to study the core of the city of Guarapari's central urban area as the empirical object. This way, the objective in this study was to analyze the morphological transformations which happened in the central town plan of the city of Guarapari, in Espírito Santo, from the XVI century until recent days. As for the methodological strategy, an exploratory and explanatory research has been developed which relied on the conceptual bases of the English School of Urban Morphology, through a historical-geographic approach. Mappings, photographs, travelers' reports, theses, essays and books were the pillars for the development of the research, whilst redesigning was the essential tool to translate the acquired knowledge into cartographic basis. The results were presented through five established morphologic periods: morphogenesis (1557-1863), the occupation of downtown (1863-1902), the expansion to the south (1902-1952), the enclosure with the beaches (1952-1968), and urban coastal landscape (1968-2022). In order to direct the logical thought process, this essay was structured in four chapters: the theoretical, conceptual and methodological bases, which deal with town plan and urban morphology; the application of the case study, which expatiates on the city of Guarapari and deepens the area of study; the morphological analysis, which presents five time periods as well as their historic and evolutive process; and final considerations.

Keywords: *Urban Morphology. Town Plan. Morphological Period. Morphological Processes. Guarapari*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do município de Guarapari/ES	21
Figura 2 – Localização da área de estudo	22
Figura 3 – Diagrama metodológico	28
Figura 4 – Processo de redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 1863	49
Figura 5 – Mapa síntese da estruturação urbana de Guarapari na atualidade	54
Figura 6 – Mapa da formação geológica do sítio físico de Guarapari	56
Figura 7 – Vista aérea da cidade na atualidade com destaque para a área de estudo: o centro de Guarapari	58
Figura 8 – Mapa síntese da estrutura urbana da área de estudo: o centro de Guarapari	59
Figura 9 – Mapa de formação geológica do sítio urbano da área de estudo: o centro de Guarapari	61
Figura 10– Iconografias da atualidade a 1968	64
Figura 11 – Centro de Guarapari em 1968.....	65
Figura 12 – Iconografias de 1968 a 1952.....	66
Figura 13 – Centro de Guarapari entre 1952 e 1968.....	67
Figura 14 – Iconografias de 1952 a 1902.....	68
Figura 15 – Planta da cidade de Guarapari em 1902.....	69
Figura 16 – Iconografia de 1863 a 1902.....	70
Figura 17 – Croqui da Barra de Guarapari em 1863	71
Figura 18 – Linha do tempo com periodização.....	72
Figura 19 – Diagrama dos períodos históricos e evolutivos	74
Figura 20 – Sobreposição da linha do tempo e dos períodos evolutivos	75
Figura 21 – Detalhe do mapa Brasiliis de 1597 com destaque para Tocoare	83
Figura 22– Mapa da Capitania do Espírito Santo em 1631 com destaque para o Rio Guarapari	84
Figura 23 – Mapa representando Guarapari em 1640, com destaque para o vilarejo, a Serra de GoroPary e o Engenho de Marcos Fernandes Monsanto.....	85
Figura 24 – Redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 1863.....	87
Figura 25 – Primeiro período morfológico: a morfogênese do núcleo central de Guarapari (1557-1863).....	88

Figura 26 – A rua que conduz até a Matriz de Nossa Senhora da Conceição	89
Figura 27 – Redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 1902.....	93
Figura 28 – Fotografia do porto de Guarapari em 1872	94
Figura 29 – Segundo período morfológico: a ocupação da cidade baixa (1863-1902)	95
Figura 30 – Evolução da configuração das ruas sobre plano urbano entre o 1º e 2º período morfológico.....	97
Figura 31– Processo morfológico: adição da Rua da Boa Vista.....	98
Figura 32 – Processo morfológico: à esquerda, destaque para as ruas que levam à praia e, à direita, destaque para a Rua da Matriz.....	99
Figura 33 – Redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 1934.....	105
Figura 34 – Redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 195x (parte 1) – antes de 1952.....	106
Figura 35– Redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 195x (parte 2) – antes de 1952.....	107
Figura 36 – Redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 195x (parte 3) – depois de 1952.....	108
Figura 37 – Sobreposição do redesenho das ruas que compõem o plano urbano de 1902 a 1952	109
Figura 38 – Terceiro período morfológico: a expansão ao sul (1902-1952).....	110
Figura 39 – Evolução das ruas que compõem o plano urbano entre o 2º e 3º período morfológico.....	111
Figura 40 – Processos morfológicos: à esquerda, o apagamento de parte da Rua da Matriz, e à direita, a adição das ruas que direcionam até a Matriz.....	112
Figura 41 – Processo morfológico: adição de ruas que direcionam ao cemitério....	113
Figura 42– Processo morfológico: à esquerda, adição da ponte e, à direita, as ruas próximas à Escola Naval.....	114
Figura 43 – Redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 196x (parte 1)	117
Figura 44 – Redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 196x (parte 2)	118
Figura 45 – Redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 196x (parte 3)	119

Figura 46 – Redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 1968.....	120
Figura 47 – Sobreposição do redesenho das ruas que compõe o plano urbano de 1952 a 1968	121
Figura 48 – Quarto período morfológico: a aproximação com a praia (1952-1968)	122
Figura 49 – Evolução do plano urbano entre o 3º e 4º período morfológico	123
Figura 50– Processo morfológico: adição de novas ruas ao plano urbano	124
Figura 51 – Zoneamento Urbanístico da área de estudo (2007)	129
Figura 52 – Zoneamento Urbanístico da área de estudo (2016)	130
Figura 53 – Quinto período morfológico: a cidade litorânea (a partir de 1968)	133
Figura 54 – Evolução do plano urbano entre o 4º e 5º período morfológico	135
Figura 55 – Processo morfológico: adição de ruas, à esquerda o Beco da Fome e à direita a Avenida Edízio Cirne	136
Figura 56– Relação entre o sistema de ruas e o uso do solo em 2023: à esquerda, as ruas que tem características predominantemente residencial familiar/misto e comercial, à direita as ruas que tem características predominantemente residencial unifamiliar.....	137
Figura 57– Síntese dos períodos morfológicos	139
Figura 58 – Evolução do plano e da mancha urbana com destaque para as ruas importantes para cada período.....	141

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Documentos textuais catalogados que tratam do histórico de Guarapari e Espírito Santo.....	45
Quadro 2 – Sistema de Organização das Iconografias	46
Quadro 3 – Exemplo de cataaogação das iconografias que tratam do objeto empírico	47

LISTA DE SIGLAS

EL – Espaço Livre

ES – Espírito Santo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Pnum – *Portuguese-language Network of Urban Morphology*

Ufes – Universidade Federal do Espírito Santo

SEL – Sistema de Espaços Livres

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
Objetivos	19
Objeto empírico	20
Justificativa	23
Materiais e métodos	25
Estrutura da dissertação	28
1. BASES TEÓRICAS, CONCEITUAIS E METODOLÓGICAS: UMA ABORDAGEM ACERCA DO ESTUDO DO PLANO E DA FORMA URBANA	31
1.1. DISCUSSÕES QUE ENVOLVEM O ESTUDO DO PLANO URBANO	31
1.1.1. O plano urbano e as contribuições para o debate sobre o sistema de espaços livres	31
1.2. CONTRIBUIÇÕES DA MORFOLOGIA URBANA PARA O ESTUDO DO PLANO URBANO	34
1.2.1. As discussões acerca da morfologia urbana	34
1.2.2. A Escola Inglesa de Morfologia Urbana	36
1.3. NOTAS METODOLÓGICAS: DIRECIONAMENTOS PARA O ESTUDO DA COMPOSIÇÃO FORMAL DO PLANO URBANO	41
1.3.1. A estratégia metodológica	41
1.3.2. O procedimento de coleta e sistematização dos dados sobre o objeto empírico	44
2. APLICAÇÃO E ESTUDO DE CASO: FORMAÇÃO E EXPANSÃO DO NÚCLEO CENTRAL DE GUARAPARI/ES	51
2.1. CARACTERÍSTICAS DA COMPOSIÇÃO DA FORMA URBANA SOBRE O SÍTIO FÍSICO DE GUARAPARI	51
2.1.1. A estrutura urbana atual de Guarapari	52
2.1.2. Os aspectos geomorfológicos do território de Guarapari	55

2.2. CARACTERÍSTICAS DA COMPOSIÇÃO DA FORMA URBANA: A FORMAÇÃO E EXPANSÃO DO NÚCLEO CENTRAL DE GUARAPARI/ES	57
2.2.1. O recorte espacial: a estrutura urbana atual do centro de Guarapari ...	57
2.2.2. O recorte espacial: aspectos geofísicos do centro de Guarapari.....	60
2.3. DEFINIÇÃO DOS PERÍODOS EVOLUTIVOS: O ESTUDO DA PAISAGEM URBANA NA FORMAÇÃO E EXPANSÃO DO NÚCLEO CENTRAL DE GUARAPARI	62
2.3.1. A confecção da linha do tempo: um método para a definição dos períodos evolutivos	62
2.3.2. Os períodos morfológicos que caracterizam o núcleo central de Guarapari e sua expansão urbana.....	73
3. ANÁLISE MORFOLÓGICA: A FORMAÇÃO E EXPANSÃO DO PLANO URBANO DO NÚCLEO CENTRAL DE GUARAPARI	76
3.1. PRIMEIRO PERÍODO MORFOLÓGICO: OS ANOS ENTRE 1557 E 1863.....	76
3.1.1. Os aspectos histórico-evolutivos de Guarapari de 1557 a 1863.....	77
3.1.2. A forma urbana do primeiro período: a morfogênese do núcleo central de Guarapari (1557-1863).....	82
3.2. SEGUNDO PERÍODO MORFOLÓGICO: OS ANOS ENTRE 1863 E 1902	90
3.2.1. Os aspectos histórico-evolutivos de Guarapari de 1863 a 1902.....	91
3.2.2. A forma urbana do segundo período: a ocupação da cidade baixa (1863-1902)	92
3.3. TERCEIRO PERÍODO MORFOLÓGICO: OS ANOS ENTRE 1902 E 1952.....	100
3.3.1. Os aspectos histórico-evolutivos de Guarapari de 1902 a 1952.....	100
3.3.2. A forma urbana do terceiro período: a expansão ao sul (1902-1952)	103
3.4. QUARTO PERÍODO MORFOLÓGICO: OS ANOS ENTRE 1952 E 1968.....	114
3.4.1. Aspectos histórico-evolutivos de Guarapari de 1952a 1968	115
3.4.2. A forma urbana do quarto período: a aproximação com as praias (1952-1968)	116
3.5. QUINTO PERÍODO MORFOLÓGICO: OS ANOS A PARTIR DE 1968	125

3.5.1. Os aspectos histórico-evolutivos de Guarapari a partir de 1968.....	125
3.5.2. A forma urbana do quinto período: a cidade litorânea (a partir de 1968) .	131
3.6. SÍNTESE MORFOLÓGICA DA EVOLUÇÃO PAISAGEM URBANA: UMA ANÁLISE DESDE 1557 ATÉ A CONTEMPORANEIDADE	138
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	147
APÊNDICE.....	154

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa se insere no campo teórico do estudo dos espaços livres de uso público e da forma urbana, compreendendo o primeiro como elemento inerente ao segundo. Evidencia-se que, neste trabalho, a terminologia utilizada para tratar dos espaços livres públicos, diz respeito às ruas, praças, passeios e demais espaços não edificados (SABOYA, 2016). Assim sendo, a análise da forma é o estudo dos sistemas edificados e livres que compõe uma paisagem urbana (MACEDO; CUSTÓDIO; DONOSO, 2011). Em diálogo, Conzen (2022) indica que o estudo morfológico perpassa pela “combinação do plano da cidade, do padrão de formas edificadas e padrão de uso do solo urbano” (p. 3), bem como dos processos históricos que incidiram sobre o território. Partindo da concepção de visão tripartite da paisagem urbana estabelecida por Conzen (2022), define-se que o plano urbano é composto pelo sistema viário, parcelamento e padrões de uso do solo. Dessa forma, junto ao tecido urbano, o uso e a ocupação do solo, o plano é uma das três categorias fundamentais da Morfologia Urbana.

Os elementos que compõem a forma urbana, a depender do tempo em que estão materializados no espaço, passam por processos que os mantêm ou os transforma. Isso se dá porque a cidade é uma estrutura em constante mudança, sujeita a alterações de graus variados e os elementos mais suscetíveis às modificações são aqueles que dizem respeito ao padrão do uso do solo e das formas edificadas. Assim, estes tendem a ser apagados mais facilmente, pelo menos em partes, por novas tendências ou impulsos. Por outro lado, aquele que tem uma maior resistência às mudanças, ou seja, transforma-se mais lentamente, é o plano urbano junto às ruas que o compõem (CONZEN, 2022). Essa persistência morfológica pode estar associada principalmente ao fato de que o plano urbano compõe uma camada de caráter pública dentro do contexto urbano, o que requer investimentos elevados para sua modificação.

A partir dos conceitos definidos por Conzen (2022) e tendo em vista que a paisagem urbana na contemporaneidade é a acumulação histórica e formal de períodos pretéritos, e que a partir do estudo dela, pode-se compreender as características formais do plano urbano ao longo do tempo, Conzen (2022) afirma que uma abordagem retrospectiva pode ser um método racional de análise. Dessa maneira,

faz-se elementar compreender que a problemática levantada neste estudo diz respeito ao entendimento das transformações incidentes sobre o plano urbano, e em específico sobre o sistema viário, no decorrer do tempo.

Para complementar, traz-se à tona que as áreas centrais e históricas das cidades, são em geral, as suas partes mais antigas, e as que mais estão sujeitas às mudanças. Por estarem repletas de características de períodos remanescentes, elas carregam a essência da paisagem urbana e embora tenham novas formas acrescentadas ao seu plano, têm a sua formação atribuída aos primeiros assentamentos (CONZEN, 2022).

Nesse sentido, a fim de investigar as transformações da paisagem urbana numa perspectiva retrospectiva, a cidade de Guarapari foi escolhida como objeto de estudo. Essa escolha perpassou pela necessidade de conhecer a evolução formal da cidade, que foi um dos primeiros núcleos colonizados pelos portugueses na Capitania do Espírito Santo.

Portanto, a fim de compreender os processos pretéritos incidentes no território, e partindo de perguntas como “como o plano urbano do núcleo central se materializou no território ao longo dos anos?” e “quais processos morfológicos incidiram sobre o plano urbano e o seu sistema de ruas?”, analisou-se um recorte territorial de Guarapari/ES, a partir de uma pesquisa exploratória e explicativa. Dessa forma, buscou-se compreender como o plano urbano foi modificado ao longo do tempo à medida que se deu a evolução urbana do território, desde a chegada dos portugueses no século XVI, até os dias atuais.

Objetivos

Diante da discussão estabelecida, o objetivo geral deste estudo é analisar, por meio da abordagem histórico-geográfica, as transformações morfológicas ocorridas no plano urbano e refletidas no sistema de ruas do núcleo central de Guarapari e sua expansão, no Espírito Santo, desde o século XVI até os dias atuais. Para isso, traçaram-se os objetivos específicos:

- i. associar as abordagens que envolvem a morfologia urbana e o estudo dos espaços livres, com foco no plano urbano, evidenciando a importância da integração das mesmas para a análise do território;
- ii. analisar o objeto empírico partindo dos conceitos norteadores referentes à

morfologia urbana, bem como determinar os períodos morfológicos que compõem a evolução do seu plano urbano, a partir do agrupamento de documentos iconográficos;

iii. caracterizar o plano urbano da área de estudo por meio de uma análise morfológica, a partir da Escola Inglesa de Morfologia Urbana, em cada um dos períodos morfológicos estabelecidos.

Objeto empírico

Como fora dito anteriormente, o objeto deste estudo foi Guarapari, cidade turística localizada a aproximadamente 60 km da capital Vitória, ao Sul do Espírito Santo. Conhecida internacionalmente pelas suas praias tem porte médio e, em 2020, tinha uma população estimada em 126 mil habitantes (IBGE, 2020).

Em meados dos anos de 1940, o município se destacou no cenário nacional e internacional a partir da divulgação das propriedades de suas areias monazíticas, passando a atrair o interesse de veranistas para descanso e tratamento de saúde. Além disso, nos anos que se passaram, a cidade se tornou um balneário e também local de segunda residência para moradores de Vitória e de outras cidades e estados, como de Minas Gerais (ROCHA, 2019). Ainda nas primeiras décadas do século XXI, apesar de um cotidiano vínculo à vida metropolitana, a cidade mantém o interesse dos turistas pelas praias, ainda que em formatos diferentes ao que se dava no século passado (BOUDOU, 2017).

Atualmente, o município se destaca enquanto pólo turístico do estado do Espírito Santo, recebendo mais de 1.000.000 de turistas durante o verão (GUARAPARI, 2019), e com cerca de 50 praias. Vale destacar aqui, que este acréscimo populacional na “alta estação” interfere e impacta diretamente na infraestrutura da cidade, tanto no sentido de intensa especulação imobiliária nas áreas de interesse turístico (VARGAS *et al.*, 2007), quanto no colapso da estrutura física, com grandes congestionamentos de veículos ou falta de abastecimento de água. Na Figura 1 é possível verificar a localização do município.

Figura 1 – Localização do município de Guarapari/ES

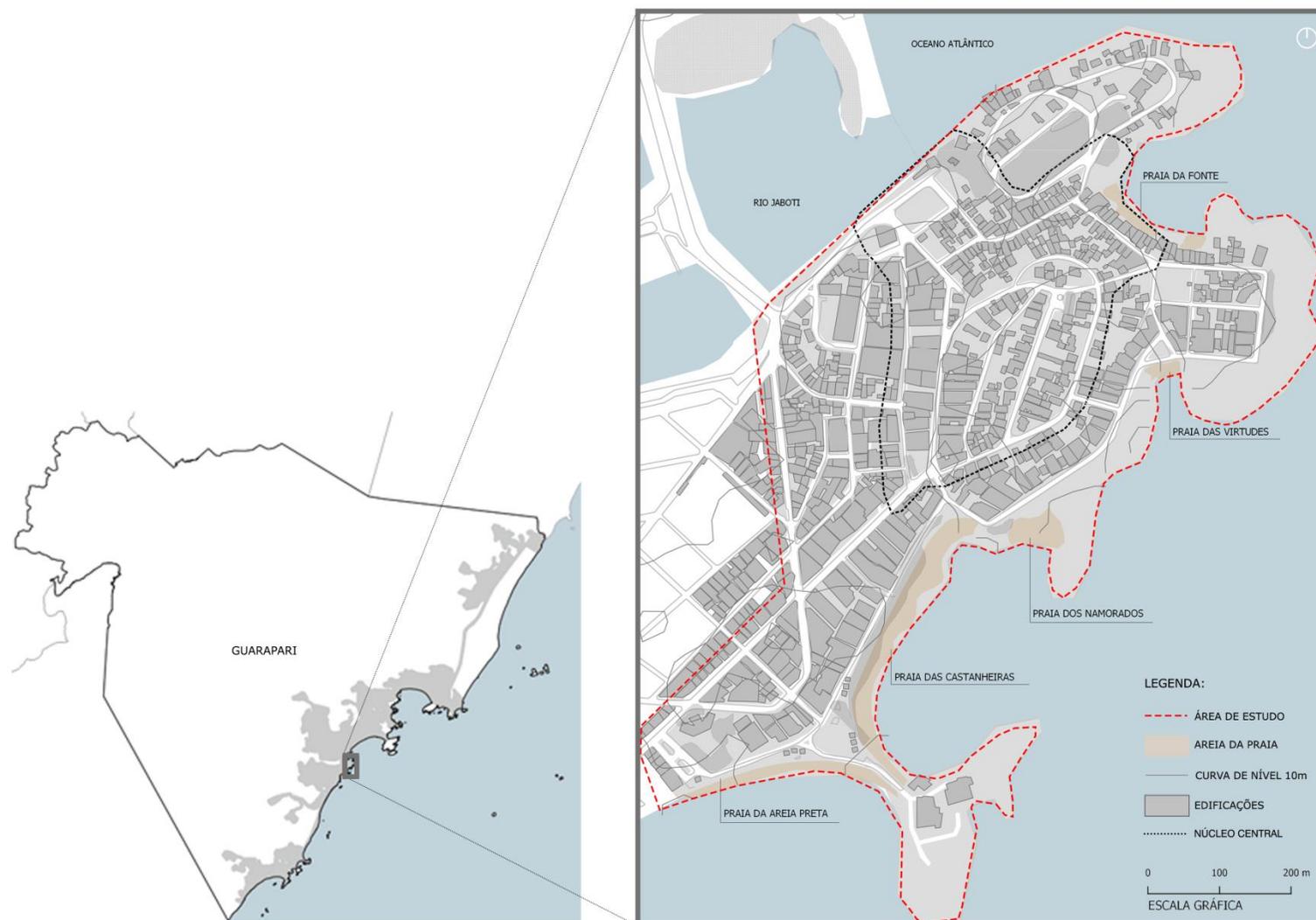


Fonte: Elaborado pela autora com base nos shapes disponibilizados pelo IBGE (2021).

Tendo em vista as questões levantadas anteriormente, e partindo das noções de Conzen (2022) já expostas a respeito da análise da paisagem urbana, definiu-se o recorte físico-temporal em que esse estudo se expressa. Uma vez que Guarapari foi uma das primeiras vilas de povoamento colonial português (BOUDOU, 2017), encontrou-se no seu núcleo central uma possibilidade de compreensão da evolução urbana do território, a partir da análise das transformações morfológicas sucessivas no tempo.

Com a intenção de analisar essas transformações, a área de estudo definida para essa pesquisa é marcada pelos limites municipais estabelecidos pelo bairro Centro, justamente por ele ter se formado a partir dos processos de expansão do núcleo central original de Guarapari. Na Figura 2, pode-se observar a localização da área de estudo e a demarcação da área correspondente ao núcleo central, que deu origem ao centro histórico, local onde se deu o início do processo de urbanização, uma vez que foi o espaço escolhido pelos colonizadores para a fundação da vila em 1585.

Figura 2 – Localização da área de estudo



Fonte: Elaborado pela autora com base nos *shapes* disponibilizados pelo IBGE (2023).

Para compreender a evolução urbana do território e as transformações morfológicas incidentes sobre o plano urbano, optou-se por iniciar a abordagem temporal partindo da chegada dos portugueses em terras guaraparienses, em 1557, perpassando então pelos períodos: colonial, imperial e republicano. Por falta de fontes documentais, o período pré-colonial não foi considerado para análise. Outro recorte necessário foi quanto aos elementos morfológicos estudados. Dessa maneira, com base na premissa de que as características ambientais condicionam e dão suporte ao plano urbano, e que sobre ele se dão as manifestações antrópicas, estabeleceu-se foco de análise no plano urbano, elemento de maior permanência formal na paisagem urbana (CONZEN, 2022).

Justificativa

A justificativa para o desenvolvimento desta pesquisa está atrelada à contribuição no debate internacional a respeito dos estudos sobre os espaços livres enquanto sistêmicos e integrantes à morfologia urbana (MACEDO; CUSTÓDIO; DONOSO, 2011). Assim sendo, entendendo que a cidade brasileira passou por modificações formais ao longo do tempo, a partir do estudo da forma urbana do núcleo central de Guarapari, buscou-se somar forças às pesquisas voltadas às cidades coloniais brasileiras.

Guarapari teve seu núcleo de formação no período colonial, sendo a quarta aldeia da capitania do Espírito Santo a ser colonizada pelos portugueses (BOUDOU, 2017). Com características de ocupação que correspondem aos padrões de ocupação portugueses do século XVI, a cidade desempenhou papel articulador entre as demais cidades coloniais da Capitania do Espírito Santo devido à importância de seu porto (ROCHA, 2019).

Nesse contexto, é importante salientar que a cidade brasileira, de acordo com Marx (1980), no início da colonização portuguesa, foi caracterizada apenas como um ponto de apoio para o tráfico português, e por isso a sua fundação se deu exclusivamente ao longo da costa. Assim sendo, o sítio urbano no período colonial, em especial nas primeiras fundações, fez-se "[...] no litoral para sua ligação com a metrópole lusitana [...] Por isso, o porto foi essencial e decisivo para situar uma feitoria nova. Depois, a necessidade de defendê-lo impôs determinados acidentes geográficos" (MARX, 1980, p. 19).

A cidade colonial reflete as características do “típico aglomerado medieval lusitano” (MARX, 1980, p. 24), e é acomodada em terrenos acidentados em acrópole. Marcadas pela irregularidade no traçado, ruas tortas e com angulações diferentes, variação de largura de ruas, e edificações religiosas, cercadas por construções, que desempenhavam importante papel sócio-econômico-cultural na sociedade colonial (MARX, 1980).

Trazendo essas descrições para o objeto empírico, Guarapari carrega características formais do período colonial, mas com o processo intenso de urbanização das décadas recentes, e a longevidade da sua ocupação, algumas das características iniciais foram sendo diluídas e mescladas a outros momentos históricos vivenciados. Em vista disso, estabelece-se que compreender os processos morfológicos que incidiram sobre a cidade ao longo do tempo, é também uma maneira de compreender o histórico do lugar.

Assim, a morfologia urbana é utilizada neste trabalho, como uma auxiliadora no processo de compreensão das transformações incidentes no espaço, uma vez que ela é o estudo que analisa a cidade, sua forma física, processos e composição (MOUDON, 1997). Sendo assim, ela pode ser compreendida como “o estudo da forma urbana, considerando-a um produto físico das ações da sociedade sobre o meio, que vão edificando-o, ao longo do tempo” (COSTA; NETTO, 2015).

Para além, justifica-se a elaboração deste estudo devido à necessidade de sintetizar, organizar e produzir informações de domínio público acerca de Guarapari. Isso se dá, porque, até o momento, existem poucas pesquisas relacionadas à cidade no que diz respeito à expansão urbana, morfologia urbana e espaços livres de uso público.

Portanto, busca-se analisar as modificações ocorridas na cidade, no que diz respeito à produção da cidade e dos espaços livres de uso público, de forma a compreender como esse processo se deu desde a sua formação territorial. Uma vez que à medida que os processos sociais, econômicos e políticos se modificam ao longo do tempo, com os diversos momentos históricos, o nível de urbanização, de desenho urbano e modalidades de uso do território também se alteram (SANTOS, 2020).

Materiais e métodos

A partir dos processos expostos, estabeleceu-se que nesse estudo a estratégia metodológica tem caráter qualitativo e documental, compreendida por estudos bibliográficos, análise de cartografias, fotografias, documentos históricos, e ainda de atividades de campo. Amparada nas bases conceituais da Escola Inglesa de Morfologia Urbana (MOUDON, 1997; CONZEN, 2022) e na aplicação do método histórico-geográfico (KROPF, 2009; CONZEN, 2022), essa pesquisa visou integrar aspectos relacionados aos espaços livres e à morfologia urbana, articulando uma abordagem acerca do plano urbano. Essas questões foram desenvolvidas e destrinchadas no primeiro capítulo, onde se apresentou as bases teóricas, conceituais e metodológicas que guiaram esse trabalho.

As fontes documentais utilizadas foram cartografias, fotografias antigas e documentos históricos textuais, tais como: cartas de viajantes, documentos de governo, reportagens de jornais e revistas. As cartografias e fotografias foram as principais informações iconográficas que auxiliaram na determinação dos períodos evolutivos ao longo do tempo. Isso se deu, porque a partir da seleção, catalogação e comparação delas, pode-se compreender o espaço, de forma visual, e identificar as modificações formais na paisagem urbana. Importante dizer que a organização desses documentos iconográficos perpassou pela disposição deles em formato de linha do tempo, e que isso auxiliou na periodização das formas semelhantes no tempo. A periodização, de acordo com Corrêa (1987), é a delimitação de tempos históricos em um espaço geográfico.

Assim, a investigação dos processos incidentes no plano urbano se deu por meio da análise visual das cartografias e fotografias, e culminou no redesenho da área de estudo em cada um dos períodos determinados. Importante salientar que, poucas foram as cartografias encontradas que tratassem da área de estudo, e por isso o redesenho se deu em sua maior parte baseado em fotografias. Assim, como a periodização e os redesenhos foram elaborados a partir das iconografias que foram encontradas durante o desenvolvimento desta pesquisa, não é descartada a possibilidade de modificações na leitura do território à medida que outras fontes sejam encontradas. Para além, ressalta-se que foi representado e considerado apenas aquilo que era visível a partir do material utilizado, e isso pode ter contribuído para a

não representação de algum elemento; no entanto, presume-se que os principais espaços de cada um dos períodos tenham sido documentados ou identificados.

Para além, estudos acadêmicos e livros também foram utilizados como referências bibliográficas que auxiliaram na delimitação conceitual deste trabalho. O aprofundamento de cada um deles foi realizado no primeiro capítulo dessa dissertação. Foram utilizados Macedo (1995), Magnoli (2006) e Queiroga (2014) como leituras seminais voltadas ao estudo dos espaços livres de uso público, auxiliando a conceituação e compreensão dessa temática. No que tange à forma urbana, autores como Conzen (2022), Moudon (1997) e Lamas (2011) foram referências primordiais para o entendimento da morfologia urbana, dos conceitos que a engloba e das abordagens morfológicas.

No que se refere ao recorte territorial e objeto da pesquisa, os escritos de Mello (1971) e os estudos de Bueno (2011), Boudou (2017) e Rocha (2019) contribuíram para o entendimento da história de Guarapari, sua produção urbana e expansão ao longo do tempo, e para referências de dados geográficos. O primeiro se dedicou a descrever a cidade em suas visitas realizadas em meados do século XX, e a segunda buscou fazer um apanhado geral sobre informações sobre Guarapari. Os dois últimos tratam da cidade, sob a perspectiva da geografia urbana, sendo Boudou (2017) pertinente no que se refere às diferentes abordagens e usos que as praias de Guarapari tiveram no decorrer dos anos, e Rocha (2019) apresentando um estudo da verticalização do centro da cidade.

Quanto à linha de pesquisa, este trabalho foi caracterizado, segundo a classificação de Gil (2009), como indutivo, uma vez que parte de um objeto particular (a região central de Guarapari) para se chegar a conclusões gerais (a evolução urbana do território).

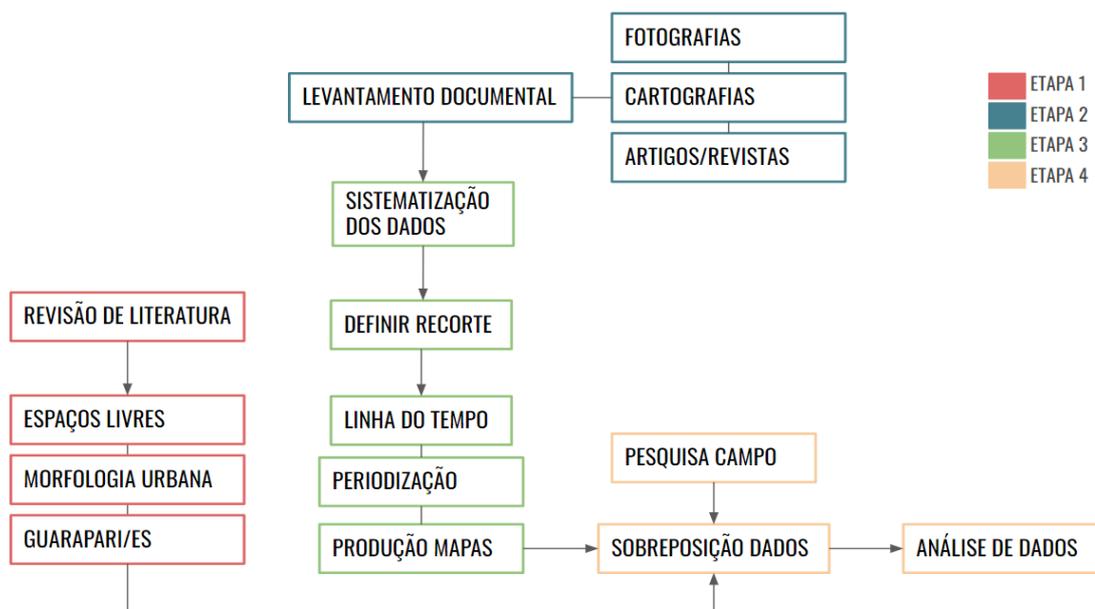
Os trabalhos de Reis Filho (1968), Pereira Costa e Gimmler Netto (2017) e Botechia (2019), foram referências fundamentais. O primeiro trata da evolução urbana das cidades brasileiras, desde o período colonial, e conversa com esse trabalho a partir da abordagem acerca dos processos incididos na cidade. O segundo aborda os princípios da morfologia, apresentando características gerais sobre as escolas de morfologia urbana. Ele guiou os direcionamentos desse trabalho, a partir das

observações descritas sobre a Escola Inglesa de Morfologia Urbana. O terceiro analisa, por meio da forma urbana, os processos morfológicos incidentes no Eixo Maruípe ao longo do tempo, importante rua de Vitória/ES. Ao apresentar métodos da morfologia urbana, como a periodização e o redesenho, a dissertação aqui desenvolvida se aproxima em termos metodológicos da tese referencial.

No que diz respeito ao estudo empírico, a pesquisa se deu em quatro principais etapas. A primeira compreendeu a revisão de literatura, onde se tratou das abordagens sobre morfologia urbana, espaços livres e Guarapari/ES. A segunda envolveu o levantamento documental e a partir deste, a identificação e a organização da documentação que pudesse contribuir para a compreensão da área de estudo.

A terceira etapa perpassou pela sistematização de dados, organização de documentos em formato de linha do tempo, periodização e o redesenho de cada um dos períodos, em formato de mapas. Esse procedimento foi realizado no software *QGis* e *Adobe Photoshop*. A quarta etapa se deu através da interpretação das informações, correlacionando as diferentes fontes documentais, associando a forma urbana de cada período ao seu contexto histórico. As atividades de campo, por sua vez, permitiram um contato direto com a área de estudo, bem como o reconhecimento das características atuais da forma urbana do recorte territorial, e a possibilidade de realização de estudos fotográficos. Todas essas etapas foram descritas de forma mais minuciosa no primeiro capítulo. Na Figura 3 é possível analisar o diagrama metodológico, elaborado a fim de sintetizar as etapas descritas neste trabalho e facilitar a compreensão das mesmas.

Figura 3 – Diagrama metodológico



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Estrutura da dissertação

Este trabalho foi estruturado em quatro partes principais, que se complementam, e que ao fim englobam todas as questões levantadas e cumprem com os objetivos definidos.

O primeiro capítulo se refere às bases conceituais e metodológicas do estudo, a partir da compreensão acerca da morfologia urbana e dos espaços livres, dedicando-se à compreensão do plano urbano e o sistema viário como elemento estruturante da forma urbana (MACEDO, 1995; MAGNOLI, 2006; QUEIROGA, 2014). Evidencia-se que a abordagem acerca da morfologia urbana se deu com foco na Escola Inglesa de Morfologia Urbana (CONZEN, 1960; PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017). Dessa maneira, pretendeu-se delimitar os conceitos fundamentais que se aproximam deste trabalho, dialogando com autores que proporcionem uma base sólida para embasamento teórico. Assim, foram apresentados os conceitos de forma geral, fazendo um paralelo com o objeto de estudo, para que nos capítulos posteriores, essa abordagem fosse aprofundada.

No segundo capítulo, dedicou-se a associar as abordagens tratadas no capítulo anterior ao objeto de estudo, sob os direcionamentos do método histórico-geográfico. Portanto, foi apresentado um panorama geral da estrutura urbana da cidade de

Guarapari/ES, bem como da sua formação geológica. Essa etapa precedeu a apresentação do recorte espacial analisado, que é o núcleo central de Guarapari e a sua expansão, constituindo os limites municipais do bairro Centro, e se justificou pela importância de compreender que ele é um fragmento de uma dinâmica espacial complexa, e, portanto, não está desassociado dela.

Tendo isso em vista, foram expostas as características da estrutura urbana e dos aspectos geofísicos, dessa vez para a área de estudo. Ao fim do capítulo, organizou-se uma linha do tempo, a partir das iconografias as quais se teve acesso, todas, referentes ao objeto empírico. Esta organização dos documentos em ordem cronológica possibilitou o agrupamento, a partir da similaridade na forma urbana, e a determinação dos períodos em que o plano urbano continha uma paisagem semelhante. Dessa maneira, os conceitos de Conzen (2022) sobre os processos morfológicos foram utilizados como primordiais para o desenvolvimento deste capítulo.

No terceiro capítulo foram apresentados os resultados obtidos a partir dos procedimentos metodológicos estabelecidos, embasado no método histórico-geográfico. Este se materializou na condição de descrição, análise e produção de conteúdo referente ao objeto empírico, a partir do redesenho de cartografias e fotografias para cada um dos períodos evolutivos definidos. Assim, esses períodos, foram associados aos períodos históricos, e pode-se organizar de forma cronológica as informações referentes ao processo histórico evolutivo do núcleo central de Guarapari, bem como da sua expansão. Partindo da análise tripartite da paisagem, estabelecida pela Escola Inglesa de Morfologia Urbana, a crítica se limitou ao plano urbano e seus desdobramentos. Em último momento, foi identificado o sistema viário existente na paisagem urbana em cada um dos períodos, sendo possível verificar quais teriam sido os processos morfológicos incidentes sobre ele.

O quarto capítulo foi palco das discussões e interpretações a respeito dos resultados obtidos, culminando nas considerações finais. Retomando os conceitos previamente expostos e sobrepondo-os ao material produzido, estabeleceu-se uma correlação entre a evolução da paisagem urbana do núcleo central de Guarapari e da sua expansão, junto aos processos históricos incidentes sob o território. Por fim, foram

expostas possíveis contribuições de estudo sobre o objeto empírico, bem como, a influência do estudo da forma urbana para se obter os resultados que se apresentaram.

1. BASES TEÓRICAS, CONCEITUAIS E METODOLÓGICAS: UMA ABORDAGEM ACERCA DO ESTUDO DO PLANO E DA FORMA URBANA

Este capítulo foi destinado a apresentar as bases teóricas, conceituais e metodológicas que orientaram o desenvolvimento desta pesquisa. Partindo da compreensão dos conceitos que dizem respeito ao plano urbano e a importância de estudá-lo ao longo do tempo, buscou-se associar a composição formal ao processo histórico. Dessa maneira, encontrou-se na morfologia urbana as bases que consolidam essa análise a partir da investigação das transformações incidentes na paisagem. Assim sendo, esse capítulo foi dividido em três partes principais: a que direciona o estudo do plano urbano ao longo do tempo; a que se refere à morfologia urbana; e por fim, a que expõe as notas metodológicas da pesquisa.

1.1. DISCUSSÕES QUE ENVOLVEM O ESTUDO DO PLANO URBANO

Para iniciar a discussão, neste tópico, dedicou-se a trazer um diálogo acerca do plano urbano, bem como de apresentar suas definições e as abordagens que conversam com este elemento. A fim de deixar claro quais os limites conceituais dessa pesquisa, discorreu-se sobre o sistema de espaços livres, no qual as ruas que compõem o plano urbano são integrantes, bem como sobre a importância de estudá-las ao longo do tempo.

1.1.1. O plano urbano e as contribuições para o debate sobre o sistema de espaços livres

As noções conceituais sobre o plano urbano remetem aos estudos de Conzen (2022) que o define como a “disposição topográfica de uma área urbana em todas as suas características construídas pelo homem” (p. 5). Nesse sentido, é indissociável a compreensão de que o plano é um dos componentes da paisagem urbana, que junto ao tecido e ao uso do solo constituem a noção da visão tripartida da paisagem. Destaca-se que os três elementos são

[...] interdependentes na realidade geográfica da paisagem urbana, e o seu tratamento em separado é apenas uma questão de ênfase e não de divisão sistemática e rigorosa. É possível, no entanto, reivindicar a prioridade para o plano de cidade com o fundamento de que ele constitui a estrutura inevitável para as outras características construídas, e fornece a ligação física entre elas, por um lado, e com o sítio físico e o passado da cidade, por outro (CONZEN, 2022, p. 4).

Assim, sendo o plano urbano o enfoque de estudo deste trabalho, destaca-se que ele é constituído como um dos componentes do complexo formal da paisagem, e uma variável que envolve as ruas e a sua organização enquanto sistema, as parcelas e sua composição em quarteirão, e o padrão de lotes e edificações, em específico sua implantação. O plano é um elemento formal condicionado pelas características ambientais do sítio físico, e aquele que dá suporte ao demais elementos (CONZEN, 2022).

Diante dessa perspectiva, “o termo rua refere-se ao espaço aberto delimitado por linhas de rua e reservado para o uso de tráfego de superfície de qualquer tipo” (COZEN, 2022, p. 4). Esses espaços, quando organizados e lidos de forma independente dos demais elementos do plano, são denominados de sistemas de ruas ou sistema viário. As demais áreas, não ocupadas pelas ruas, compõem aquilo denominado de quarteirões, que podem se constituir como elementos contíguos ou únicos, denominados de parcelas. Sobre elas são implantados os edifícios, e a partir delas, pode-se ler e compreender o uso do solo, a partir da planta de implantação e a área ocupada pelo edifício (CONZEN, 2022).

A combinação entre os três elementos complexos do plano urbano, a depender dos aspectos ambientais do sítio físico, resultam em composições formais individuais, e a partir da análise do plano, pode-se compreendê-las separadamente. Isso se dá, justamente porque

[...] os planos de cidade têm origem, desenvolvem-se e funcionam dentro de um contexto físico e humano, sem o qual permanecem incompreensíveis. Assim, a análise do plano inclui a avaliação das condições físicas do sítio e da situação, bem como do desenvolvimento económico e social (CONZEN, 2022, p. 5).

Para além, o plano é o complexo formal da paisagem urbana que se transforma mais lentamente, já que está associado a investimentos públicos, e dá suporte ao sistema viário. Este, por sua vez, pode ser compreendido com um espaço livre de uso público. Assim sendo, adentrando na abordagem sobre espaços públicos, acrescentam-se as definições de Magnoli (1986 apud QUEIROGA, 2014, p. 110) acerca do espaço livre. Para a autora, os espaços livres (EL) são definidos como qualquer espaço “descoberto, urbano ou não, vegetado ou não, público ou privado” livre de edificação ou urbanização.

Dessa forma, no contexto urbano, o espaço livre é “[...] todo espaço não ocupado por um volume edificado” (MAGNOLI, 2006, p. 179). Fazem parte dessa classificação elementos morfológicos como as ruas, calçadas, vias, canteiros, terrenos baldios, rios, e todos os espaços por “[...] onde as pessoas fluem no seu dia a dia em direção ao trabalho, ao lazer ou à moradia ou ainda exercem atividades específicas” (MACEDO, 1995, p. 16).

Queiroga (2014) afirma que a relação entre todos os elementos caracterizados enquanto espaços livres se conectam e complementam, compondo um Sistema de Espaços Livres (SEL) urbanos. O autor propõe ainda, entender o SEL urbano “[...] como os elementos e as relações que organizam e estruturam o conjunto de todos os espaços livres de um determinado recorte urbano – da escala intraurbana à regional” (QUEIROGA, 2014, p. 110).

Portanto, a noção do sistema está interligada com suas dimensões funcionais e organizacionais e ainda com suas escalas de abrangência. Esse sistema está presente em todas as cidades em maior ou menor intensidade, já que qualquer cidade possui, mesmo que minimamente, ao menos um sistema viário no seu território, que é o principal conector físico entre EL. No entanto, dizer que toda cidade “possui um sistema de espaços livres não significa dizer que ele apresenta desempenho ambiental ou social satisfatório, mas sim reconhecer que o SEL urbano é fundamental na própria existência da cidade” (QUEIROGA, 2014, p. 111). Portanto, não cabe nos objetivos desse trabalho a análise qualitativa do sistema de espaços livres analisados, tampouco de fazer juízo de valor. Dedicar-se a análise da composição formal do plano urbano, em especial do sistema de ruas, explicitando que ele compõe aquilo que se compreende como espaço livre de uso público.

Esses espaços livres, em especial os públicos, desempenham um papel fundamental dentro do ambiente urbano, já que são neles que as relações sociais nas cidades se manifestam (SABOYA, 2016). Assim sendo, entende-se que eles compõem uma das principais infraestruturas de uma cidade, principalmente em se tratando das ruas, que têm “um papel estruturador na constituição da forma urbana, pois reflete as formas de mobilidade, acessibilidade e circulação, parcelamento e propriedade da terra urbana” (MACEDO *et. al.*, 2018, p. 14).

Simões (2016) chama atenção para a composição urbana que é estruturada a partir da relação entre os espaços livres e edificados. Esta, por sua vez, é resultante dos processos antrópicos no território somado à conformação do sítio físico, que é uma condicionante da forma urbana desses espaços. É importante salientar que “[...] o sítio contém já em muitos casos a gênese e o potencial gerador das formas construídas, pelo apontar de um traçado, pela expressão de um lugar” (LAMAS, 2004, p. 63).

1.2. CONTRIBUIÇÕES DA MORFOLOGIA URBANA PARA O ESTUDO DO PLANO URBANO

Nessa etapa, dedicou-se a tratar acerca dos conceitos e métodos que dizem respeito à morfologia urbana, de maneira a atrelar a temática aos estudos das transformações formais do plano urbano ao longo do tempo. Tendo em vista de que ele é o elemento de análise dessa pesquisa, buscou-se compreender o seu estudo de forma geral, para posterior aplicação no objeto empírico. Dessa maneira, percorreu-se, sobre os principais autores e grupos de pesquisas que abordam sobre a morfologia, bem como se estabeleceu uma abordagem voltada à Escola Inglesa de Morfologia Urbana e ao método histórico-geográfico.

1.2.1. As discussões acerca da morfologia urbana

A fim de facilitar a compreensão acerca da morfologia urbana e induzir o pensamento lógico dessa pesquisa, dedicou-se, em primeiro momento, a trazer conceituações sobre a temática. Dessa maneira, cabe dizer que as discussões que envolvem o termo Morfologia Urbana e o seu significado são amplamente debatidos entre os pesquisadores e estudiosos, e ainda hoje não existe um consenso relacionado a esses debates. Isso se dá justamente porque a morfologia urbana extrapola o que o seu significado literal indica.

Pereira Costa e Gimmler Netto (2017) apresentam, em seus estudos, uma discussão acerca dos conceitos e significados que envolvem a morfologia urbana, e indicam que apesar do termo ser comumente associado ao estudo da forma urbana, a morfologia envolve não apenas os aspectos físicos, mas também os processos que se deram na formação do território.

A completar, Moudon (1997) afirma que morfologia urbana é o estudo, no campo teórico-metodológico, que analisa a cidade, sua forma física, processos e composição, entendendo-a como habitat humano, que é, para Lévi-Strauss (1955), a invenção humana mais complexa. Lamas (2011) acrescenta que a morfologia se além aos elementos físicos e composições espaciais, não incluindo em seus estudos os “fenômenos sociais, econômicos e outros motores da urbanização” (LAMAS, 2011, p. 38). Os principais elementos constitutivos na forma urbana, e, portanto, analisados nos estudos morfológicos, são: os edifícios, as parcelas e as ruas. Eles podem ser interpretados em quatro níveis: região, cidade, rua ou parcela (MOUDON, 1997).

Michael P. Conzen, em seu discurso no *XX Seminar on Urban Form*, em 2012, apresentou a Morfologia Urbana como

o estudo da forma edificada das cidades, cujo estudo busca explicar o traçado e a composição espacial de estruturas urbanas e espaços aberto, de caráter material e significado simbólico, à luz das forças que as criaram, expandiram, diversificaram e as transformaram (PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, p. 31, 2017).

Assim sendo, esta dissertação parte do pressuposto de que a morfologia urbana é o estudo dos processos que produzem a forma urbana. Enquanto que a forma urbana, enquanto elemento físico, é o resultado dos processos e ações sociais no território, que edificam o espaço ao longo do tempo e o transforma. Portanto, ao se tratar do solo edificado, ela “está intrinsecamente relacionada às construções, às edificações, aos parcelamentos e aos espaços livres” (PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017, p. 31).

Moudon (1997) designa que a análise morfológica é lida e baseada, a partir de sua forma física, seguindo três princípios: o primeiro indica que a forma urbana é definida por edifícios e os seus espaços livres, lotes, quarteirões e ruas; o segundo define que a forma urbana pode ser entendida a partir de diferentes níveis de resolução ou escala, sendo eles o prédio/lote, a rua/quarteirão, a cidade e a região; e por fim, o terceiro princípio, institui que a forma urbana só pode ser compreendida a partir de uma visão histórica, já que os elementos que a compõem são consequência da ação social e estão em constante transformação e substituição formal.

Partindo desse panorama, encontrou-se na morfologia urbana uma maneira de compreender os processos morfológicos incidentes sobre o plano urbano do núcleo

central de Guarapari, bem como da sua expansão ao longo dos anos. Para além, a partir da análise da forma urbana ao longo do tempo, pode-se verificar as transformações que se sucederam sobre o objeto de estudo.

Diante disso, faz-se fundamental compreender que o estudo da forma urbana e da composição formal da paisagem deve ser conduzido de acordo com as escolas e abordagens morfológicas existentes. A diferença entre elas, e, portanto, das correntes analíticas das escolas de Morfologia Urbana, é a ênfase que cada análise dá em alguns elementos mais do que os outros (PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017).

Segundo Moudon (1997), as principais escolas de morfologia urbana são: a italiana, que originou das pesquisas do professor e arquiteto Saverio Muratori; inglesa (ou anglo-saxã), que teve como precursor o geógrafo alemão Michael Robert Gunter Conzen; e francesa, que se deu a partir dos trabalhos de Philippe Panerai, Jean Castex e Jean-Charles De Paule. Pereira Costa e Gimmler Netto (2017), por sua vez, indicam que as escolas tradicionais de morfologia urbana são apenas a Escola Inglesa e a Italiana, apesar de reconhecerem a contribuição efetiva dos professores e pesquisadores franceses que se voltam para os estudos da Morfologia Urbana. Assim, esse trabalho foi embasado nos conceitos apresentados pela Escola Inglesa e as bases dela encontram-se apresentadas no tópico a seguir.

1.2.2. A Escola Inglesa de Morfologia Urbana

A Escola Inglesa de Morfologia, ou escola Conzeniana como também é conhecida, tem seus antecedentes imediatos no final do século XIX e foi fundada por Michael Robert Gunter Conzen (MRG Conzen), geógrafo alemão que nasceu em 1907, em Berlim.

As bases conceituais dessa escola têm seus fundamentos pautados nos pensamentos e abordagens presentes na Alemanha no final do século XIX, que introduziram no ensino da geografia a noção de paisagem. Essa linha de estudo, que teve seu início por volta de 1899, foi posteriormente denominada de Geografia Humana, e tem como ponto inicial os estudos desenvolvidos pelo historiador Johannes Fritz, em 1894, que

estabelecem os princípios morfológicos (PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017).

Durante o período de formação e desenvolvimento acadêmico de MRG Conzen, outras duas atividades influenciaram a sua noção de observação e análise da cidade. A primeira foi o trabalho temporário desenvolvido por ele como mensageiro dos correios na cidade de Berlim, que fez com que ele desenvolvesse conhecimento espacial e habilidade de deslocamento territorial. A segunda diz respeito às excursões feitas por ele pelo território da Alemanha e de países vizinhos para desenvolver trabalhos de campo no curso de Geografia e ainda, a participação em colóquios e discussões críticas acerca das pesquisas desenvolvidas na época (PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017).

Diante disso, os estudos elaborados por MRG Conzen utilizam a noção do objeto visual de pesquisa sob dois ângulos: o estritamente morfológico, baseado na estrutura formal da paisagem urbana e na diversificação das formas visíveis, ou seja, o plano urbanístico, o uso e a ocupação do solo; e os fatores dinâmicos da sociedade que produzem e alteram a paisagem urbana, por meio das transformações ocorridas ao longo dos anos. Dessa forma, o método de análise desenvolvido por Conzen, considera a paisagem urbana como fruto da participação da sociedade enquanto agente de produção do espaço, ou seja, compreende a paisagem urbana como produto da ação social (PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017). Dialogando com a pesquisa aqui desenvolvida, partiu-se das noções de Conzen para analisar o objeto empírico, considerando-as como o caminho para o estudo do plano urbano e das ruas que o compõe.

Em linhas gerais, a Escola Conzeniana, tem como objeto de estudo a evolução das formas urbanas ao longo do tempo com base nas modificações e transformações incidentes sobre ela, com o intuito de “estabelecer uma teoria sobre construção das cidades” (PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017, p. 35). Essa teoria é delineada a partir da investigação das transformações ocorridas no parcelamento do solo, e na identificação de elementos que repetem padrões semelhantes e que se destacaram na forma urbana, em determinados períodos de tempo. Estes são denominados de períodos morfológicos, e a sua definição tem relação com uma época específica da

história e das transformações formais da paisagem urbana referentes a esse momento, partindo de aspectos econômicos e culturais como produtores dessas modificações (PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017).

Assim sendo, as bases da Escola Inglesa de Morfologia Urbana, que partiram das ideias desenvolvidas por MRG Conzen, e foram posteriormente aprimoradas por seus discípulos, são constituídas por dez conceitos básicos: a historicidade como característica geral das paisagens urbanas; a paisagem urbana como palimpsesto; a análise da paisagem urbana; a análise do plano urbano; o processo morfológico; os *fringe belts* (cinturões periféricos); os lotes burgueses ou medievais; a combinação dos processos morfológicos (as unidades de planejamento; os tipos funcionais e regionais); e os atributos regionais (PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017).

1.2.2.1. O estudo de Alnwick e as bases conceituais da análise morfológica

Apesar de não terem sido muitas as publicações de MRG Conzen, ele desenvolveu um conjunto de obras fundamentais para a morfologia urbana, sendo um dos mais importantes estudos publicados até os dias atuais voltados à temática. Intitulado como *Alnwick, Northumberland - a study in town-plan analysis* (CONZEN, 2022), o seu primeiro livro, que foi publicado em 1960 e depois em 1969, compreende um trabalho minucioso e abrangente a respeito do estudo e desenho da forma física das cidades (OLIVEIRA, 2018). A segunda edição publicada possibilitou que MRG Conzen revisasse alguns conceitos e terminologias, novas interpretações sobre os dados analisados e a inserção de um glossário de termos técnicos que fazem parte da teoria morfológica (CONZEN, 2022).

O estudo de Alnwick se dedicou à análise geográfica do plano da cidade, a fim de “investigar um caso específico que permite antever resultados de significado geral, e ao adotar um ponto de vista evolutivo, procura estabelecer alguns conceitos básicos aplicáveis a fenômenos recorrentes em morfologia urbana” (CONZEN, 2022, p. 18). Para além, foi definido o significado de ‘plano urbano’ utilizado em seus estudos, como “a disposição topográfica de uma área urbana em todas as suas características construídas pelo homem” (CONZEN, 2022, p. 4).

Nesse sentido, e dialogando com este trabalho, Conzen (2022) afirma que o plano

urbano é composto por três complexos elementos, sendo eles: as ruas e o sistema de ruas; as parcelas e o seu agrupamento em quarteirões; e os edifícios e suas plantas de implantação. Ao termo rua, ele designa o espaço livre dedicado ao uso de tráfego de superfície, seja de pedestre ou qualquer outro tipo. Aos quarteirões associa as áreas não ocupadas por ruas, e delimitadas por linhas de ruas, sendo composto por um único ou um conjunto de elementos, e cada um desses elementos é caracterizado como uma parcela. A planta de implantação é, por fim, a área ocupada pelo edifício dentro da parcela.

A partir das análises sobre o plano urbano de Alnwick, Conzen (2022) desenvolveu a ideia inicial da divisão tripartida da paisagem urbana, que inclui o plano da cidade, o tecido e o uso do solo. É importante evidenciar que esse estudo indicou a análise detalhada da ideia de plano urbano, e que as pesquisas subsequentes foram aos poucos materializando as duas outras dimensões da visão tripartite. A visão tripartite da forma urbana indica uma análise por meio de escalas de aproximação, e pode ser compreendida a partir da lógica de ocupação sobre o solo (plano urbano), por agrupamentos e manchas com características semelhantes (tecidos urbanos), e pelo padrão de uso e ocupação do solo e edificação.

Além disso, Conzen elaborou ainda, alguns conceitos sobre o desenvolvimento urbano, como o de cintura periférica, região morfológica e da parcela burguesa. Estabelece também a noção de que a análise morfológica do plano da cidade envolve não apenas as condições físicas do sítio, mas ainda as características e desenvolvimento econômico e social (CONZEN, 2022).

Como fora dito, Conzen (2022) acreditava que as transformações incidentes na forma urbana estão diretamente relacionadas com a história cultural da região, e, portanto, quando um período atingiu o “auge das suas necessidades no uso do solo, ruas, lotes e edificações, outro o sobrepõe” (PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017, p. 53). Assim, o espaço temporal em que os elementos formais repetem padrões e tem poucas modificações visíveis no uso do solo, compõe um mesmo período morfológico. Da mesma maneira, quando são incluídas inovações formais na paisagem urbana, tem-se a composição de um novo período.

Cabe ressaltar que a rua é o elemento que apresentam o menor grau de

transformação. A ideia dos períodos morfológicos está associada ainda à noção de palimpsesto, que indica que forma urbana é composta por camadas sobrepostas que se acumulam no sítio natural (PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017). Diante disso, utilizaram-se esses princípios na análise do núcleo central de Guarapari e sua expansão: partindo da noção de que o plano é constituído por espaços livres (ruas e parcelas) e edificados (edifícios), determinou-se repetições de padrões na forma urbana e definiram-se os períodos morfológicos; com base neles analisou-se a evolução formal do plano, bem como suas transformações ao longo do tempo.

1.2.2.2. O método histórico-geográfico como o norteador dessa pesquisa

O método histórico-geográfico é o que direcionou o desenvolvimento dessa pesquisa portanto, optou-se por descrever os pensamentos que guiaram no seu desenvolvimento para posteriormente associá-lo ao objeto empírico.

A partir da análise de Alwick, Conzen (2022) desenvolveu um método de análise morfológica do plano urbano, que posteriormente foi denominado por Kropf (2009) de histórico-geográfico. Dentre as quatro abordagens morfológicas dominantes no debate internacional de morfologia urbana, esse método é o que se dedicou a sistematizar os estudos de Alwick desenvolvido por Conzen (2022). Importante destacar que ela consiste no estudo e transformações formal, por meio da análise dos processos morfológicos que dão origem às formas urbanas e às paisagens históricas, definidos como: acumulação, adaptação e substituição. O entendimento desses conceitos foi fundamental para a análise desenvolvida nessa dissertação.

Para Conzen (2022) todos esses processos estão associados à evolução e transformação incidente propiciada por fatores sociais e econômicos. Assim, a acumulação diz respeito ao processo de introdução de formas na paisagem urbana, seja ela por meio da adição primária ou secundária. A primária está associada à anexação da forma urbana a um núcleo já existente, enquanto a secundária trata da inserção de novos edifícios na paisagem urbana, seja por meio da modificação de um tipo ou da subdivisão de lotes.

O processo de adaptação, por sua vez, está interligado com a noção de adaptação de padrões e tipos da forma urbana, e o de substituição está relacionado com a troca de uma forma por outra. O autor expõe ainda que os dois últimos processos são

incidentes de forma menos frequente no plano urbano, e que este tende a ser o elemento morfológico mais persistente da paisagem urbana (CONZEN, 2022). Importante dizer que esses processos incidem sobre paisagens urbanas que se mantêm no mesmo sítio. Elas podem apresentar “variações nos tipos e nas intensidades das transformações, dependendo das causas das mudanças, tais como os períodos de prosperidade ou declínio econômico” (PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017, p. 107).

Ainda nos estudos de Alnwick, a aplicação dos conceitos morfológicos seguiu a ideia de evolução urbana da cidade por períodos morfológicos, o conceito de paisagem e a noção da visão tripartite do plano urbano. Dessa forma, o estudo tem início com a análise geográfica do sítio e da paisagem, por meio de mapas geológicos que apresentam curvas de níveis, e sobre eles as rotas que induzem o início do assentamento, o aparecimento do lugar e do sistema viário, por meio da gênese da forma. Em seguida o desenvolvimento urbano é descrito por meio dos períodos morfológicos, associados à questão social e econômica de cada período, e atrelado à concepção de paisagem urbana como produto da ação social (CONZEN, 2022).

Diante dessa abordagem conceitual acerca do método histórico-geográfico, no tópico a seguir foram descritas as intersecções e diálogos estabelecidos com a pesquisa desenvolvida nessa dissertação.

1.3. NOTAS METODOLÓGICAS: DIRECIONAMENTOS PARA O ESTUDO DA COMPOSIÇÃO FORMAL DO PLANO URBANO

Ao compreender as bases teóricas e conceituais que orientam e fundamentam este trabalho, pode-se então, explicitar o raciocínio metodológico que o conduziu. Assim sendo, dedicou-se nessa etapa a descrever, de forma minuciosa, as etapas que se sucederam, bem como os processos que foram cumpridos para se chegar ao objetivo definido. Essa descrição perpassa por duas principais fases: a estratégia metodológica e o procedimento de coleta de dados do objeto empírico.

1.3.1. A estratégia metodológica

Antes de tudo, é fundamental enfatizar que a Escola Inglesa de Morfologia Urbana tem forte influência no desenvolvimento desta pesquisa, a partir dos conceitos de

paisagem urbana e o estudo das transformações formais ao longo do tempo (MOUDON, 1997). Além disso, o método histórico-geográfico desenvolvido por Kropf (2009), onde são sistematizados os estudos do plano urbano de Alnwick (CONZEN, 2022), conduziram o percurso para a análise da área de estudo neste trabalho.

Assim, para que fosse possível investigar as transformações formais do plano urbano, procedeu-se com os direcionamentos de Conzen (2022) para a análise da paisagem. Dessa forma, partiu-se da estrutura urbana atual e comparou-se a composição formal materializada em cada período de forma retrospectiva. O resultado dessa análise foi exposto no capítulo três.

Assim, duas premissas foram estabelecidas por Conzen, e utilizadas neste trabalho, para a análise morfológica da paisagem: a composição sistemática e hierarquizada da forma urbana da paisagem, e a periodização de formas específicas no tempo (CONZEN, 2004 *apud* PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017).

O primeiro axioma diz respeito aos elementos estruturais da paisagem, constituídos de espaços livres e construídos, a partir da visão tripartite, ou seja, o plano urbano, o tecido urbano, o padrão de uso e ocupação do solo. Nesse sentido, propõe-se que sejam descritos e analisados aspectos voltados à formação do plano, incluindo os motivos da povoação, as normas urbanísticas que ditam o arranjo espacial dos lotes, a existência de edifícios religiosos e as normas eclesiásticas que influenciam a paisagem urbana. A partir dessa premissa, compreendem-se ainda os processos indutores de transformações espaciais no tempo, consequentes de alguma característica social, ambiental ou econômica (CONZEN, 2004 *apud* PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017).

A aplicação dessa premissa ao objeto empírico perpassou pela necessidade de compreender o processo histórico-evolutivo da cidade de Guarapari, bem como de conhecer seu relevo e o sítio físico que deu suporte ao plano. Nessa etapa, como mencionado anteriormente, debruçou-se nos trabalhos de Mello (1971), Bueno (2011), Boudou (2017) e Rocha (2019), que se dedicaram a estudar a cidade. Além disso, produziu-se um mapa síntese da estrutura urbana de Guarapari atual, a partir de *shapes* disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) e Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN, 2022).

O segundo axioma está voltado para a noção de periodização das formas específicas no tempo, uma vez que a forma urbana expressa as características de cada momento histórico. Portanto, essa premissa perpassa por outros estudos e disciplinas, como a história e a sociologia, para a compreensão dos processos morfológicos incidentes no espaço em determinado período.

Dessa forma, fez-se necessário entender que os períodos morfológicos são constituídos pela síntese dos períodos históricos e dos períodos evolutivos. O primeiro pode ser definido por eventos e fatos específicos demarcados por especificidades, como o período colonial, imperial e republicano no Brasil. O segundo, por sua vez, é caracterizado por datas flexíveis e características econômicas, sociais, políticas e culturais, sem precisão de tempo e definidos por convenção, marcados pela inovação e evolução de elementos (CONZEN, 2004 *apud* PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017).

Para aplicar a noção da periodização das formas específicas no tempo e prosseguir com a caracterização do sítio físico e sua evolução urbana, foi realizado o procedimento de determinação dos períodos evolutivos que compõem o objeto empírico.

Algumas dúvidas se fizeram presente nesse processo, uma vez que se pretendia determinar a periodização através da análise do plano urbano. Dentre elas, a de maior destaque envolvia os questionamentos sobre como analisar os elementos em períodos distantes. Por isso, iniciou-se uma busca por material que permitisse essa análise, sendo considerado, em primeiro momento, qualquer conteúdo que abrangesse a área de estudo.

Fotografias antigas, fotos aéreas, cartografias e pinturas foram fundamentais para esse processo. Assim, a partir da organização desses documentos em ordem cronológica, pode-se analisá-los e agrupá-los de acordo com a similaridade da forma. Esse processo permitiu determinar os períodos em que os elementos morfológicos tiveram aproximação formal. A esses, foram denominados de períodos evolutivos. Para completar a abordagem, associou-se estes ao processo histórico que o acompanhou, de maneira a estabelecer uma relação entre a história do lugar em cada tempo e a sua composição formal.

Superada essa etapa, seguiu-se com o redesenho do plano urbano baseado nos documentos iconográficos de cada período, para que fosse possível compreender as modificações formais ao longo do tempo. Destaca-se que o redesenho é uma ferramenta metodológica estabelecida pelo método histórico-geográfico que dá suporte às comparações da paisagem. Isso acontece porque através dele, pode-se analisar pares iguais, com características de representações semelhantes (BOTECHIA, 2019). A sistematização dessas informações foi exposta no tópico que se segue.

1.3.2. O procedimento de coleta e sistematização dos dados sobre o objeto empírico

A etapa de levantamento documental desempenhou grande importância para o desenvolvimento desta pesquisa, e sem ele, esta não poderia proceder. Dialogando com Botechia (2019), ressalta-se que os documentos históricos e iconográficos são fundamentais para que se possa fazer a verificação dos processos morfológicos incidentes em um território.

Assim, o primeiro passo para a recolha destes documentos, perpassou pela pesquisa em bancos de dados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, do Instituto Jones dos Santos Neves, do Arquivo Público Estadual, e do IBGE. Além disso, muito material fotográfico foi encontrado no grupo do *Facebook* Guarapari Memórias, onde os participantes disponibilizam fotografias próprias da cidade em períodos distintos. Foi possível encontrar cartografias, fotografias, documentos governamentais, e relatos de viajantes estrangeiros que estiveram na cidade e a descrevem. Foram então, catalogados todos os materiais que se relacionavam com o objeto de estudo.

Destaca-se ainda que junto a esta busca, procedeu-se com uma pesquisa por estudos que tratassem de Guarapari e que abordassem o seu histórico. Utilizou-se como suporte: a Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), a plataforma Capes e os trabalhos disponibilizados no site da Ufes.

No Quadro 1 foram expostos os principais documentos históricos textuais encontrados que tratassem da história de Guarapari e do Espírito Santo. Dissertações, teses, livros e documentos governamentais foram reunidos nesse quadro, tendo como única condicionante, a abordagem acerca do objeto de estudo.

Quadro 1 – Documentos textuais catalogados que tratam do histórico de Guarapari e Espírito Santo

LIVROS HISTÓRICOS			
Título	Autor	Local/Editora	Ano
Guarapari maravilha da natureza	Silva Mello	Rio de Janeiro: O Cruzeiro	1971
Guarapari é o seu nome	Antônio Nuñez	Rio de Janeiro: Unigrafic	1985
Donatários, colonos, índios e jesuítas. O início da Colonização do Espírito Santo	Nara Saletto	Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo	1998
História do Espírito Santo	José Teixeira de Oliveira	Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo	2008
Viagem de Pedro II ao Espírito Santo	Levy Rocha	Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo	2008
Guarapari muito mais que um sonho lindo	Beatriz Bueno	Brasília: Thesaurus	2011
Viagens à capitania do Espírito Santo: 200 anos das expedições científicas de Maximiliano Wied-Neuwied e Auguste Saint-Hilaire	Bruno César Nascimento	Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo	2018
Fontes sobre a história de Guarapari: Documentos cartorários do século XIX	Kátia Sausen da Motta; Thiara Bernardo Dutra	Vitória: Milfontes	2021
ARTIGOS			
Título	Autor	Congresso/Revista	Ano
Aldeamentos jesuítas na capitania do Espírito Santo: ocupação colonial e ressignificação da etnicidade indígena entre os séculos XVI e XVIII	Ricardo Batista de Oliveira	Temporalidades – Revista de História	2014
TESES E DISSERTAÇÕES			
Título	Autor	Programa	Ano
A narrativa histórica da superação do atraso: um desafio historiográfico do Espírito Santo	Rafael Cerqueira do Nascimento	Programa de Pós-Graduação em História - UFES	2016
Da “cidade-saúde” à “cidade –turismo”: a invenção da praia turística de Guarapari (ES) – uma geografia histórica dos usos do litoral	Christian Jean-Marie Boudou	Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFS	2017
Verticalização litorânea do centro de Guarapari: um estudo de caso em Geografia Urbana	Rhaony da Cruz Rocha	Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFES	2019
Uma “nova Bahia”: a história do bairro Adalberto Simão Naidier em Guarapari	Lucas Francisco Neto	Programa de Pós-Graduação em História - UFES	2020

Fonte: Elaborado pela autora com base em fontes diversas (2023).

No que diz respeito às iconografias, apesar da dificuldade de encontrar cartografias que retratassem o plano urbano de Guarapari, 68 documentos foram selecionados e catalogados. Desses, dois são mapas de 1863 e 1902, e os demais são fotografias que retratam diferentes épocas desde o início do século XX até os dias atuais. A organização desse material foi feita em planilha. Eles foram identificados e classificados a partir da combinação de quatro critérios: se era um documento que expressava uma edificação [ED] ou um espaço livre [EL]; sobre qual elemento se tratava, sendo plano urbano [PL], rua [R], praça/praias/largos [PR], templo religioso [I] ou outros [O]; sobre o espaço específico à que se refere que foi indicado por algarismos arábicos; e a data do documento. O Quadro 2 demonstra como foram organizadas essas informações.

Quadro 2 – Sistema de Organização das Iconografias

Tipo	Elemento	Descrição	ID
Espaço Edificado [ED]	Templo Religioso [I]	Matriz de Nossa Senhora da Conceição ou Ruínas da Matriz de Nossa Senhora da Conceição [1]	ED_I1
		Capela de Sant'Ana ou Antiga Matriz de Nossa Senhora da Conceição [2]	ED_I2
	Outros [O]	Radium Hotel [1]	ED_O1
		Siribeira late Clube [2]	ED_O2
Espaço Livre [EL]	Plano Urbano [PL]	Centro [1]	EL_PL1
	Rua [R]	Rua Direita ou Rua Getúlio Vargas [1]	EL_R1
		Rua da Boa Vista ou Rua da Tapera ou Avenida Joaquim da Silva Lima [2]	EL_R2
		Rua da Matriz ou Morro da Matriz [3]	EL_R3
	Praia, Praça ou Largo [PR]	Porto, Praça Municipal ou Praça Trajano Lino Gonçalves [1]	EL_PR1
		Praia da Fonte ou Fonte dos Jesuítas [2]	EL_PR2
		Praia das Castanheiras [3]	EL_PR3
		Praia da Areia Preta [4]	EL_PR4
		Praça Governador Bley ou Praça do Bradesco [5]	EL_PR5
		Largo da Conceição [6]	EL_PR6
Outros [O]	Cemitério Municipal [1]	EL_O1	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Superada a etapa de sistematização dos dados, eles foram organizados em ordem cronológica. Importante dizer que alguns apresentavam datas aproximadas, e assim o foram considerados, compreendendo que representavam as características de determinado período ou década, de acordo com a descrição encontrada. Algumas das iconografias, quando representavam os mesmos espaços, mesmo que em espaços temporais distintos, foram enumeradas, a fim de garantir um melhor controle sobre as informações. No Quadro 3, pode-se verificar como eles foram catalogados, e no Apêndice foi exposta a lista completa desses documentos.

Quadro 3 – Exemplo de cataoação das iconografias que tratam do objeto empírico

ID	N.	Iconografia	Ano	Título	Autor	Arquivo custodiador
EL_P L1	1		1863	Barre de Guarapari	E.Mouchez	IJSN
	Disponível em: http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/Record/20968					
EL_P R1	1		1872	Porto de Guarapari	Albert Richard Dietze	Enciclopedia Itaú Cultural
	Disponível em: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra16651/vista-geral-de-guarapari-atual-guarapari-espirito-santo					
EL_P L1	2		1902	Planta da Cidade de Guarapari	João Marinho de Mello	Arquivo Nacional
	Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_rjanrio_og/0/map/0114/br_rjanrio_og_0_map_0114_d0002de0002.pdf					
EL_P R1	2		1908	Porto de Guarapari	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
	Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=6639307376095117&set=gm.1790666934440406					

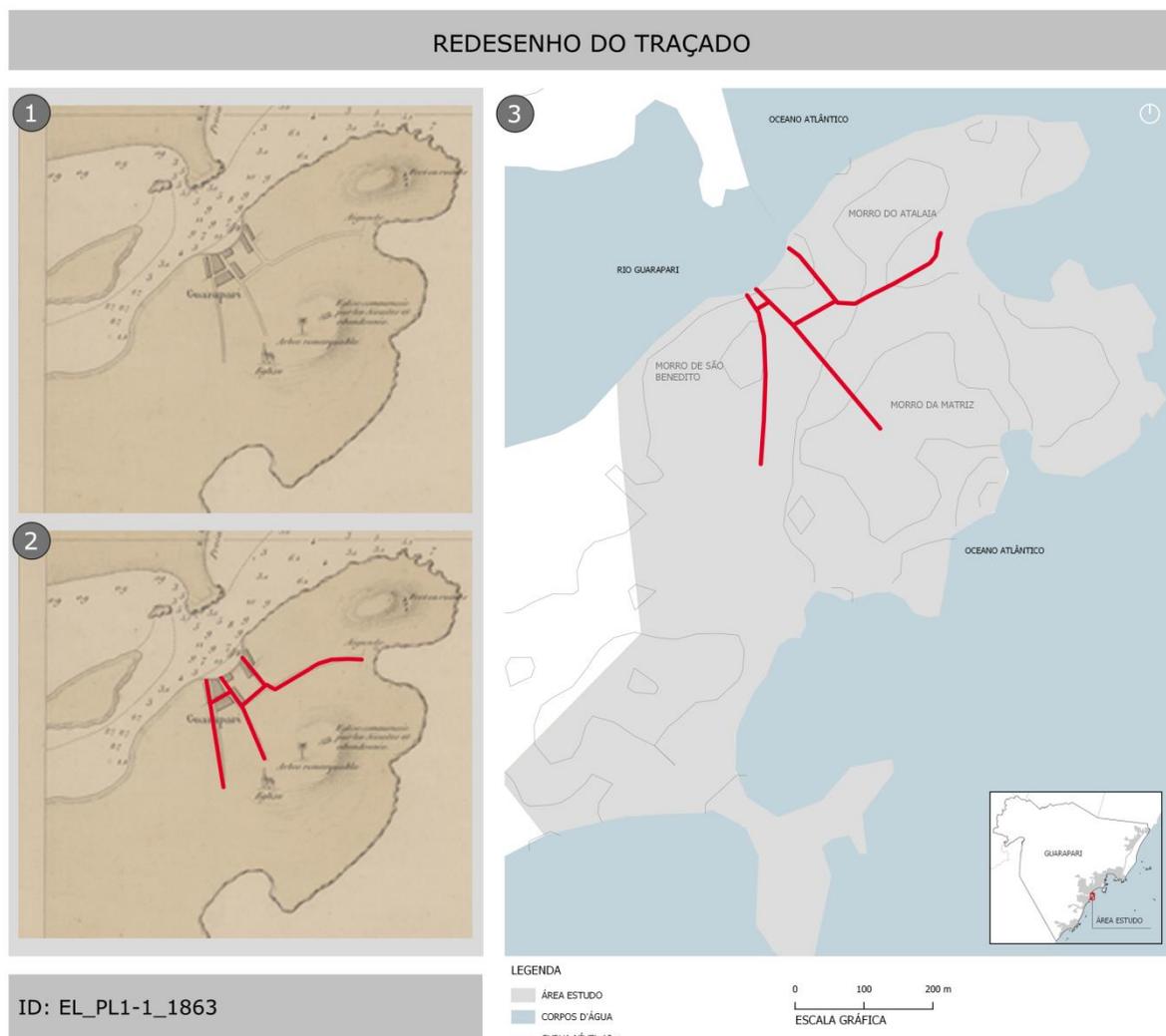
Fonte: Elaborado pela autora a partir de fontes diversas (2023)

Como fora descrito anteriormente, a organização desses dados de forma cronológica, permitiu o agrupamento deles por similaridade visual, onde se analisou

especificamente: o plano, a demarcação das ruas e a ocupação e uso do solo. Com o olhar atento para esses elementos, determinou-se a periodização das formas semelhantes no tempo. No capítulo dois, foram expostas todas as fotografias que contribuíram para isso, bem como os períodos determinados, e as características de cada um deles.

Procedeu-se, então, com o redesenho do plano urbano dos períodos morfológicos. Tomando como referência o atual, retrocedeu-se no tempo e a partir das fotografias selecionadas, materializou-se nos mapas, as características da paisagem urbana de cada um dos períodos. Assim, entende-se, nesse trabalho, a periodização como uma espécie de fotografia que expressa informações de tempos distintos com características semelhantes. Esse procedimento foi realizado no software *QGIS* e *Adobe Photoshop*, e os *shapes* de períodos pretéritos foram criados pela autora com base nos documentos iconográficos selecionados. Na Figura 4 pode-se visualizar uma parte do processo de redesenho, que seguiu a ordem: [1] seleção de cartografia ou fotografia, [2] identificação e demarcação do plano urbano na cartografia ou fotografia, e por fim, [3] redesenho das informações em mapa.

Figura 4 – Processo de redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 1863



Fonte: Elaborado pela autora (2022) a partir da cartografia de autoria de Mouchez (1863) disponibilizada pelo IJSN.

A visita de campo foi fundamental para que se pudesse fotografar a paisagem urbana atual do recorte estudado, permitindo uma comparação com as fotografias históricas apresentadas. Destaca-se que apesar da construção dos redesenhos terem sido feitas em uma perspectiva retrospectiva, a fim de facilitar a compreensão, a descrição deles se sucedeu em uma ordem cronológica. Ela encontra-se apresentada no capítulo dois.

Por fim, analisou-se as informações produzidas e seguiu-se para a interpretação dos dados. Com uma abordagem que dialogasse com os conceitos da morfologia urbana, desenvolveu-se uma síntese morfológica dos períodos, onde se comparou e analisou com base em Conzen (2022). Tratou-se, portanto, acerca: da persistência morfológica

identificadas no recorte estudado; da historicidade e estratificação histórica evidente no plano urbano; e da paisagem urbana do centro da cidade.

2. APLICAÇÃO E ESTUDO DE CASO: FORMAÇÃO E EXPANSÃO DO NÚCLEO CENTRAL DE GUARAPARI/ES

Após a compreensão das bases teóricas, conceituais e metodológicas que regem o desenvolvimento deste trabalho, tem-se em vista que ele se encontra associado aos estudos do plano e da forma urbana. Dessa maneira, foi necessário correlacionar os conceitos apresentados ao recorte espacial estudado.

Este capítulo se dedicou a tratar do objeto empírico a partir das premissas definidas por MRG Conzen para desenvolver a análise da paisagem urbana. Assim sendo, o capítulo foi estruturado e organizado em três partes. A primeira correspondeu à contextualização da área de estudo, tratando a composição e hierarquia da forma da cidade como um todo, para o entendimento das características de estrutura urbana atual e os aspectos geofísicos que marcaram a formação do sítio físico. A segunda se deteve a realizar a mesma análise, mas focada na área de estudo, que é o núcleo central de Guarapari e a sua expansão, delimitando como recorte o centro da cidade, a fim de compreender a formação do plano urbano. A terceira, por fim, buscou definir uma periodização das formas específicas no tempo, a partir da síntese de informações iconográficas referentes ao território, culminando na determinação de períodos morfológicos.

2.1. CARACTERÍSTICAS DA COMPOSIÇÃO DA FORMA URBANA SOBRE O SÍTIO FÍSICO DE GUARAPARI

A compreensão do sítio físico em que está implantado o núcleo urbano de Guarapari foi fundamental para embasar as análises morfológicas que desenvolvidas posteriormente. Dessa forma, conforme estabelecido pela metodologia da Escola Inglesa de Morfologia Urbana, esse tópico se dedica a apresentar a estrutura urbana contemporânea da cidade que é compreendida como “[...] a síntese das ações políticas, sociais, econômicas e culturais que resultaram na forma presente” (PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017, p. 71). Para além, foram apresentados os aspectos da camada ambiental que dá suporte ao sítio físico de Guarapari, bem como o plano urbano, incluindo suas características.

2.1.1. A estrutura urbana atual de Guarapari

Para tratar da estrutura urbana atual de Guarapari é importante considerar que a cidade faz parte da Região Metropolitana de Vitória, junto à Cariacica, Fundão, Serra, Viana, Vila Velha e a capital Vitória (VITÓRIA, 2017). Ela é caracterizada como o principal balneário do estado e esse fato faz com que a urbanização do território seja intensa, principalmente em áreas próximas da linha da costa, o que acarreta e/ou acelera alterações na geomorfologia do território (ALBINO; GIRARDI; NASCIMENTO, 2006).

Como pode ser visto na Figura 5, a área urbanizada de Guarapari se desenvolve ao longo do litoral com atividades concentradas principalmente em torno das praias do Morro, da Areia Preta, de Santa Mônica e de Meaípe. Destaca-se ainda, a relevância da Rodovia Jones dos Santos Neves, por onde é feita a ligação entre a área urbanizada e a BR 101 (Rodovia Vitória-Campos), e da Rodovia do Sol, que interliga a capital Vitória à Guarapari, iniciando-se na Terceira Ponte, passando por Vila Velha e chegando até o Trevo de Meaípe (RODOSOL, 2022).

É possível identificar três principais núcleos urbanos que fazem parte da cidade. O primeiro é constituído pelo bairro Centro e regiões adjacentes, incluindo as praias da Areia Preta, do Morro e de Santa Mônica. Outro núcleo identificado está localizado ao sul do território, no sentido à Anchieta, marcado pelo bairro Meaípe, incluindo a Praia de Meaípe e a região próxima. Por fim, um núcleo localizado ao norte, em sentido à Vitória, próximo ao Parque Estadual Paulo César Vinha (ESPÍRITO SANTO, 2015).

No que diz respeito ao aporte fluvial, a região é composta por córregos e rios de pequena vazão, que formam a Bacia Hidrográfica de Guarapari. Os principais afluentes dessa bacia são o Rio Jaboti, o Rio Perocão e o Rio Una, que junto ao tipo de afloramento rochoso existente no território, contribuem para o desenvolvimento de praias extensas na região costeira (ALBINO; GIRARDI; NASCIMENTO, 2006).

Quanto à vegetação nativa, unidade de conservação e preservação ambiental, a cidade conta com a presença do Parque Estadual Paulo César Vinha, que se dá na extensão litorânea nordeste, no sentido de Vitória, e possui área de restinga protegida. Além disso, é possível identificar a presença de manguezais na cidade, que se dão no estuário do Rio Jaboti, integrando a Reserva de Desenvolvimento Sustentável

Concha D'Ostra, e possuem presença relevante de florestas preservadas (IJSN, 2018).

Apesar disso, muitas das áreas de margens de rios e mangues, são ocupadas pela população de baixa renda, que se encontra excluída sócio-espacialmente desde o período inicial de urbanização de Guarapari. Os processos de urbanização que marcam o território se deram com um planejamento urbano com brechas que permitiram amplos processos de especulação imobiliária, e a ocupação intensiva da área central e das regiões litorâneas (ESPÍRITO SANTO, 2015).

Assim, entende-se a estrutura urbana atual como o palco das reproduções antrópicas que se sucederam ao longo dos anos, e a forma do relevo como produto da relação entre os processos de composição geológica, de caráter ambiental e da ação do homem no espaço (PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017). Na Figura 5 foi apresentado um mapa síntese, que reúne as principais informações voltadas à estruturação urbana de Guarapari na atualidade, resultante dos processos antrópicos, ambientais e geológicos incidentes no território físico desde a sua consolidação.

Figura 5 – Mapa síntese da estruturação urbana de Guarapari na atualidade



Fonte: Elaborado pela autora (2022), com base nos shapes disponibilizados pelo IBGE (2019) e dados obtidos no site do IJSN (2018).

2.1.2. Os aspectos geomorfológicos do território de Guarapari

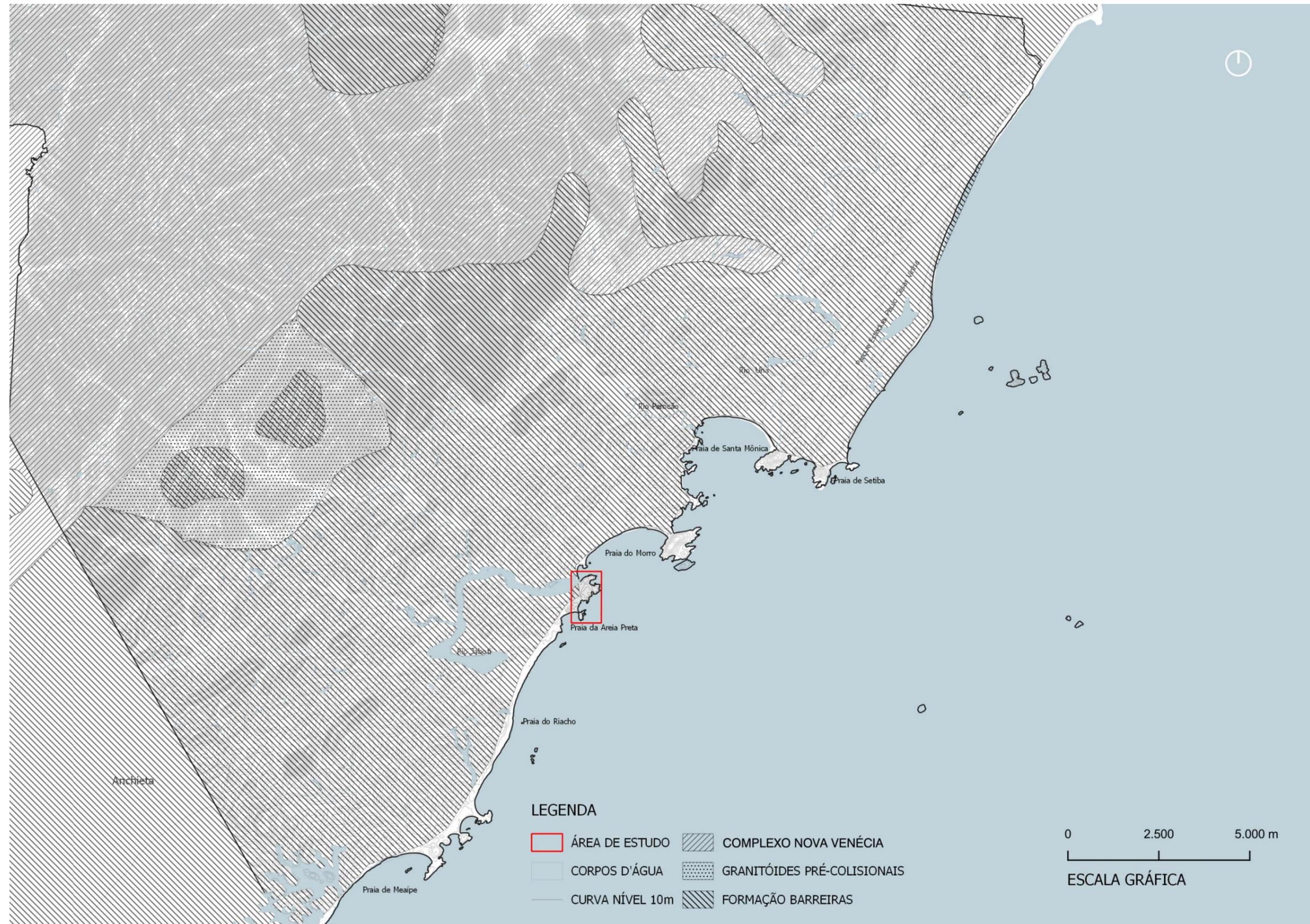
Quanto aos aspectos físicos e geomorfológicos que compõem o território de Guarapari, foram sintetizadas informações que caracterizam os espaços geográficos da paisagem (Figura 6), para que, posteriormente, estes sejam atrelados aos fatos históricos dados ao longo do tempo. Importante destacar que os aspectos específicos da área de estudo foram tratados detalhadamente adiante.

A região de Guarapari é composta por duas unidades geomorfológicas, sendo a mais antiga datada do período pré-cambriano, localizada no sentido noroeste do território, na porção serrana e interior do município (ALBINO; GIRARDI; NASCIMENTO, 2006). Destaca-se nesta região a formação do Complexo Nova Venécia e dos Granitóides Pré-Colisionais, compostos principalmente de quartzito, migmatito, diatexito e gnaisses quartzosos (ESPÍRITO SANTO, 2015).

Já a região costeira, onde se encontra o assentamento urbano de Guarapari, é originária do período Cenozóico, e “caracterizada por afloramentos de rochas cristalinas, por falésias e terraços de abrasão da Formação Barreiras e por planícies sedimentares” (ALBINO; GIRARDI; NASCIMENTO, 2006, p. 234). Também denominada de Grupo Barreiras, essa formação é a que dá suporte geológico para o assentamento urbano de Guarapari, e nela são encontradas áreas com altas concentrações de minerais do tipo urânio e tório, integrantes da monazita, que fazem com que a região seja considerada com altos níveis de radioatividade (AFFONSECA, 1993).

Destaca-se nessa região a formação da Suíte Bela Joana, dos Cordões Litorâneos Fluviais e de Depósito fluvial argilo-arenoso e arenoso recente, que tem como principais composições a gnaiss, os sedimentos arenosos e argilo-arenosos costeiros, a areia e o cascalho (ESPÍRITO SANTO, 2015). Cabe dizer que a formação do Grupo Barreiras está associada diretamente ao depósito de sedimentos vindos de sistemas fluviais localizados sobre rochas do período pré-cambriano (MORAIS, 2007). Dessa maneira, pode-se evidenciar que as áreas urbanizadas de Guarapari se concentram na região de menor declividade, ao longo do litoral, enquanto as regiões de relevo fortemente montanhoso se dão em áreas mais afastadas da mancha urbana (IJSN, 2018).

Figura 6 – Mapa da formação geológica do sítio físico de Guarapari



Fonte: Elaborado pela autora (2022), com base nos *shapes* disponibilizados por Brasil (2022).

2.2. CARACTERÍSTICAS DA COMPOSIÇÃO DA FORMA URBANA: A FORMAÇÃO E EXPANSÃO DO NÚCLEO CENTRAL DE GUARAPARI/ES

Tendo em vista a estrutura urbana de Guarapari na contemporaneidade, foi definido um recorte espacial que contemplasse os interesses dessa pesquisa. Assim, dada a importância de estudar as áreas centrais e mais antigas (CONZEN, 2022), o recorte espacial estabelecido está localizado no centro da cidade, compreendendo o núcleo central, que é considerado o centro histórico, e sua expansão urbana. Aplicando o axioma de MRG Conzen quanto à caracterização da composição da forma urbana no objeto empírico, buscou-se compreender os elementos estruturais da paisagem e características que compõem a visão tripartite da paisagem, bem como os processos indutores das transformações espaciais.

2.2.1. O recorte espacial: a estrutura urbana atual do centro de Guarapari

A caracterização da estrutura urbana da área de estudo se faz fundamental para que sejam compreendidos como os processos incidentes no espaço com o passar dos anos resultaram no arranjo espacial contemporâneo. Dessa maneira, entende-se que “[...] a composição da paisagem urbana é resultante do processo de ocupação territorial, conseqüente da eleição de determinadas localidades para a implantação dos núcleos urbanos no sítio natural” (PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017, p. 66).

Assim sendo, compreender o recorte espacial da pesquisa foi de suma importância para o entendimento dos processos iniciais de urbanização da cidade de Guarapari. Partindo da área que atualmente se configura como o centro histórico, e que fora o núcleo central de formação da cidade desde o período colonial, e se expandindo, à medida que os anos se passaram, até a área denominada por centro de Guarapari. Dessa forma, essa área de estudo carrega em suas manifestações formais alguns traços da política urbanizadora dos colonizadores portugueses no Brasil. Um exemplo é o fato das primeiras construções do aglomerado urbano terem sido instaladas no alto da colina com o intuito de proteção do território contra os ataques dos piratas e inimigos (LOBO, 2012).

Na Figura 7 está exposta uma foto aérea atual de Guarapari e demarcada a área de estudo dessa pesquisa. Na Figura 8, por sua vez, é apresentado o mapa síntese da

sua estrutura urbana na atualidade, incluindo informações acerca da ocupação do solo, do sistema viário, da área considerada como núcleo central (que corresponde ao centro histórico) e das principais praias localizadas na região. É possível verificar que o núcleo central está assentado parte no alto de um dos morros que compõem a paisagem, e parte na área plana que se dá entre essas áreas mais elevadas. Além disso, cabe destacar que o sítio físico é cercado por corpos d'água, de um lado por praias banhadas pelo Oceano Atlântico, e por outro pelo Rio Jaboti.

Figura 7 – Vista aérea da cidade na atualidade com destaque para a área de estudo: o centro de Guarapari



Fonte: Adaptado pela autora (2023) com base na fotografia da Folha de Vitória (2019).

Figura 8 – Mapa síntese da estrutura urbana da área de estudo: o centro de Guarapari



Fonte: Elaborado pela autora (2022), com base nos *shapes* disponibilizados pelo IBGE e dados disponibilizados por IJSN (2018).

2.2.2. O recorte espacial: aspectos geofísicos do centro de Guarapari

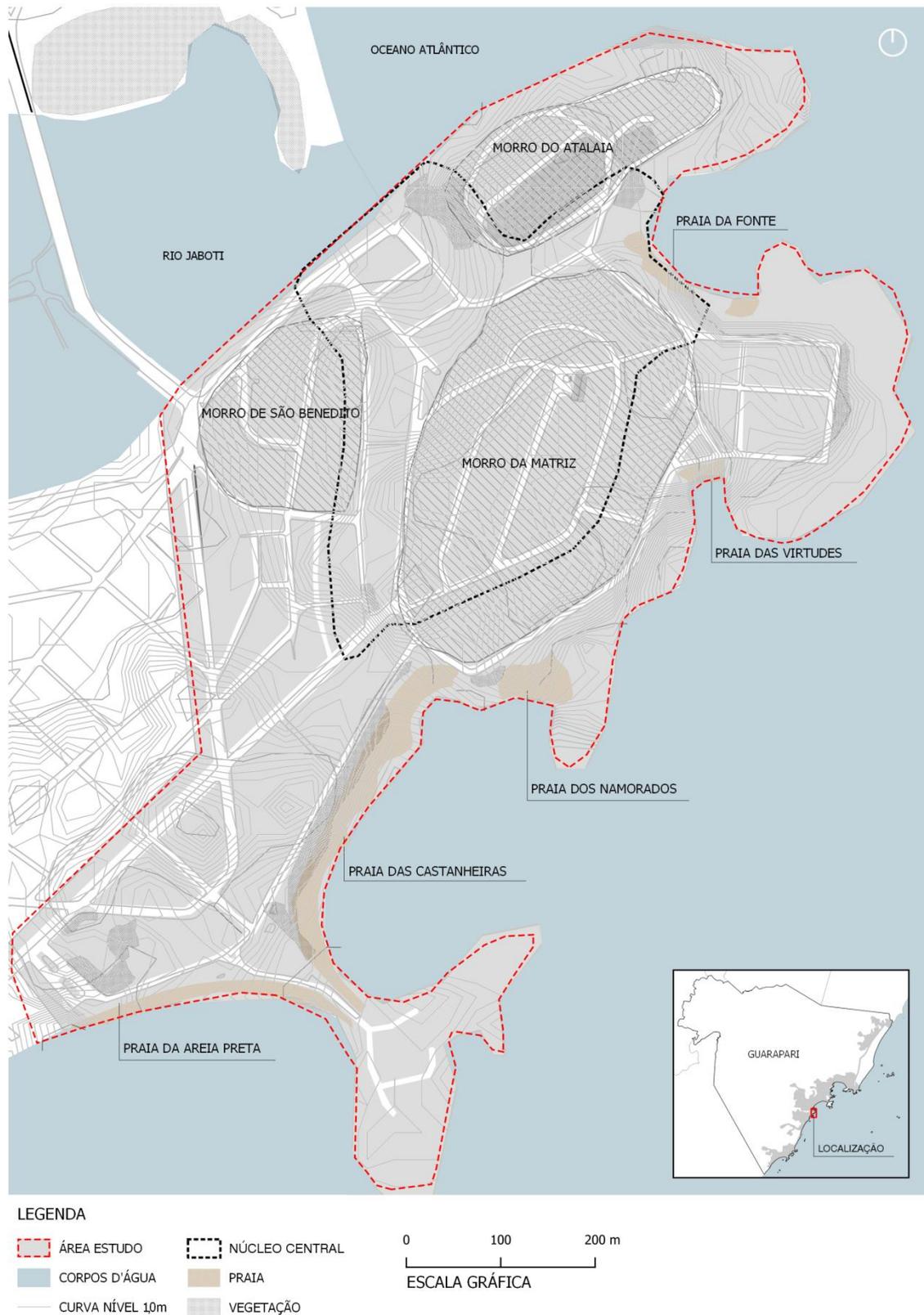
Compreender os processos de formação do suporte geológico onde é expresso o aglomerado urbano permite que seja possível avaliar a evolução da paisagem urbana, e as contribuições do sítio físico. Por esse motivo, nos estudos de Alnwick, Conzen (2022) faz uma abordagem acerca dos aspectos geofísicos da cidade. Da mesma forma, nesse trabalho, o suporte ambiental de implantação urbana de Guarapari permitiu verificar as características peculiares do relevo e de suas formas.

Como pode ser observado na Figura 9, o sítio físico onde está assentada a área de estudo pode ser caracterizado como uma península rodeada pelo Rio Jaboti, que desemboca no Oceano Atlântico, e pelas Praias da Fonte, das Virtudes, dos Namorados, das Castanheiras e da Areia Preta. Composta, em sua maioria, por sedimentos arenosos, gnaise, areia e cascalho, a região se destaca também pela presença de minerais como urânio e tório, que possui altos níveis de radioatividade, formando as areias monazíticas (AFFONSECA, 1993; ESPÍRITO SANTO, 2015). Importante destacar que essas areias radioativas tiveram papel fundamental no desenvolvimento econômico da cidade de Guarapari.

O recorte espacial, localizado na região costeira do território, tem sua formação geológica associada ao período Cenozóico, composta e formada pelo Grupo Barreiras (AFFONSECA, 1993; ESPÍRITO SANTO, 2015). A região carrega como expressão geológica a existência de uma área plana envolta por três morros, que compõem a paisagem urbana: o Morro da Matriz, o Morro de São Benedito e o Morro da Atalaia. O Morro da Matriz foi o primeiro a ser ocupado e deu suporte para as primeiras edificações implantadas no território, no século XVI, e é onde está localizada a Matriz Antiga de Nossa Senhora da Conceição e as Ruínas da Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

Destaca-se que a área de estudo passa por processos de intemperismo constantes que modificam e determinam a forma resultante do relevo, bem como por interferências humanas, que moldam a paisagem urbana ao longo do tempo. Assim, a morfologia do relevo pode ser compreendida como a somatória das forças de composição geológicas, antrópicas e ambientais (SOBREIRA, 1990 *apud* PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017).

Figura 9 – Mapa de formação geológica do sítio urbano da área de estudo: o centro de Guarapari



Fonte: Elaborado pela autora (2022), com base nos *shapes* disponibilizados por Brasil (2022).

2.3. DEFINIÇÃO DOS PERÍODOS EVOLUTIVOS: O ESTUDO DA PAISAGEM URBANA NA FORMAÇÃO E EXPANSÃO DO NÚCLEO CENTRAL DE GUARAPARI

Finalizada a descrição e análise das características atuais da paisagem urbana, esta pesquisa dedicou-se a compreender o processo histórico evolutivo que incidiu sobre o território. Realizou-se uma síntese de informações que auxiliaram no entendimento da história de Guarapari a partir da chegada dos portugueses, no século XVI, sem desconsiderar a dinâmica espacial existente antes disso. Dessa maneira, foram reunidas e organizadas as informações iconográficas que permitiram a visualização formal do território, bem como das transformações da paisagem urbana que se deram ao longo dos anos.

2.3.1. A confecção da linha do tempo: um método para a definição dos períodos evolutivos

Entendendo a noção de periodização das formas específicas no tempo, e tendo em vista de que ela se trata das características da forma urbana em cada momento histórico (PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017), foi iniciada a identificação das transformações espaço-temporal da área de estudo.

Esta foi apresentada a partir dos períodos evolutivos estabelecidos com base nas inovações morfológicas incidentes no território, e que causaram modificações significativas na forma urbana. A determinação desses períodos se deu a partir das informações identificadas nos registros fotográficos e cartográficos encontrados e selecionados. Esses documentos, quando organizados e agrupados, resultaram na confecção de uma linha do tempo, e permitiram a identificação de permanências, semelhanças e inovações morfológicas incidentes sobre o plano urbano. Ressalta-se que todo esse trabalho se desenvolveu a partir das fontes documentais apresentadas (e encontradas), e que caso outras sejam, no futuro, localizadas, a dinâmica e as análises estabelecidas aqui podem sofrer alterações.

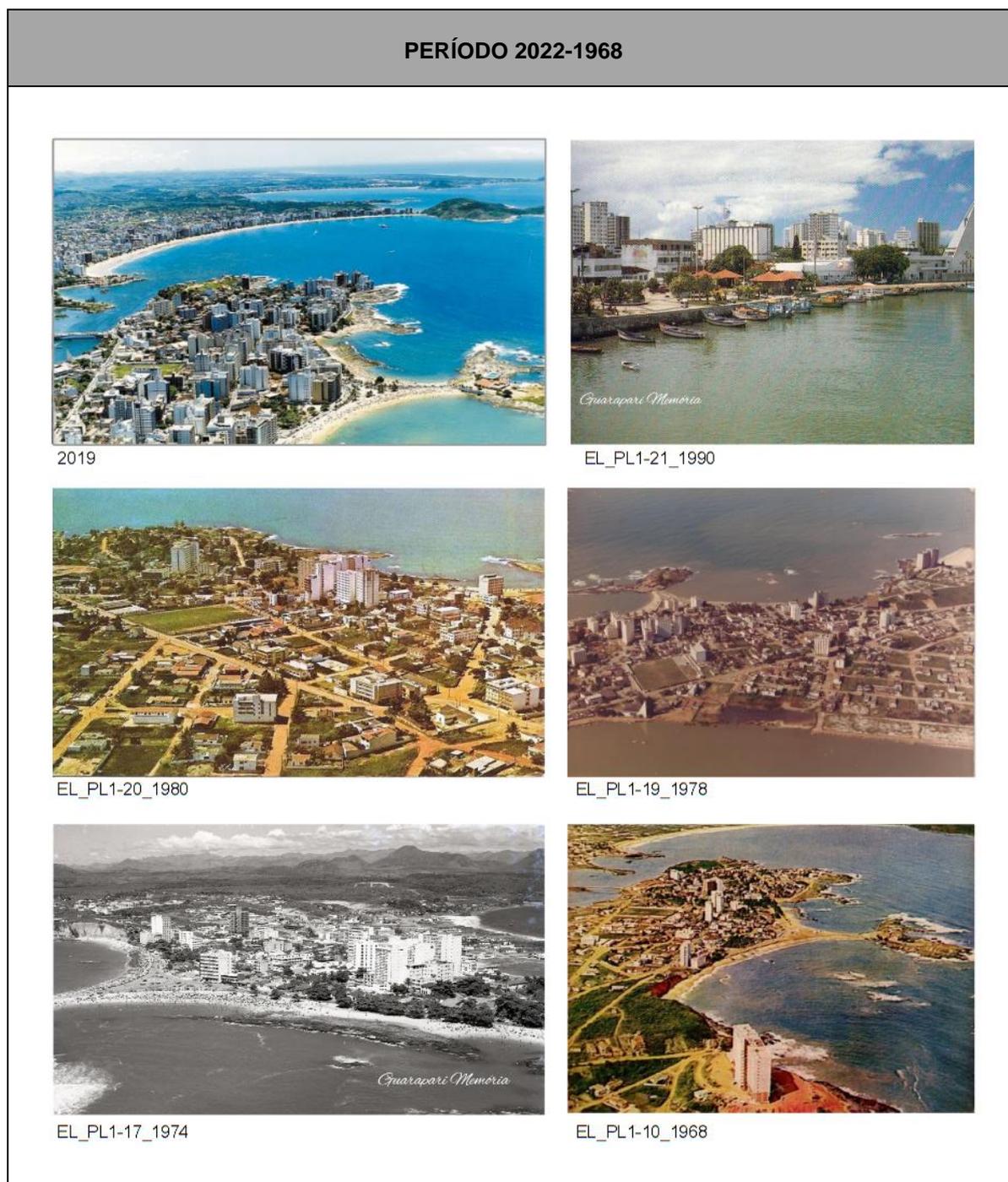
É importante salientar que as datas que marcam o início e o fim dos períodos evolutivos foram baseadas no agrupamento de informações iconográficas em que se teve acesso, e por isso, estão associadas às datas desses documentos. Partindo da premissa de que um novo período inicia quando o anterior atingiu o seu auge, e de

que esse é marcado por uma inovação morfológica, foram identificados cinco períodos evolutivos. Os espaços temporais destes, estabelecidos pelas datas dos documentos, foram: até 1863, 1863 a 1902, 1902 a 1952, 1952 a 1968, e a partir de 1968.

Para facilitar a visualização das composições formais que marcaram a paisagem de cada um dos períodos evolutivos, foram expostas as principais iconografias que auxiliaram nesse agrupamento. A investigação se deu de forma retrospectiva, voltando no tempo até encontrar uma inovação formal que justificasse o fim de um período e início de outro.

Partindo do tempo em que este trabalho foi elaborado, e retrocedendo até o fim da década de 60, percebeu-se uma similaridade no plano urbano quanto à demarcação das ruas, à forma de ocupação e de parcelamento do solo. Apesar de terem ocorridos transformações na cidade durante esse tempo, constatou-se que as características expressas na paisagem de Guarapari atualmente, têm influência do fenômeno da verticalização iniciado no fim da década de 60. Na Figura 10 foram apresentadas as principais fotografias que auxiliaram na análise e determinação do período, até chegar ao ano de 1968.

Figura 10– Iconografias da atualidade a 1968



Fonte: Elaborado pela autora (2022) baseado em fontes diversas¹.

Diante da fotografia aérea de 1968 (ID: EL_PL1-10_1968), verificou-se que ela poderia indicar o princípio de modificações na composição formal do território. Enquanto as demais fotografias demonstravam um lugar verticalizado, ela expressa

¹ As fontes utilizadas para a elaboração dessa composição estão evidenciadas nas informações expostas nos apêndices de acordo com a nomenclatura (ID) das imagens

uma cidade ainda começando esse processo. Assim, ela foi considerada o início desse período, demarcando também o fim do período anterior, já que estamos tratando de uma abordagem retrospectiva. Na Figura 11 essa fotografia foi exposta.

Figura 11 – Centro de Guarapari em 1968



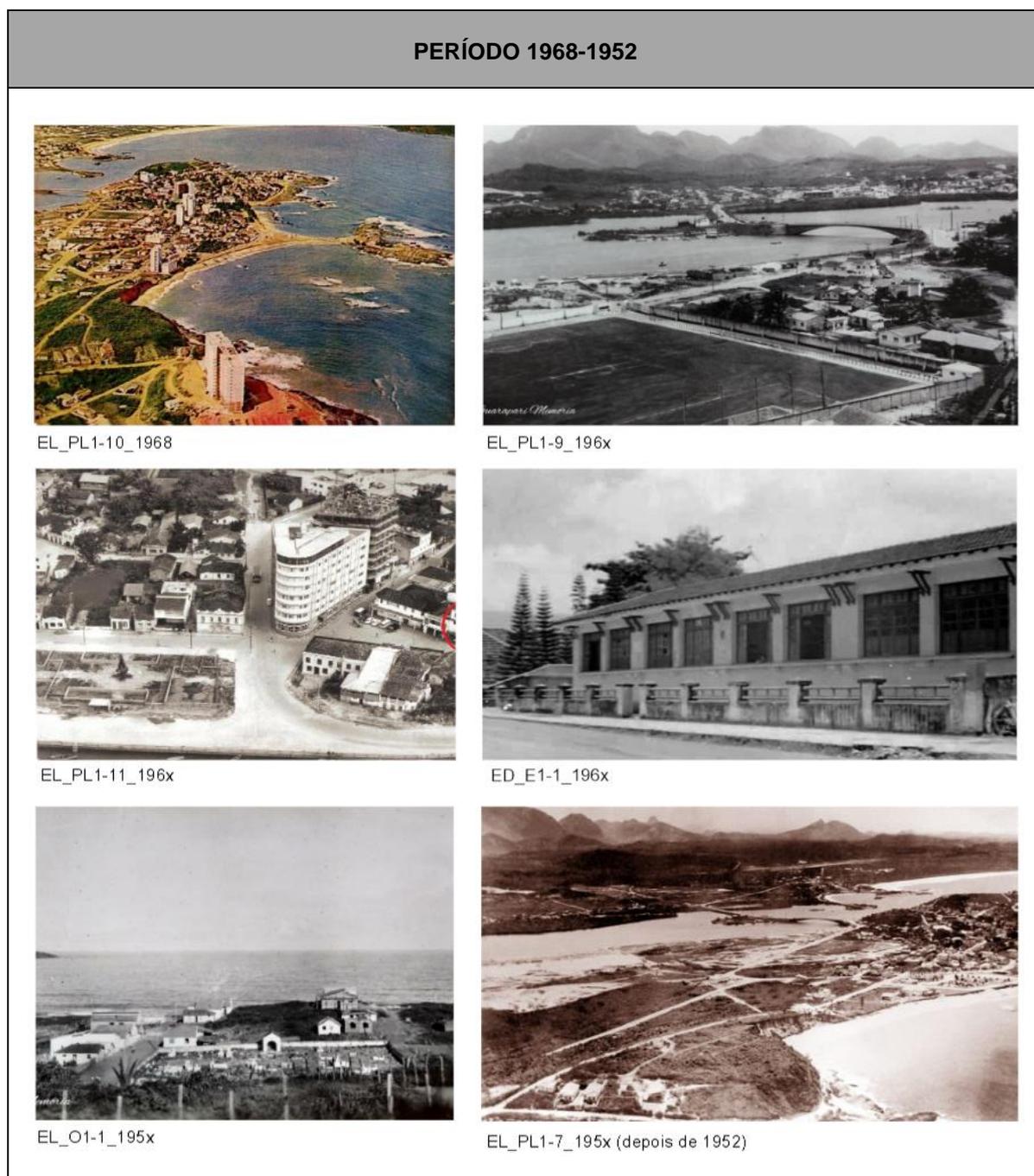
Fonte: Nicolau (1968).

Retrocedendo ainda mais no tempo a partir de 1968, por meio das fotografias catalogadas, verificou-se uma similaridade nas formas, até a década de 1950, com a representação da ponte da cidade. A ponte foi inaugurada em 1952, e isso garante que a fotografia seja de uma data posterior a 52: no entanto, ela (ID: EL_PL1-7_195x, como pode ser visto no Apêndice) expressava uma cidade diferente daquela vista em 68.

Esses anos que se deram entre 1952 e 1968 foram considerados nesse trabalho como um período evolutivo onde se manifestaram características transitórias na forma urbana. Assim, a cidade apresentava aspectos de uma vila de pescadores junto aos

símbolos de modernização, como a ponte, a edificação que funcionou o Radium Hotel, importante elemento na atração de turistas, incluindo a atividade de cassino, e o calçamento de vias. As principais fotografias que auxiliaram nessa percepção foram expostas na Figura 12.

Figura 12 – Iconografias de 1968 a 1952



Fonte: Elaborado pela autora (2022) baseado em fontes diversas².

² As fontes utilizadas para a elaboração dessa composição estão evidenciadas nas informações expostas nos apêndices de acordo com a nomenclatura (ID) das imagens

Dessa maneira, determinou-se que o ano de 1952 marcou a transição entre os dois períodos. Aquele que se finalizou em 1968 e o anterior a ele. Na Figura 13 foi apresentada a fotografia identificada como ID: EL_PL1-7_195x, e que possibilitou essa determinação.

Figura 13 – Centro de Guarapari entre 1952 e 1968



Fonte: Adaptado pela autora com base em Benedito Carvalho – Grupo do *Facebook* Memória de Guarapari (2022).

Os anos que antecedem 1952 e que foram até 1902 foram marcados por características que no plano urbano, correspondem a uma vila de pescadores, com aspectos bucólicos. Isso significa que a cidade era composta por casas de um único pavimento e ruas sem pavimentação. Com elementos formais similares, principalmente no que diz respeito ao traçado das ruas, encontrou-se no Mapa de Guarapari de 1902 (ID: EL_PL1-2_1902) a representação do início desse período, como pode ser visto na Figura 14.

Figura 14 – Iconografias de 1952 a 1902



Fonte: Elaborado pela autora (2022) baseado em fontes diversas³.

Na Figura 15 foi apresentada a cartografia de 1902, onde é possível verificar edificações instaladas próximas aos morros de São Benedito, do Atalaia e da Igreja. Esta, quando comparada ao mapa de título Barre de Guarapari (ID: EL_PL1-1_1863) de 1863, demonstra inovações morfológicas na forma urbana, como a ocupação das áreas no entorno dos morros e a tendência de expansão do plano em direção às praias e ao sul, através da Rua da Boa Vista. Percebe-se ainda, a partir dessa cartografia, a Rua da Matriz (ligação entre o porto e a Matriz) em linhas tracejadas, quando no mapa de 1863 esse caminho estava demarcado. Por isso, considerou-se essa cartografia como ponto de referência que marca o início do período que se estende de 1902 e vai até 1952, e o fim do período de 1863 a 1902 (Figura 16).

³ As fontes utilizadas para a elaboração dessa composição estão evidenciadas nas informações expostas nos apêndices de acordo com a nomenclatura (ID) das imagens

Figura 15 – Planta da cidade de Guarapari em 1902



Fonte: MELLO, 1902.

Figura 16 – Iconografia de 1863 a 1902

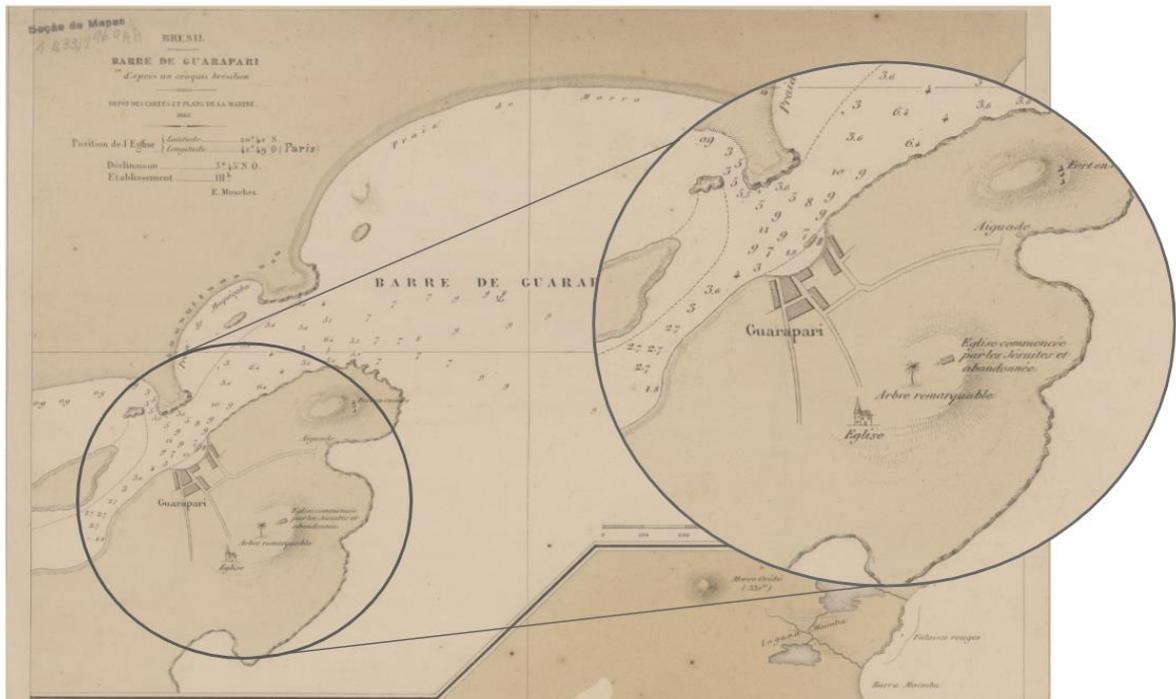


Fonte: Elaborado pela autora (2022) baseado em fontes diversas⁴.

Como não foram encontradas cartografias anteriores ao período de 1863 que expressem características formais distintas quanto ao traçado das ruas, parcelamento ou edifícios, essa data foi considerada uma referência para que o primeiro período evolutivo terminasse. Assim, esse período, que vai até 1863, culminou nas características formais expressas na Figura 17, como a representação da rua que interligava o porto à Matriz (que, como já dito, estava em linha tracejada em 1902) e a ocupação concentrada nas proximidades do porto e do Rio Guarapari.

⁴ As fontes utilizadas para a elaboração dessa composição estão evidenciadas nas informações expostas nos apêndices de acordo com a nomenclatura (ID) das imagens.

Figura 17 – Croqui da Barra de Guarapari em 1863



Fonte: Adaptado pela autora (2022) com base em Mouchez (1863).

Na Figura 18 é possível identificar a periodização estabelecida em ordem cronológica e em formato de linha do tempo, junto a iconografias que apresentavam referências formais essenciais para a determinação dela. Portanto, além das cartografias, foram consideradas importantes, as fotografias que demonstram as características do plano urbano, bem como das ruas e do uso e ocupação do solo.

Figura 18 – Linha do tempo com periodização



Fonte: Elaborado pela autora (2023) baseado em fontes diversas⁵.

⁵ As fontes utilizadas para a elaboração dessa composição estão evidenciadas nos apêndices de acordo com a nomenclatura (ID) das imagens

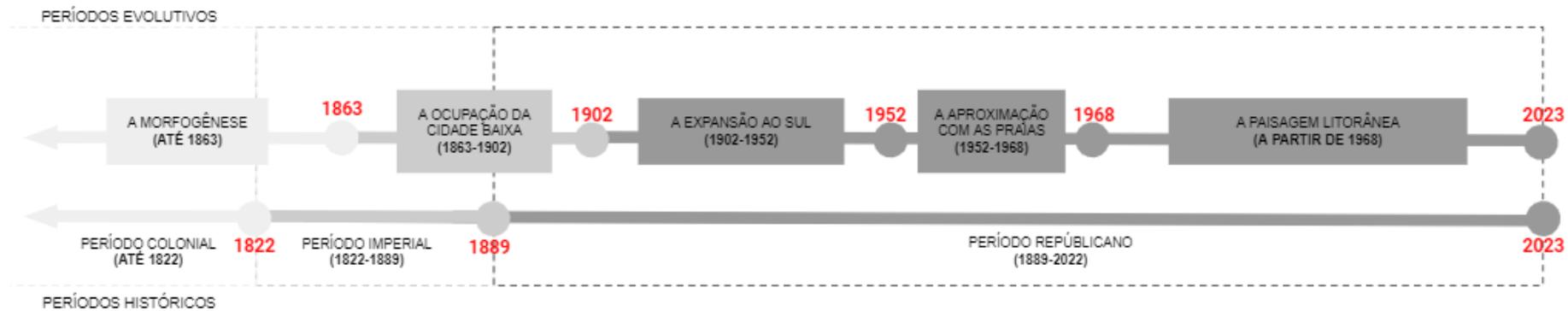
2.3.2. Os períodos morfológicos que caracterizam o núcleo central de Guarapari e sua expansão urbana

Partindo do agrupamento apresentado anteriormente foram determinados os períodos evolutivos, bem como as suas características marcantes. Estes, por fim, foram relacionados aos períodos históricos, que são marcados pelas três eras da história do país: período colonial, o imperial e o republicano.

O período colonial, que se estendeu até 1822, no caso de Guarapari teve início em 1557 com a chegada dos colonizadores portugueses; o período imperial foi de 1822 até 1889; e por fim, o período republicano, seguiu-se de 1889 até os dias atuais. Os períodos evolutivos, quando sobrepostos aos períodos históricos resultam na Figura 19. Importante dizer que, nesse trabalho, os períodos históricos são utilizados apenas como uma referência temporal, a fim de relacionar o contexto local ao nacional.

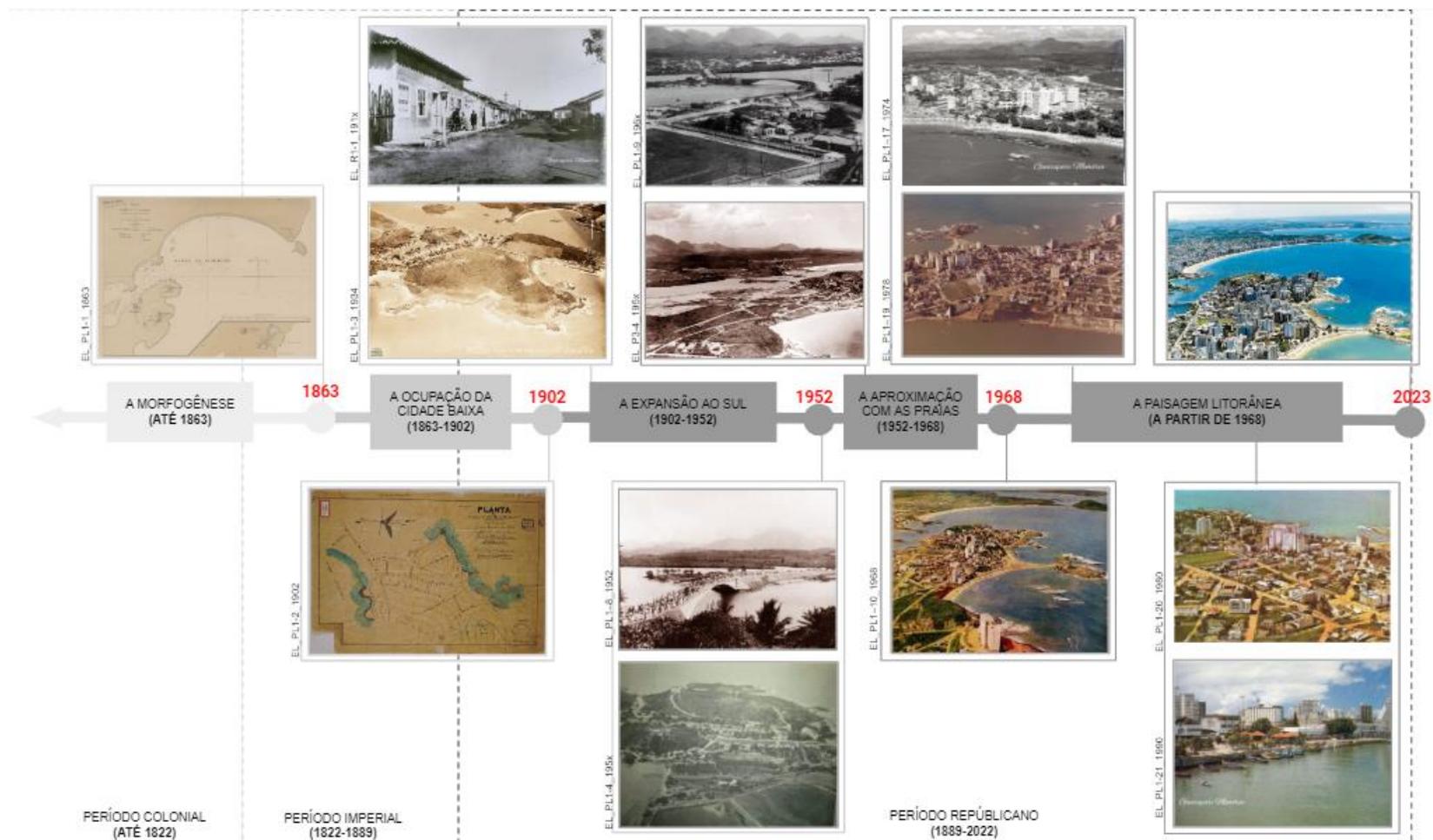
Assim, os cinco períodos evolutivos determinados a partir da linha do tempo foram: a morfogênese (1557-1863), a ocupação da cidade baixa (1863-1902), a expansão ao sul (1902-1952), a aproximação com as praias (1952-1968), e a paisagem urbana litorânea (a partir de 1968). A sobreposição da linha do tempo e dos períodos evolutivos pode ser vista na Figura 20, e a descrição e análise deles encontram-se apresentadas no próximo capítulo.

Figura 19 – Diagrama dos períodos históricos e evolutivos



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Figura 20 – Sobreposição da linha do tempo e dos períodos evolutivos



Fonte: Elaborado pela autora (2022), com base em fontes diversas⁶.

⁶ As fontes utilizadas para a elaboração dessa composição estão evidenciadas nos apêndices de acordo com a nomenclatura (ID) das imagens

3. ANÁLISE MORFOLÓGICA: A FORMAÇÃO E EXPANSÃO DO PLANO URBANO DO NÚCLEO CENTRAL DE GUARAPARI

Seguindo a aplicação do método histórico-geográfico (KROPF, 2009) junto aos conceitos da Escola Inglesa de Morfologia Urbana, o estudo da paisagem urbana deve iniciar com a caracterização da estrutura urbana existente no período contemporâneo, por meio da síntese das ações políticas, sociais, econômicas e ambientais localizadas sobre o suporte geológico, como realizado anteriormente. A partir dessa contextualização, a análise retrocede no tempo para que seja feita a avaliação da forma e da evolução da paisagem urbana no tempo (PEREIRA COSTA; GIMMLER NETTO, 2017), apresentado, no entanto, de modo cronológico, do mais antigo ao mais recente.

Assim sendo, esse capítulo se deteve a apresentar as análises morfológicas de cada um dos períodos estabelecidos anteriormente: a morfogênese (1557-1863), a ocupação da cidade baixa (1863-1902), a expansão ao sul (1902-1952), a aproximação com as praias (1952-1968), e a paisagem urbana litorânea (a partir de 1968). Foram expostos, dessa maneira, os aspectos históricos evolutivos que caracterizam cada um dos períodos, bem como a descrição da forma urbana com ênfase no plano urbano.

Por fim, a partir do redesenho baseado nas informações sintetizadas, foram apresentados diagramas que demonstraram a evolução urbana do plano urbano da área estudada, com enfoque nas ruas. Dessa forma, buscou-se entender a evolução histórica como fator “fundamental para compreender a dinâmica da produção espacial da cidade” (ROCHA, 2019, p.15).

3.1. PRIMEIRO PERÍODO MORFOLÓGICO: OS ANOS ENTRE 1557 E 1863

Para compreender a formação da paisagem urbana de Guarapari, retrocedeu-se no tempo até o período da chegada dos colonizadores no território, com data marcada para 1557. Nesse período, os portugueses construíram edificações religiosas para servir de abrigo para os jesuítas e iniciaram a catequização dos povos tradicionais que viviam no território antes da chegada dos colonizadores (ROCHA, 2019).

Destaca-se que os primeiros anos de colonização do Brasil se deram no sentido de servir de ponto de apoio territorial para Portugal e para a exploração dos recursos naturais através da escravização dos povos indígenas, em pontos específicos. Importante ressaltar que “a cidade brasileira foi fundada, evoluiu e se consolidou na costa mais oriental das Américas” (MARX, 1980, p. 12), espalhando-se ao longo do litoral, por meio de aglomerados urbanos.

Marx (1980) afirma que alguns trechos da costa foram escolhidos, pelos colonizadores portugueses, para a fundação de aglomerados urbanos. Os motivos que justificam essas escolhas giravam em torno da sua localização estratégica para os navegantes portugueses, ou em relação à sua ligação ao interior do território, ainda não ocupado e conhecido por estrangeiros.

Os primeiros núcleos urbanos foram estabelecidos ao longo do litoral por uma função administrativa, econômica e militar, em especial em sítios elevados. Além disso, os primeiros caminhos estabelecidos eram com base nas trilhas indígenas já existentes, de forma a se conectar com o interior do território, e minimizar impactos com relação a determinados acidentes geográficos (REIS FILHO, 1968).

3.1.1. Os aspectos histórico-evolutivos de Guarapari de 1557 a 1863

O primeiro contato dos colonizadores portugueses com o território que hoje é conhecido como Guarapari foi entre os anos de 1556 e 1557, onde, por meio de expedições para localizar os pontos estratégicos do território o Padre Brás Lourenço e o indígena catequizado Pira-Obys percorreram por toda a capitania do Espírito Santo em busca de locais que pudessem auxiliar na proteção de invasão inimiga (HOFFMAN, 2005).

Por ter características condizentes com as procuradas no período, formou-se o núcleo da catequese em Guarapari. Antes disso, o território era habitado predominantemente pelos povos indígenas da tribo dos Goitacás. Em 1569 o padre José de Anchieta, jesuíta português responsável pela catequização dos povos tradicionais que viviam na região, percorreu a capitania em busca de estabelecer novas aldeias, e em 1585, Guarapari foi a quarta aldeia fundada na capitania (HOFFMAN, 2005).

Nesse contexto, é relevante mencionar que o Padre José de Anchieta, em suas peregrinações pela capitania do Espírito Santo no século XVI, percorria o litoral saindo da capital Vila de Vitória, mais especificamente do Colégio de São Tiago (hoje Palácio Anchieta) indo até a Vila de Reritiba (atual cidade de Anchieta), passando pela Vila de Guarapari. Esse percurso percorrido a pé pelo missionário tem em média 105 quilômetros, e passava especialmente pelas praias devido à falta de trilhas em meio à mata fechada (CARNEIRO, 2004). Assim sendo, o vilarejo de Guarapari era uma das vilas que faziam parte desse percurso, revelando uma possível influência das andanças do Padre José de Anchieta para a conformação dos caminhos percorridos naquela época e consolidação do plano urbano da cidade nos dias atuais.

Destaca-se ainda que atualmente existe uma peregrinação católica que refaz esse percurso denominada de Passos de Anchieta, e faz o itinerário percorrido pelo Padre no período colonial.

O itinerário, percorrido hoje, exhibe traços da urbanização que, se em algumas passagens “descaracteriza” o cenário original do Padre Anchieta, também “preserva” muitos recantos palmilhados pelo missionário, descortinando aspectos culturais, históricos, turísticos, ambientais e mesmo religiosos (CARNEIRO, 2004, p. 89).

Diante dessa contextualização, a fundação da vila de Guarapari esteve associada às primeiras construções instaladas pelos colonizadores, que foram poços para captação de água e uma igreja. A Capela de Sant’Ana, primeiro edifício religioso da aldeia, foi construída entre 1585 e 1587, e servia de residência para os jesuítas e catequização dos povos indígenas habitantes da região (HOFFMAN, 2005). Ela e a maior parte das edificações religiosas construídas no período colonial foram implantadas em locais de destaque na paisagem urbana, sendo, portanto, instaladas no alto das colinas (REIS FILHO, 1968). Dessa maneira, verifica-se uma forte impressão eclesial no desenho urbano das cidades brasileiras, uma vez que

Desde o surgimento – e a partir da própria gênese dos núcleos – os assentamentos coloniais expressam as precisas determinações eclesiásticas, não contrapostas ou sequer canalizadas por instrumentos equivalentes do poder temporal, mas aceitas pela importação dos costumes e das práticas do reino (MARX, 1991, p. 11).

Guarapari foi um dos núcleos urbanos fundados na Capitania do Espírito Santo início do período colonial, a fim de ser suporte administrativo, econômico e militar para a Coroa Portuguesa. Ressalta-se que o aldeamento recebeu diferentes nomes ao longo do tempo “como Aldeia do Rio Verde, passando depois a se chamar Santa Maria de Guaraparim, depois Vila dos Jesuítas, Goaraparim, depois Guaraparim e, finalmente, Guarapari” (HOFFMAN, 2005, p. 62).

Destaca-se que, de acordo com Saint-Hilaire (1936), que visitou a Capitania do Espírito Santo em 1822, a nomenclatura Guarapari tem origem indígena, onde Guará é o nome do pássaro que vive nas praias, enquanto que Pari é o nome da armadilha para pegar pássaros, em especial o guará. Assim, “O nome de guarapari significa, bastante, que outr’ora existiram guarás - nas imediações dessa cidade, entretanto, actualmente não se vê mais nenhum, na provincia do Espirito Santo” (SAINT-HILAIRE, 1936, p. 73).

De acordo com Oliveira (1975), o primeiro donatário da Capitania do Espírito Santo, Vasco Fernandes Coutinho, não tinha grandes habilidades administrativas e de liderança. Isso pode ter contribuído para que a capitania não tenha se destacado positivamente no cenário colonial, onde se evidenciou, na verdade, uma quantidade significativa de conflitos entre indígenas e portugueses.

Na tentativa de potencializar economicamente a aldeia de Guarapari, nos anos que se deram entre 1588 e 1591 foram instalados engenhos de cana de açúcar na região conhecida atualmente como Perocão, ao norte do núcleo. Esses engenhos eram de propriedade do mercador castelhano Marcos Fernandes Monsanto e exportavam açúcar e aguardente para a Coroa Portuguesa (FERNANDES, 2017).

Importante salientar que os anos que se deram a partir da metade do século XVII foram marcados pela administração da capitania do Espírito Santo por parte de Francisco Gil de Araújo. Ele comprara título de donatário por acreditar que o território ficara perto de minas de pedras preciosas, e com o intuito de tornar a capitania promissora (SALETTTO, 1998).

Os investimentos feitos por Gil de Araújo foram muitos, e em Guarapari foi iniciada a construção de uma igreja matriz, próxima à capela existente, em devoção a Nossa Senhora da Conceição. Essas construções induziram o processo de ocupação da região, principalmente no seu entorno, que atualmente é ocupado pelo centro histórico da cidade (BOUDOU, 2017). Cabe dizer que a construção da Matriz Nossa Senhora da Conceição não foi finalizada e que ela se encontra em ruínas nos dias atuais.

Além disso, em 1679, a aldeia jesuítica foi elevada à categoria de vila, se tornando a terceira criada na capitania. No entanto, de acordo com Oliveira (1975) a sua fundação pode ter sido precipitada, uma vez que Francisco Gil não povoou a vila com o número de habitantes a que se propôs quando pediu a sua fundação. Destaca-se que anos depois da fundação da vila, em 1749, foram inauguradas a Câmara Municipal e a Cadeia Pública (BUENO, 2011).

Em 1808, o Desembargador Luiz Tomás de Navarro visitou Guarapari e em seus relatos descreveu ter encontrado na vila, barcos grandes ancorados no porto e duas grandes fazendas com engenhos de cana de açúcar que abrigavam mais de 400 escravizados (NUNES, 1987). O Príncipe Maxiliano de Wied-Newied, por sua vez, quando esteve na vila em 1821, relatou rebeliões dos povos escravizados e que se tratava de um lugar pobre, com ruas pequenas e não pavimentadas (MOTTA; DUTRA, 2021).

Durante o período imperial, Guarapari contou com a visita de viajantes como Saint-Hilaire em 1830 e Wilberforce em 1851, e ainda, com Dom Pedro II. Todos fizeram comentários acerca da vila, de suas características formais e condições de assentamento.

Saint-Hilaire (1936) em seus escritos, afirmou que a vila foi construída em posição pitoresca, próxima ao Rio Guarapari, que desemboca no Oceano Atlântico. No entanto, a ocupação do território não se deu ao longo das margens do rio, como era de costume, e sim perpendicularmente a ele, e próximo ao porto. Complementou ainda, dizendo que o porto de Guarapari, graças à localização da vila, desempenhou contribuição destacável para o desenvolvimento da agricultura local, focada no cultivo de arroz, algodão, feijão, cana de açúcar e mandioca, comercializados para Vitória e Rio de Janeiro.

De acordo com o viajante inglês Wilberforce (1989), que esteve em expedição pela vila em 1851, Guarapari ergueu-se no alto da colina onde até hoje se encontram as ruínas da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e Matriz Antiga de Nossa Senhora da Conceição (fundada como Capela de Sant'Ana). Em sua descrição do território visitado, Wilberforce (1989) afirma que:

Nenhuma parte da Vila é visível da baía, e mesmo próximo à foz do rio apenas algumas poucas cabanas aparecem. Sinais de decadência mostram-se por todos os lados. A Igreja e o convento erguem-se sobre um alto promontório à entrada do rio, e estão ambos dilapidados. O convento especialmente está coberto de ervas daninhas e arbustos, que alcançam grande altura dentro de suas paredes... Ao lado desses dois edifícios ergue-se uma altíssima palmeira que, sendo a única no promontório, é visível a longa distância, servindo para indicar a posição de Guarapari a navios com destino aquele porto (WILBERFORCE, 1989, p.28).

Evidencia-se que nos descritos de Wilberforce (1989), ele ressaltou que a Capela de Sant'Ana, identificada no texto como "convento" se encontrava em situação de abandono, assim como a Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

Destaca-se ainda, a visita de Dom Pedro II em 1860 indicando uma população de cerca de 1200 pessoas, evidenciando que a rua principal naquele momento estava localizada no alto da colina e que a vila tinha muitas casas de telha e sobrados. O imperador afirmou ainda sobre o posicionamento da matriz, estando ela "na parte superior da vila numa chapada tendo de frente em ruínas a capela e casa do arcediogo Quental que era dono da fazenda onde se levantou a vila" (ROCHA, 2008, p. 216).

Em sua visita, Dom Pedro II doou uma quantia de dinheiro para se fazerem reparos nas edificações religiosas, para os mais pobres e ainda para a construção de um cemitério público (ROCHA, 2008). Destaca-se que até o dado momento, os enterros eram feitos nos templos religiosos e seu entorno, mas devido aos surtos epidêmicos de cólera e febre que assolavam terras brasileiras, foram autorizadas as construções de cemitérios públicos (BUENO, 2011).

Diante da descrição do processo histórico-evolutivo desse primeiro período evolutivo de Guarapari, a seguir se deram as considerações acerca da forma urbana desse lugar no tempo.

3.1.2. A forma urbana do primeiro período: a morfogênese do núcleo central de Guarapari (1557-1863)

O primeiro período morfológico estabelecido para Guarapari foi denominado de Morfogênese. Com extensão entre 1557 e 1863 ele apresenta as características iniciais do núcleo central, que se desenvolveu no período colonial. Importante dizer que esse período tem início no Brasil Colonial, mas seu fim está datado no momento histórico do Brasil Império. Dessa maneira, de acordo com o histórico da região descrito anteriormente, pode-se considerar que esse período foi caracterizado pela chegada e ocupação do território por parte dos colonizadores e a formação do núcleo central de acordo com os costumes lusitanos de urbanização. Costumes esses que em Guarapari se manifestaram através da instalação das edificações religiosas em uma posição de destaque na paisagem, no alto do Morro da Matriz, bem como da ocupação inicial próxima ao porto, como antes mencionado.

No que diz respeito à representação do território, a primeira menção cartográfica de Guarapari se deu em 1597, a partir do mapa elaborado por Wytfliet (1597), que destacava “as vilas do litoral de toda a América portuguesa e parte da espanhola” (REIS, 2017, p. 40). Nessa representação, exposta na Figura 21, é possível verificar a capitania do Espírito Santo e a indicação do topônimo Tocoare, que, de acordo com Reis (2017), refere-se à Guarapari. Quanto aos demais nomes que aparecem na cartografia, Reis afirma que

No mapa, entre Porto Seguro e o Cabo Frio, no litoral, há os seguintes topônimos: a) Rio de Brasil b) Rio de São Georgio c) Paruipe d) Cricare e) Cabo de Baxos f) Spirito Sancto g) Tocoare h) Manangea i) Paraiba j) São Saluador k) Ylhas De Santa Barbara l) Baxos de Abreoio m) Ylha de Santa Clara A maior parte deles são nomes de rios que desaguam no litoral da Capitania do Espírito Santo. O ‘Rio de Brasil’ sem dúvida representa o rio das Caravelas, ao sul, o de “São Georgio” ficou depois conhecido como Peruípe. O “Paruipe” é, na verdade, o Mucuri, tido por muito tempo como a fronteira entre o Espírito Santo e Porto Seguro. O Cricaré mantém o nome (com a adição do acento) mas é também chamado de São Mateus, nome da cidade que surgiu em sua margem ainda no período colonial. O ‘Spirito Sancto’ parece representar a sede da capitania, mas no período colonial o nome também era dado ao rio que deságua à beira de Vitória (hoje rio Santa Maria) (REIS, 2017, p. 40).

Figura 21 – Detalhe do mapa Brasilis de 1597 com destaque para Tocoare



Fonte: Adaptado pela autora (2022) de Wythliet (1597).

Já em 1631, o Rio Guarapari foi representado na cartografia da Capitania do Espírito Santo, e foram evidenciadas nesse momento as serras existentes no território e o rio desembocando no mar, como pode ser visualizado na Figura 22.

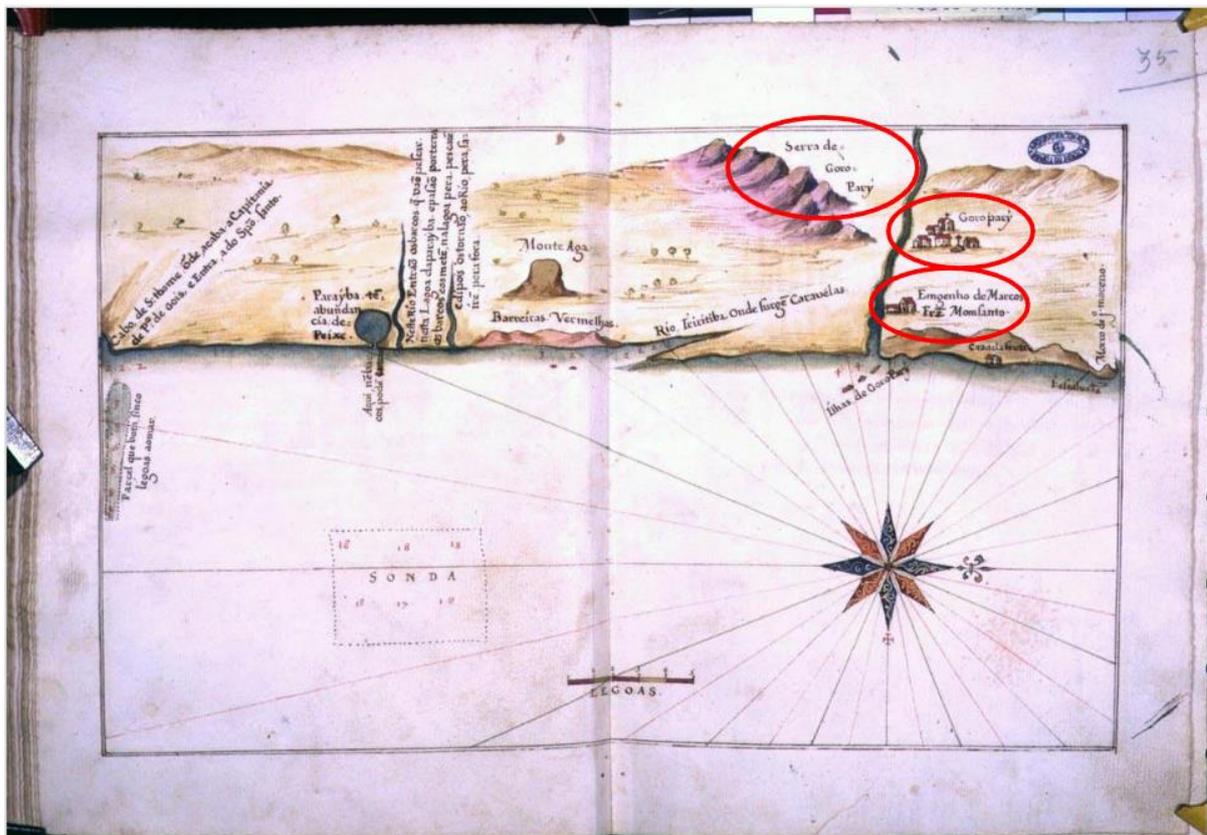
Figura 22– Mapa da Capitania do Espírito Santo em 1631 com destaque para o Rio Guarapari



Fonte: Adaptado pela autora (2022) de Albernaz (1631).

Em 1640, Guarapari foi representada no mapa que buscava descrever o território marítimo da Terra de Vera Cruz, nome inicial dado ao Brasil (Figura 23). Nele é possível verificar a presença do Rio Guarapari, escrito como "GoroPary", indicando a importância dele para o contexto, bem como a Serra de GoroPary, conhecida também como Perocão, que eram utilizadas como marcos, e as edificações religiosas existentes até o momento. Cabe citar ainda a representação do Engenho de Marcos Fernandez Monsanto, indicando uma possível importância econômica do vilarejo.

Figura 23 – Mapa representando Guarapari em 1640, com destaque para o vilarejo, a Serra de GoroPary e o Engenho de Marcos Fernandes Monsanto



Fonte: Adaptado pela autora (2022) de Albernaz (1640).

Junto ao mapa de autoria de João Teixeira Albernaz (1640), está também uma descrição do território desenhado, que se estende desde o Cabo de São Tomé, onde acaba a Capitania de Pero de Gois e inicia a de Francisco Gil de Araújo, até o Porto do Espírito Santo:

Do Cabo de São thome que como dise está em altura de vinte dous graos, Corre a Costa ao Norte. trinta e seis legoas. até o morro de loão moreno. que hehum monte que esta na entrada do Porto, do Spirito Santo, em, altura de 20 graos, e hum quarto. em toda esta Costa, não temos porto, notauel, mais que o rio Iriritiba. em que podem surgir Carauellas. em fundo de duas braças, e ao Norte, dele oito legoas. outro rio comtres ilhas pequenas na entrada dele que se correm de Noroeste sueste. entre, ellas, e a boca do rio podem surgir, em quatro braças chamaõ a estas, ilhetas, de Goropary e do mesmo nome esta huma pouoacão pelo rio assima distancia de cinco legoas, não á nesta Costa Outra couza de que se fassa menção. (ALBERNAZ, 1640).

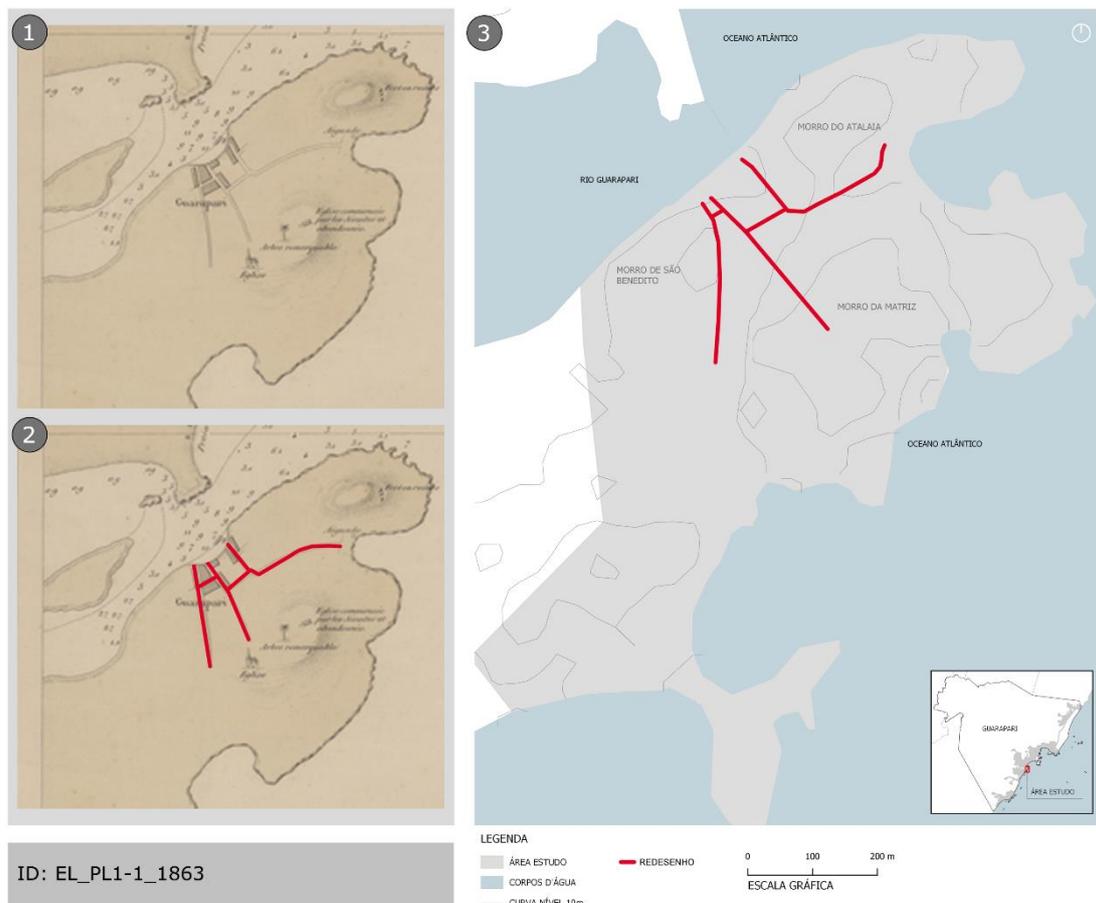
É relevante dizer que, de acordo com Reis (2017), até 1666 algumas das informações expressas nas cartografias tinham a função de transmitir uma informação básica, podendo não corresponder fielmente à realidade. Dessa forma, algumas representações podem aparecer distintas ou contraditórias

dependendo do contexto de elaboração. Somente no final do século XVII é que são padronizados os elementos cartográficos, e então os mapas se tornaram mais sóbrios e menos imaginativos (REIS, 2017).

Deste modo, as representações cartográficas apresentadas, demonstraram a importância de Guarapari no período colonial brasileiro, sem, no entanto, permitirem a identificação e redesenho do plano urbano, embora contribuam para isso com a identificação de elementos construtivos importantes como igreja, engenho e porto. Apenas a partir da cartografia de 1863, foi possível, proceder com a análise do plano. O mapa, já exposto na Figura 17, foi fundamental para esse processo.

Para seguir com a análise da forma urbana desse período, foi necessário primeiramente o redesenho das suas ruas e das demais características pertencentes ao plano urbano. Assim, procedeu-se com o desenho, por cima desse mapa, para que, posteriormente, ele fosse repassado para a base cartográfica utilizada nesse trabalho. Na Figura 24, foram apresentadas as fases dessa etapa.

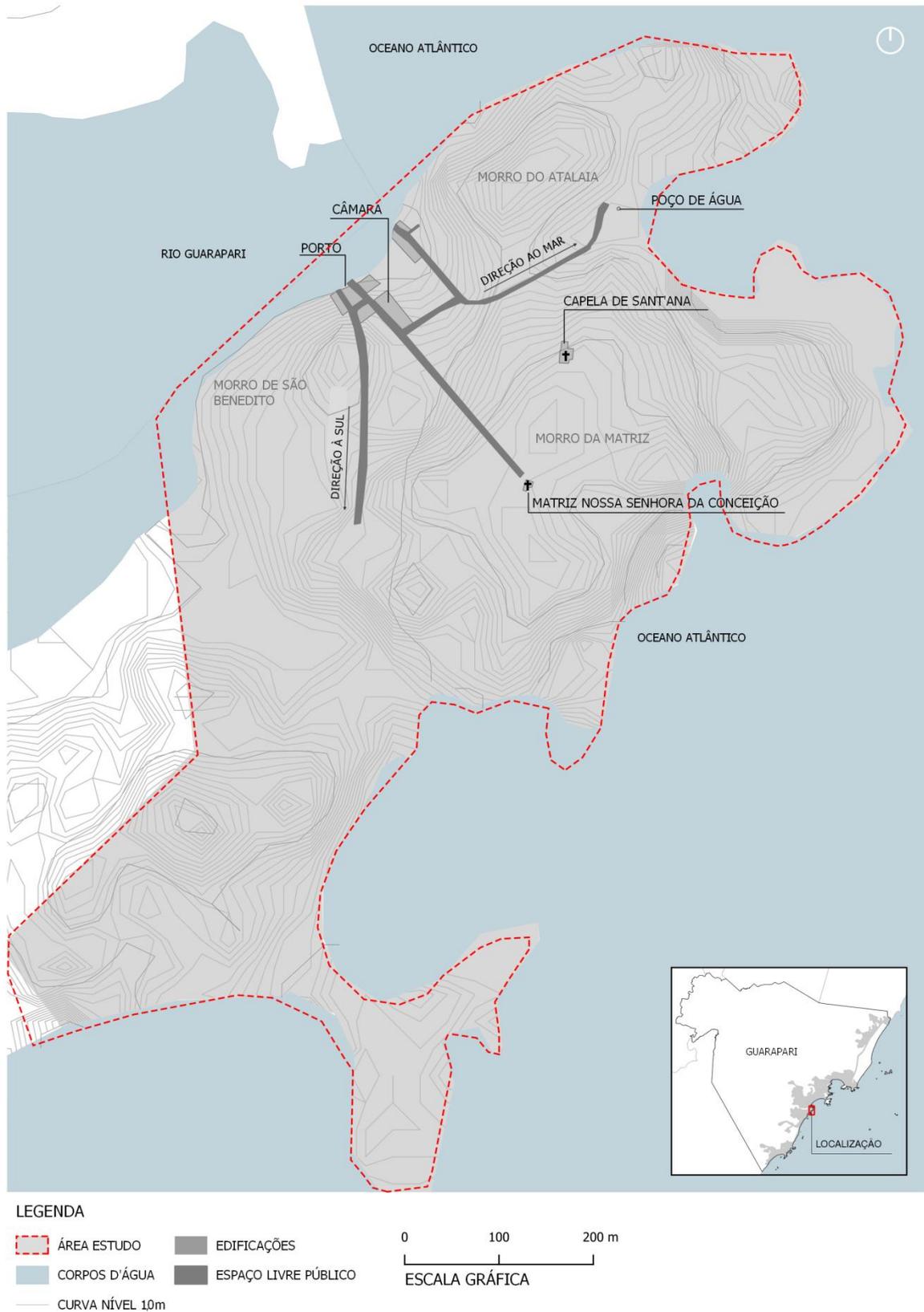
Figura 24 – Redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 1863



Fonte: Elaborado pela autora (2022) a partir da cartografia de autoria de Mouchez (1863) disponibilizada pelo IJSN.

O processo de identificação e redesenho das informações culminou na Figura 25. A partir dela pode-se identificar a formação do núcleo central de Guarapari, e verificar que o assentamento nesse período se deu inicialmente na parte de relevo mais íngreme, onde foi construída a capela dedicada à Sant'Ana e próximo ao rio Guarapari. Próximo a ela, foi erguida ainda a Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Dessa forma, seguindo os costumes portugueses descrito por Reis Filho (1968) e Marx (1980) o plano urbano de Guarapari deu suporte à atividade jesuítica e a escolha do sítio físico se deu por meio do posicionamento privilegiado em relação à visão panorâmica dos oceanos e faixas terrestres (SAINT-HILAIRE, 1936).

Figura 25 – Primeiro período morfológico: a morfogênese do núcleo central de Guarapari (1557-1863)

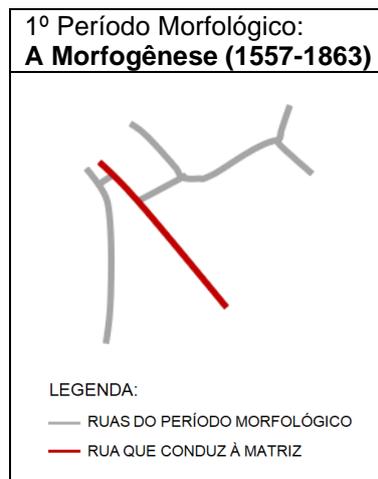


Fonte: Elaborado pela autora (2022) a partir da cartografia de autoria de Mouchez (1863) disponibilizada pelo IJSN.

Observou-se ainda que nas porções mais planas do território e próximas ao rio, que antes era chamado de Rio Guarapari e atualmente nomeado de Rio Jaboti, foram instaladas algumas edificações, o porto e a Câmara Municipal. É do porto que as ruas que compõem o plano urbano se estendem: seja de forma perpendicular ao rio, na direção sul; seja guiando até o poço de água, em direção ao mar e a nordeste; ou ainda para a Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Assim, as ruas traçadas sobre o plano urbano da vila foram estabelecidas para servir de ligação entre o porto e pontos de interesse comum, seguindo uma tendência formal da urbanização colonizadora portuguesa (MARX, 1980).

A rua que direciona do porto à Matriz de Nossa Senhora da Conceição, pode ser compreendida, de forma conjectural, como a principal que compõe o plano, uma vez que ela faz a ligação porto-igreja, saindo das margens do Rio Guarapari e chegando até a edificação religiosa (MONJARDIM; BOTECHIA, 2022). Na Figura 26 esse caminho é destacado.

Figura 26 – A rua que conduz até a Matriz de Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Elaborado pela autora (2022) a partir da cartografia de autoria de Mouchez (1863) disponibilizada pelo IJSN.

Notou-se também a existência das ruas que contornam o Morro de São Benedito e da Atalaia, que podem ter sido estabelecidas com base nas velhas trilhas indígenas, como descreve Reis Filho (1968) em suas observações sobre as cidades coloniais brasileiras. Importante salientar ainda que o caminho que envolve o Morro do Atalaia tem como destino o poço de captação de água e conduz ao mar. Para além, ressalta-se que a geometria do traçado das ruas existentes até 1863, tinha característica retilínea, mesmo que ele tenha sido

desenvolvido com base nas condições topográficas do sítio físico, e adaptadas de forma a ligar os pontos de maior importância para o núcleo.

Uma característica destacável desse período é a inexistência de um caminho que conduza à Capela de Sant'Ana, e esse fato pode estar atrelado ao abandono da edificação que estava em ruínas na época da visita de Dom Pedro II, já que havia sido construída apenas para dar suporte temporário aos jesuítas até a construção de uma matriz. Especula-se, que anterior a esse período, teria existido algum caminho que interligasse essa edificação ao tecido urbano, mas não foram encontradas referências que o indicasse.

Para além, evidencia-se que apesar de Dom Pedro II em visita à vila em 1860 ter doado uma quantia de dinheiro para a construção de um cemitério público, não se teve acesso a nenhuma documentação que indicasse o início dessa construção até os anos de 1863.

3.2. SEGUNDO PERÍODO MORFOLÓGICO: OS ANOS ENTRE 1863 E 1902

Avançando no tempo, deu-se continuidade às descrições históricas e evolutivas que marcam o segundo período morfológico. Este que se estendeu do final do período anterior, em 1863, até o ano de 1902, foi denominado de “a ocupação da cidade baixa”. Para compreender do que se trata, foi importante apresentar uma breve contextualização histórica do território antes de expor as características da sua paisagem.

Por se tratar de um período morfológico localizado entre o Brasil Imperial e o início do Republicano, mas consolidado a partir de uma urbanização colonial, ele reflete características dos três períodos históricos. Nesse sentido, é importante destacar que tendo em vista a Lei de Terras de 1850, que estabelecia o valor de troca para a apropriação de novas terras, algumas modificações incidiram sobre o território brasileiro (MARX, 1991).

A necessidade de separação exata entre o público e o privado, consequente da Lei de Terras, estampou no plano urbano uma forma mais racional de divisão, baseada em geometrias regulares, permitindo a marcação exata dos limites de terra. A ideia de lotear um terreno urbano em vários lotes retangulares, mais

compridos do que largos, tornou-se frequente entre os proprietários de terra, e surgiu com isso a figura do loteador (MARX, 1991).

Quanto à economia, o destaque se dava na produção e cultura de café, localizada quase que exclusivamente no campo. Junto a isso e por isso, foram realizadas obras de infraestrutura urbana, que visavam a melhoria das estradas e dos portos que possibilitavam o comércio e exportação do café produzido (SANTOS, 2020). Importante destacar ainda o processo de imigração europeia que marcou o século XIX, uma vez que o Brasil era visto como uma alternativa para a melhoria da vida através do trabalho no campo e nas plantações de café (MARX, 1991).

Nesse sentido, o fim do regime imperial brasileiro foi marcado por uma profunda modificação de ordem socioeconômica: a abolição da mão de obra escravizada, em 1888. Essa, que teve influência a partir das ideias europeias e interesses de cunho econômico, deu lugar à tentativa de industrialização das formas de produção no Brasil, representado pela República (MARICATO, 2003), o que no Espírito Santo, ocorreu de modo tardio, em relação aos principais centros urbanos do país.

3.2.1. Os aspectos histórico-evolutivos de Guarapari de 1863 a 1902

Em 1876, chegaram ao território os primeiros imigrantes italianos que se instalaram no interior da vila, mais precisamente na localidade de Todos os Santos. Esses, atraídos por oportunidades de vidas melhores, vieram para trabalhar no campo nas plantações de café, seguindo a tendência econômica que se dava no Brasil Império (BUENO, 2011; MARX, 1991).

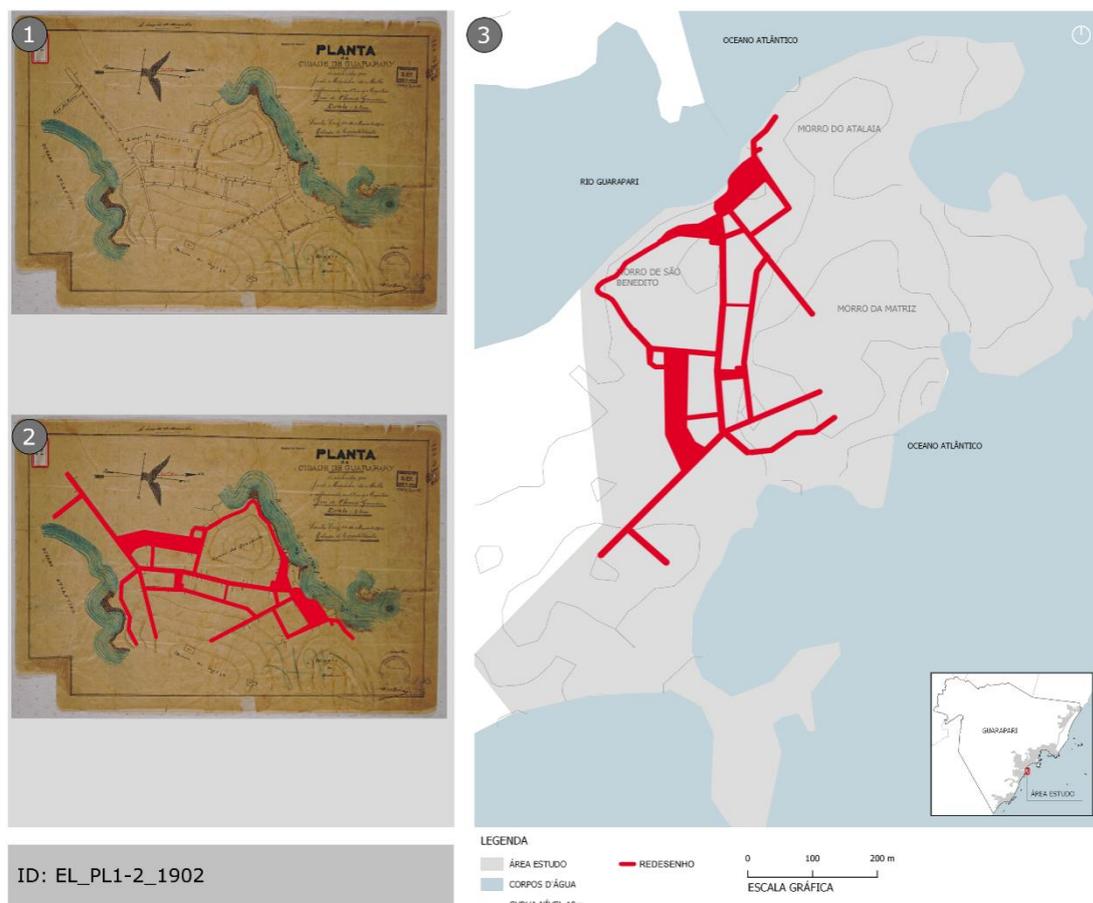
Dialogando com as políticas imperiais nacionais, sobre o território de Guarapari incidiram as políticas de melhorias de estradas e vias, que interligassem os territórios e permitissem uma melhor comunicação entre freguesias. Dessa maneira, os anos de 1869 e 1876, foram marcados por construção de novas estradas vicinais e abertura da estrada de rodagem que interligava Guarapari à colônia de Santa Isabel, atual cidade de Domingos Martins, que permitia o acesso a Minas Gerais (BUENO, 2011; OLIVEIRA, 2008).

Prosseguindo às sucessões dos fatos destacáveis do processo histórico de Guarapari, em 1880, a Capela de Sant'Ana passou por uma reestruturação e foi elevada à posição de Matriz de Nossa Senhora da Conceição, título que até então se dava à igreja em ruínas, construída em 1667 (BOUDOU, 2017). Todos esses acontecimentos contribuíram para a expansão da vila, que em 1891, já no período republicano, foi elevada à categoria de cidade, pela Lei Estadual nº 28 de 19 de setembro de 1891 (MOTTA, DUTRA; 2022).

3.2.2. A forma urbana do segundo período: a ocupação da cidade baixa (1863-1902)

Tendo compreendido os acontecimentos históricos que marcaram o segundo período morfológico, pode-se prosseguir com a caracterização da forma urbana. Para isso, seguindo o mesmo procedimento do período anterior, elaborou-se o redesenho do plano urbano em 1902, tendo como foco a estrutura viária, com base na iconografia identificada como ID: EL_PL1-2_1902. De tal modo, com o olhar voltado ao que ela representa, constatou-se que ela materializa a expansão do núcleo central, indicando agora a consolidação da ocupação da região próxima aos morros e o direcionamento da ocupação no sentido sul, como pode ser visto na Figura 27.

Figura 27 – Redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 1902



Fonte: Elaborado pela autora (2022) a partir da cartografia de autoria de Mello (1902) disponibilizada pelo Arquivo Nacional.

O redesenho das ruas junto à observação e percepção dos elementos apresentados na Figura 28 (ID: EL_PR1-1_1872) permitiram a construção do mapa apresentado na Figura 29. Este expressa a configuração do plano urbano do segundo período morfológico e possibilita a análise da forma urbana do núcleo central de Guarapari, bem como da sua expansão entre os anos de 1863 e 1902.

Destaca-se a presença da Rua Direita, identificada no mapa de 1902, que era uma tendência formal do período colonial, que representava o caminho importante dentro do vilarejo, conduzindo de um ponto importante a outro, e era um ótimo percurso para o comércio (MARX, 1980).

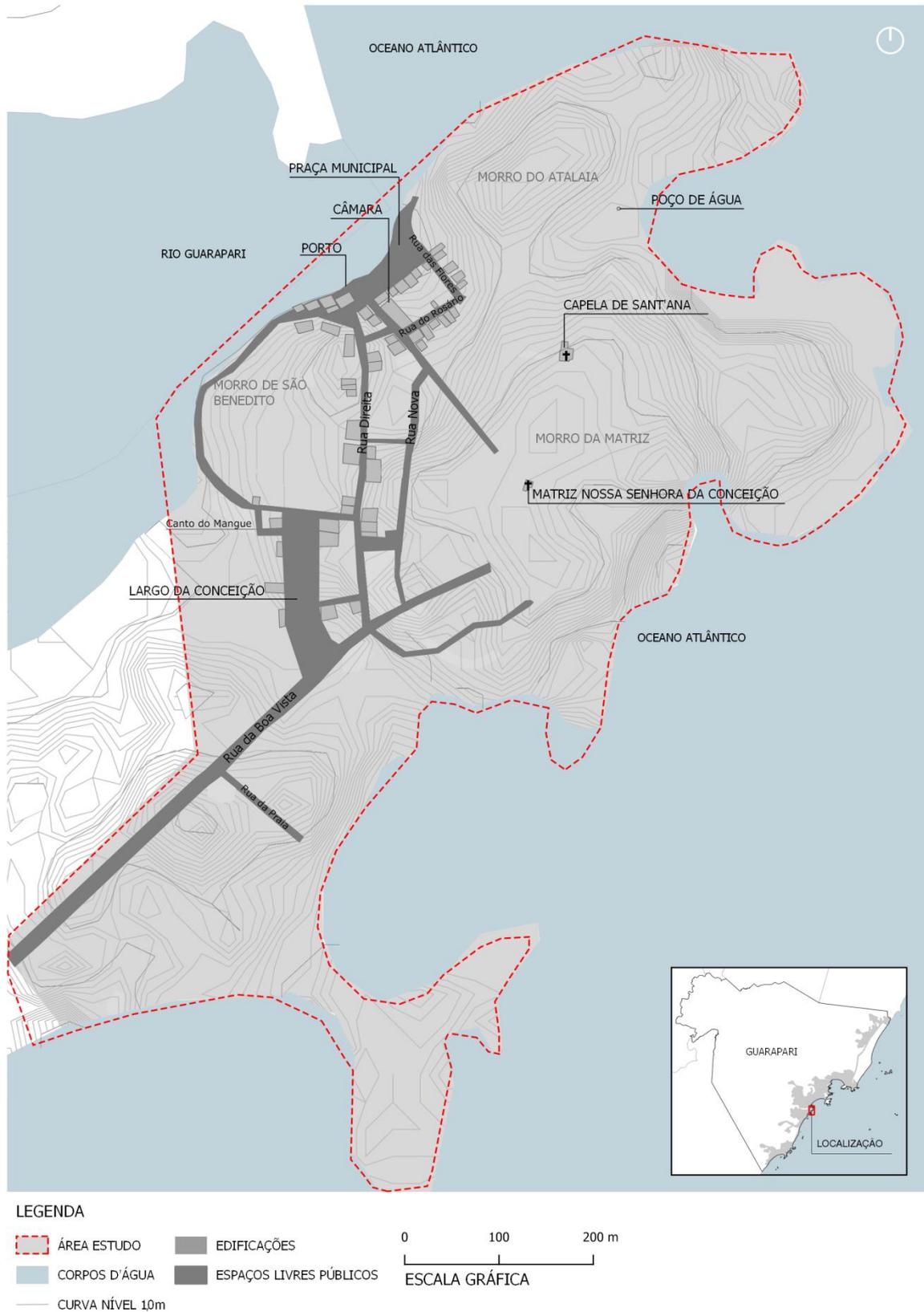
Figura 28 – Fotografia do porto de Guarapari em 1872



Fonte: Enciclopedia Itau Cultural, foto de Albert Richard Dietze (1872)

A partir da observação da Figura 29 podem-se notar novos elementos morfológicos se comparado ao período anterior. A existência de um espaço denominado de Largo da Conceição é uma das inovações que marcam esse período. Este, que é uma tendência formal colonial (MARX, 1980), se configura como uma continuação da rua, localizado entre a cidade e os edifícios religiosos no alto do morro da Matriz. Dessa maneira, o plano urbano do segundo período morfológico tem materializado a representação do largo, observando-se, no entanto, a ausência de menção ao mesmo, em documentos escritos consultados. É marcante também, a representação da área próxima ao porto e à Câmara, denominada de Praça Municipal, constituindo-se como um espaço livre e fluido entre edificações.

Figura 29 – Segundo período morfológico: a ocupação da cidade baixa (1863-1902)

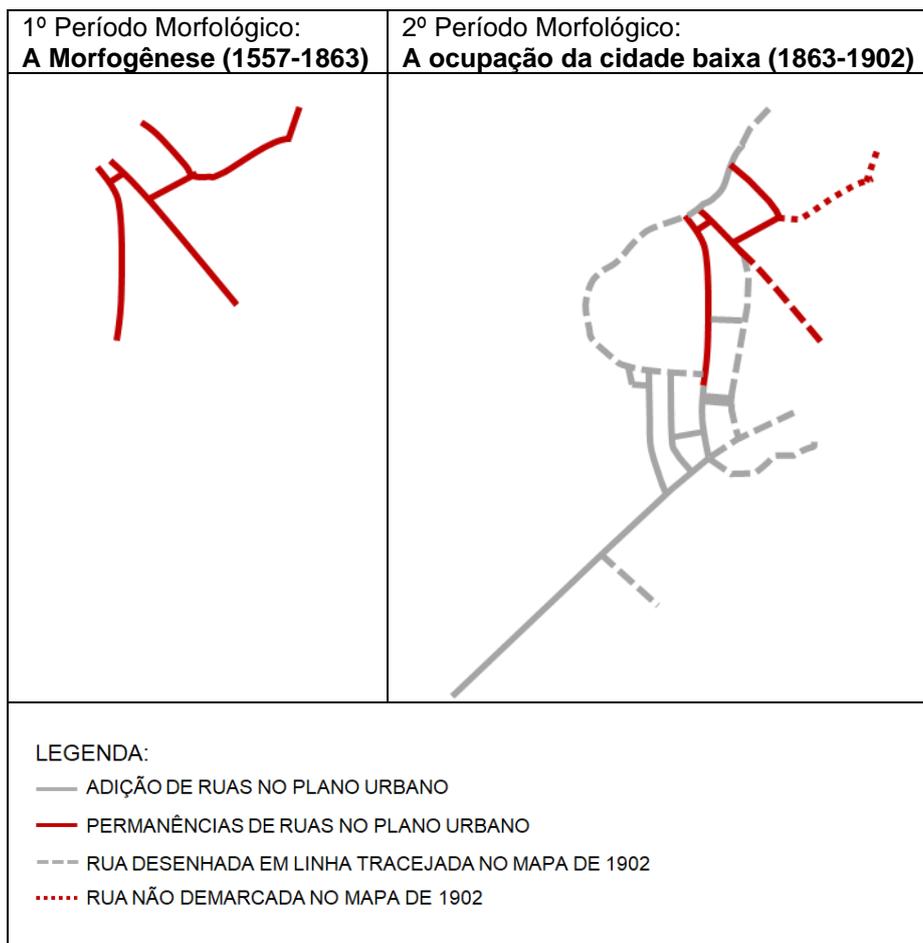


Fonte: Elaborado pela autora (2023) a partir da cartografia de autoria de Mello (1902) disponibilizada pelo Arquivo Nacional.

Pode-se citar ainda a expansão do núcleo central como marca desse período, a partir da expansão das ruas e das edificações que compõem o plano urbano. O que antes fora representado nas redondezas do porto, agora se desenvolve ao redor dos morros de São Benedito e da Matriz, e ainda em sentido ao sul.

Na Figura 30 pode-se verificar as transformações morfológicas incidentes sobre o plano urbano, em especial no traçado das ruas, quando comparado ao primeiro período. Constata-se a permanência das ruas que compunham o plano urbano em 1863, e ainda, um acréscimo de novos caminhos. É importante dizer que o que foi representado como linha pontilhada indicou um caminho que não foi expresso na cartografia de 1902 e nem foi possível verificar nas demais iconografias. Essa rua é, no entanto, o caminho, que até hoje direciona ao poço de água. Além disso, àquelas ruas que foram representadas em linhas tracejadas no mapa de 1902, foram representadas da mesma maneira na Figura 30. Importante dizer ainda que o referido mapa não apresenta legenda, o que impossibilita uma conclusão ou uma definição precisa sobre o significado das linhas tracejadas.

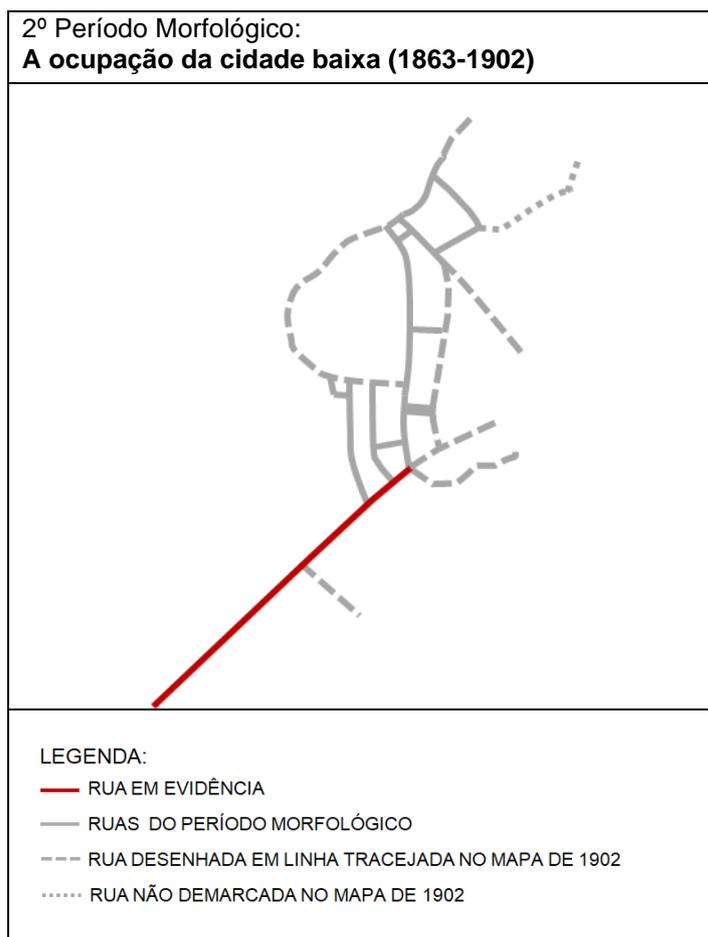
Figura 30 – Evolução da configuração das ruas sobre plano urbano entre o 1º e 2º período morfológico



Fonte: Elaborado pela autora (2022) a partir da cartografia de autoria de Mello (1902) disponibilizada pelo Arquivo Nacional.

Outra constatação importante é a adição da Rua da Boa Vista (Figura 31), direcionada ao sentido Sul do território, e que permite a ligação com a cidade vizinha Anchieta. Aqui se faz importante abrir um parêntese para destacar que Anchieta, na época Reritiba, junto à Guarapari, foi um dos primeiros núcleos jesuíticos instalados na Capitania do Espírito Santo no período colonial, e que o deslocamento terrestre entre um núcleo e outro era corriqueiro (OLIVEIRA, 2008). Dessa maneira, pode ser que a adição dessa rua nesse período seja na verdade a consolidação de um caminho que pré-existia desde o anterior, sem demarcação completa nas representações cartográficas obtidas. É possível também, que o percurso se relacione às melhorias e aberturas de estradas promovidas no período imperial, tema antes mencionado.

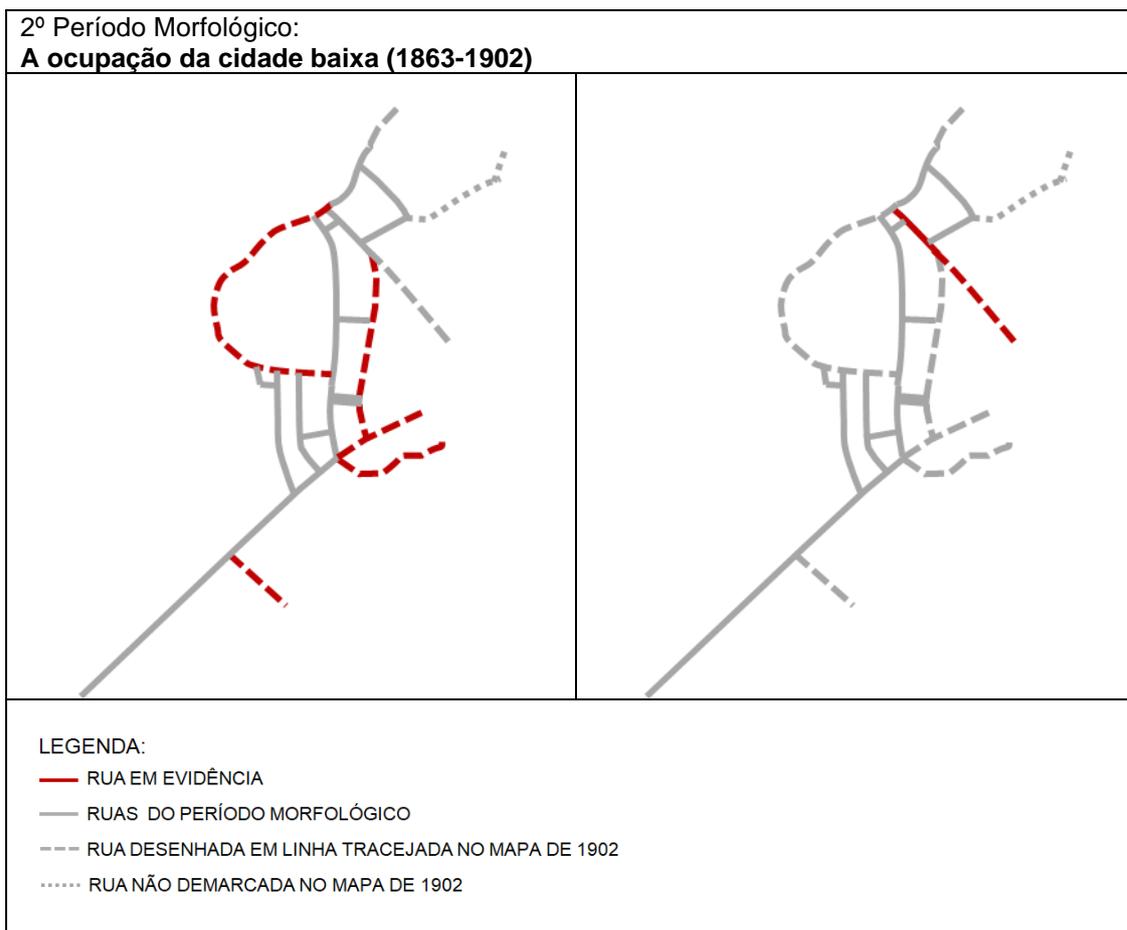
Figura 31– Processo morfológico: adição da Rua da Boa Vista



Fonte: Elaborado pela autora (2022) a partir da cartografia de autoria de Mello (1902) disponibilizada pelo Arquivo Nacional.

Destaca-se a demarcação dos caminhos representados em linhas tracejadas no mapa de 1902, e que podem configurar como adição do sistema viário existente sobre o plano urbano nesse período. Além disso, uma atenção especial foi dada à Rua da Matriz, que foi uma das desenhadas em linhas tracejadas. Os estudos de Monjardim e Botechia (2022) presumem que ela não corresponda a uma adição, visto que foi representada no período anterior, e que pode indicar um apagamento. Assim, à medida que a Matriz de Nossa Senhora da Conceição foi deixada às ruínas e que a Capela de Sant’Ana foi elevada à posição de Matriz, a rua pode ter deixado de fazer sentido. Na Figura 32 podem-se visualizar essas ruas destacadas em vermelho.

Figura 32 – Processo morfológico: à esquerda, destaque para as ruas que levam à praia e, à direita, destaque para a Rua da Matriz



Fonte: Elaborado pela autora (2022) a partir da cartografia de autoria de Mello (1902) disponibilizada pelo Arquivo Nacional.

Outro aspecto identificado foi a ausência de uma rua que direcione à antiga Capela de Sant'Ana, já que em 1880 ela se tornou a Matriz da cidade. Pode-se questionar os motivos para a não representação desse caminho, ou ainda indagar sobre como se realizaria o acesso à edificação. É possível que esse caminho já existisse, mas que ainda não estaria consolidado na ocasião, justificando a ausência de representação no mapa. Mesmo diante da ausência de elementos nas fontes consultadas sobre o período, que permitam essa conclusão, verificou-se a contribuição de análises referentes aos próximos períodos para compreensão de parte dessas questões, conforme foi tratado adiante.

3.3. TERCEIRO PERÍODO MORFOLÓGICO: OS ANOS ENTRE 1902 E 1952

O terceiro período morfológico tem em sua composição formal características da instauração da república. A Proclamação da República que se deu em 1889 foi uma alternativa de modernização das cidades brasileiras, que até então eram predominantemente rurais (MARICATO, 2003). Em Guarapari esse processo foi induzido a partir da descoberta das areias monazíticas, tanto para usos industriais como para medicinais, revelando suas características para novas atividades econômicas.

3.3.1. Os aspectos histórico-evolutivos de Guarapari de 1902 a 1952

Os anos que marcaram o terceiro período morfológico foram caracterizados por diversos aspectos históricos que contribuíram para o desenvolvimento evolutivo da cidade. Em 1906 foi construído, na área de estudo, o Cemitério Público São João Batista (BUENO, 2011), quase 50 anos depois da visita em que Dom Pedro II doou uma quantia em dinheiro para a construção do mesmo.

Também em 1906, se deu o início do processo de extração das areias monazíticas, que foram descobertas em 1898, a partir da instalação da usina da MIBRA – Monazita Ilmenita do Brasil. Apesar dos primeiros estudos de amostras dos seus minerais terem se dado entre 1884 e 1885, por meio dos estudos de Henrique Gorceix, somente cerca de duas décadas depois é que

foi instalada na cidade a Société Minière Industrielle Franco-Brasilienne, uma empresa franco-brasileira que deu início a atividade de extração das areias, que inicialmente tinha como finalidade a produção de lâmpadas a gás na Europa utilizando o elemento tório presente nas areias (ROCHA, 2019, p. 42).

A extração das areias monazíticas desempenhou papel fundamental para o desenvolvimento econômico da cidade até 1950, quando a extração e exportação do minério de Guarapari foi definitivamente encerrada. O auge da atividade extrativista na cidade ocorreu com a fundação da MIBRA, que em 1937 trabalhava por 24 horas todos os dias (BOUDOU, 2017).

Nesse período de exploração, os componentes radioativos da areia, em especial o tório e rádio, foram utilizados na Europa para a fabricação de camisas incandescentes até 1920; e posteriormente, a partir de 1945, com o fim da 2ª

Guerra Mundial, para “aplicabilidade na geração de energia nuclear e na indústria bélica” (BOUDOU, 2017, p. 68). Esse processo foi marcado por uma exploração indiscriminada das areias, e atraiu diversos pesquisadores, dentre eles o médico Silva Mello, que visitou Guarapari pela primeira vez em 1936, para estudar a radioatividade delas (ROCHA, 2019).

Mello (1971), em seu livro que descreve as viagens para a cidade, compara a beleza de Guarapari às praias francesas da Côte d’Azur, acreditando que o vilarejo apresentava “sobre elas vantagens e superioridades, no sentido de serem mais extensas as suas praias, mais alvas suas areias, mais limpas as suas águas” (MELLO, 1971, p. 23). Outro aspecto relevante exposto é que, as praias se encontravam desertas, sem pessoas utilizando-as. As descrições feitas pelo médico a respeito de Guarapari indicam que no ano da sua primeira viagem, o local

[...] tinha aspecto de pequena cidade, com uma praça de grandes árvores, cercada de casas antigas, algumas altas, de dois e três andares. [...] Uma cidade do passado, sem calçamento, com algumas pequenas casas de comércio e, na praça principal, árvores enormes, verdadeiramente seculares (MELLO, 1971, p. 2).

Em suas narrativas, Mello (1971) apresentou ainda descrição de um poço de água construído pelos jesuítas, localizado “Ao lado da praia, numa elevação de terreno, no encontro da rua vinda da atual Edésio Cirne com a rua vinda da Praça Governador Bley” (MELLO, 1971, p. 5). Cabe dizer que até o momento, nenhum documento histórico estudado mencionava a existência desse poço, a não serem as narrativas do médico.

Para além, Mello (1971) expressou que em sua primeira viagem a cidade era ocupada por pântanos e áreas alagadiças, mas que nas suas outras visitas essas áreas posteriormente foram transformadas em partes importantes da cidade. Quanto à situação da cidade, ele afirmou que os terrenos estavam em total decadência e abandono, sendo oferecidos gratuitamente pela prefeitura a quem quisesse construir. Não havia hospitais, nem médicos, somente um farmacêutico, nem bares e nem muitos automóveis. “A vida era simples, natural, espontânea, quase como deve ter sido vivida em tempos remotos e muito primitivos” (MELLO, 1971, p. 8).

Junto a toda a admiração evidente da parte de Mello (1971), estava também o interesse pela radioatividade encontrada nas areias monazíticas, que ele dizia ser capaz de curar algumas enfermidades, em especial reumáticas. Portanto, em 1939, Mello publicou o seu primeiro artigo de título “Guarapari: uma revelação”, onde expõe não só as belezas paisagísticas da cidade, mas também incentiva e divulga o uso das areias monazíticas como tratamento de saúde. O médico afirma que

Dos 80 elementos existentes na natureza, há 32 na água do mar, alguns deles, dos mais raros, abundando em Guarapari. [...] O que sabemos, por enquanto, tendo sido por doentes, principalmente do sistema nervoso, que se restabelecem com extraordinária rapidez. E também no lugarejo existem velhos de idade avançada, alguns pretendendo ter excedido idade avançada de um século (MELLO, 1971, p. 23).

Previamente à publicação deste artigo, Mello relatou que fez uma reunião em praça pública para avisar aos moradores de Guarapari do futuro promissor visualizado por ele para que a cidade se tornasse uma “estação balneária de cura” (BOUDOU, 2017, p. 71).

A partir da propaganda feita por Mello, indicando as previsões para que Guarapari fosse uma “estação balneária de primeira ordem” (MELLO, 1971, p. 21), tem-se o que Boudou (2017) descreve como o “marco zero da invenção de Guarapari como cidade saúde” (p. 74). Apesar de naquele momento ainda não ter infraestrutura para receber visitantes, o vilarejo passou a ser frequentado por turistas do Brasil inteiro, que vinham passar temporadas “[...] no balneário em busca de cura para algumas doenças ou apenas à procura de um lugar bucólico, longe dos grandes centros” (ROCHA, 2019, p. 46).

Nesse sentido, de acordo com Boudou (2017), em 1940, Guarapari se destacou no cenário nacional no que diz respeito ao duplo interesse nas praias: seja por conta da extração e exportação das areias monazíticas, seja por suas propriedades terapêuticas divulgadas por Mello. Em sua segunda visita à cidade em 1946, Mello (1971) constatou modificações formais na cidade, tais como as ruas calçadas, a presença de energia elétrica e algumas obras de saneamento urbano. Seguindo esse aspecto, Bueno (2011) contou que em 1947, a cidade foi marcada pela construção do Siribeira Iate Clube, em cima da pedra que separa a Praia da Areia Preta e das Castanheiras.

Apesar de em 1945 Guarapari ter sido a maior fornecedora de areia monazítica do mundo, nos anos de 1950 houve o declínio das atividades de extração de areia no território (BOUDOU, 2017). Ao contrário disso, a divulgação das areias pretas para uso terapêutico teve seu auge nesse período, atraindo muitos turistas. Portanto, a cidade passou por transformações espaciais relevantes no que diz respeito à infraestrutura, e teve como símbolo máximo o Radium Hotel, inaugurado em 1953, na edificação que em 1947 havia sido construída para ser Escola Naval, na Praia da Areia Preta (BOUDOU, 2017). Para atender as demandas desse hotel que tinha padrão internacional e funcionava como cassino, foram construídos um aeroporto e a ponte da cidade, a fim de facilitar o deslocamento dos hóspedes (BUENO, 2011).

3.3.2. A forma urbana do terceiro período: a expansão ao sul (1902-1952)

Como o próprio nome diz, o terceiro período evolutivo indicou um desenvolvimento e expansão do plano urbano em direção ao Sul do território, seguindo a tendência iniciada anteriormente. Esse processo, que pode ser observado desde o primeiro período através do provável caminho que conduzia até Reritiba (Anchieta), foi ainda mais consolidado após descoberta das areias monazíticas para exportação e a divulgação delas como elemento curativo. Assim, o recorte espacial foi marcado por abertura de novas ruas e acréscimos na forma urbana, como é o caso do cemitério, da Escola Naval, do Siribeira late Clube e da ponte que interliga a parte norte a sul.

Pode-se perceber um avanço formal quando se compara o plano urbano deste período ao do período anterior. Com base nas iconografias utilizadas como referência e levando em consideração os fatos relevantes que marcaram a história de Guarapari, percebeu-se que a partir de 1902 as ruas que compunham o plano urbano se mantiveram com características formais similares até 1952, sendo este marcado por extensões de ruas já existentes e acréscimo de outras.

Apesar do início do século XX ter sido caracterizado por modificações na maneira de compreender a cidade e de utilização das praias, observa-se que essas inovações formais começaram a se manifestar no território de Guarapari entre os anos de 1902 e 1952, mas têm no período seguinte, o palco da sua consolidação.

Assim sendo, dentre as fotografias catalogadas foram utilizadas quatro para ajudarem na reconstrução e redesenho das ruas sobre o plano urbano nesse tempo, sendo elas dos anos de 1934 e da década de 50. Partindo da configuração formal do período anterior e prosseguindo, a fotografia de 1934 (ID: EL_PL1-3_1934) auxiliou no processo de redesenho do plano urbano desse período morfológico (Figura 33) pela possibilidade de identificação das ruas.

Figura 33 – Redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 1934



Fonte: Elaborado pela autora (2023) a partir da fotografia do Fundo Correio da Manhã (1934) disponibilizada pelo Arquivo Nacional.

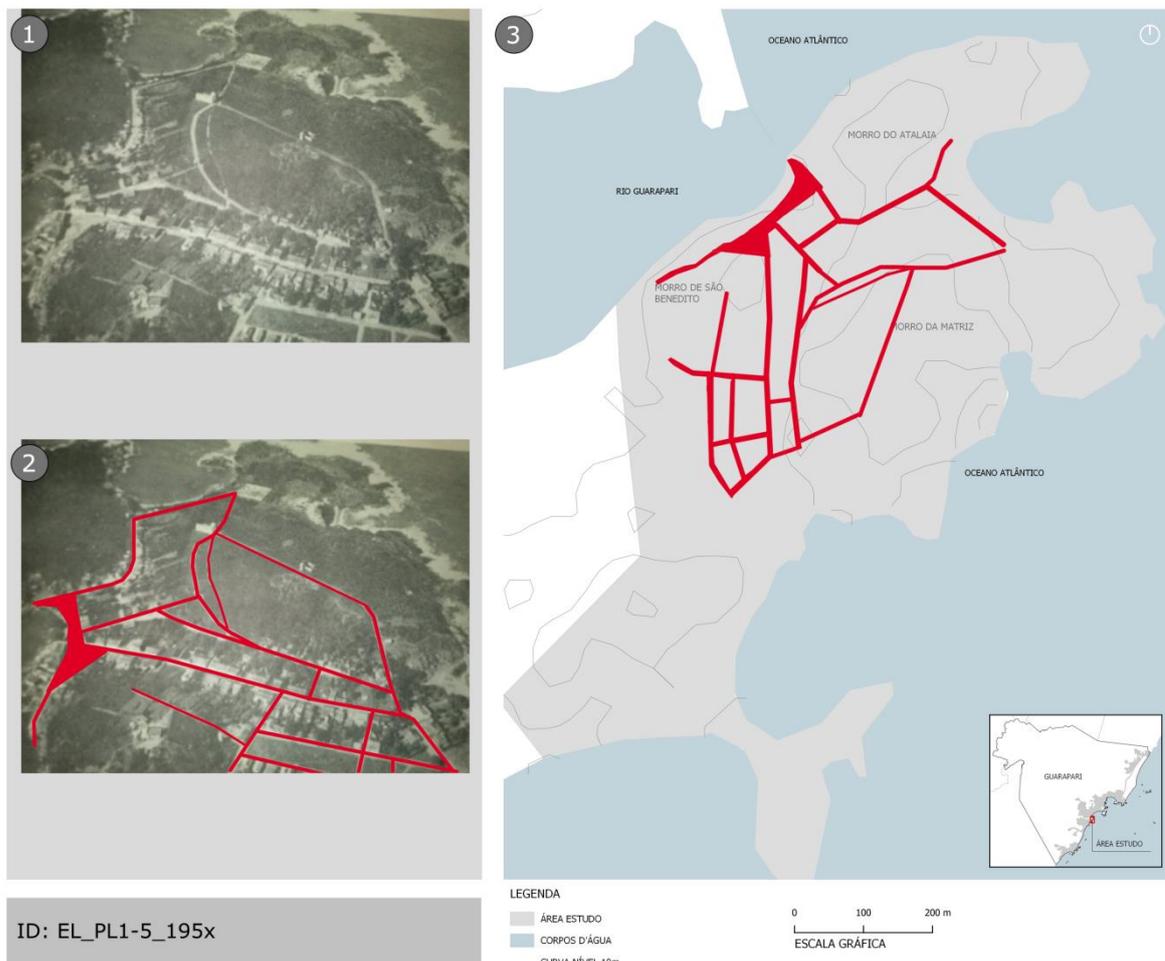
Outras duas fotografias utilizadas como referência nesse período foram as identificadas como ID: EL_PL1-4_195x e ID: EL_PL1-5_195x, que, por similaridades visuais, aparentam ser do mesmo ano, tendo sido produzidas a partir de ângulos distintos. Elas demonstram o plano urbano com características formais semelhantes ao de 1934, mesmo sendo posteriores. Apesar de essas fotografias serem da década de 50 e não ter havido uma precisão na sua data, elas ainda retratavam uma cidade sem ponte e com áreas de pântano, identificadas então, como anteriores a 1952, ano de inauguração da ponte. Na Figura 34 e na Figura 35 foram expostos os processos de redesenho que se seguiu com base nas duas fotografias.

Figura 34 – Redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 195x (parte 1) – antes de 1952



Fonte: Elaborado pela autora (2023) a partir da fotografia divulgada por Benedito Carvalho (195x) disponibilizada no Grupo do *Facebook* Guarapari Memórias.

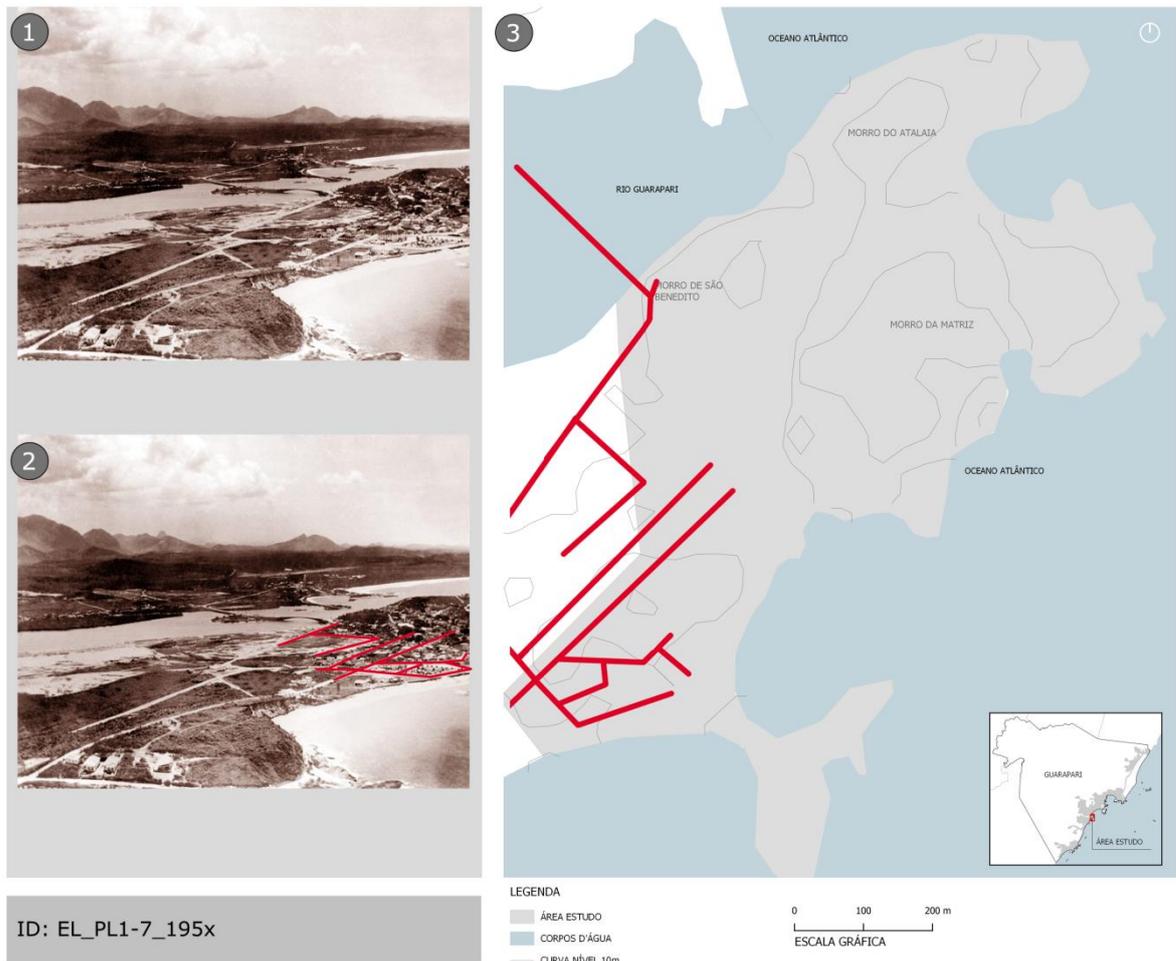
Figura 35– Redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 195x (parte 2) – antes de 1952



Fonte: Elaborado pela autora (2023) a partir da fotografia divulgada por Benedito Carvalho (195x) disponibilizada no Grupo do *Facebook* Guarapari Memórias.

Seguindo, selecionou-se a fotografia identificada como ID: EL_PL1-7_195x. Ela demonstra um território que estava no início de transição, evidenciada principalmente pela construção da ponte, ou seja, simboliza um tempo posterior a 1952. Notou-se ainda a presença da edificação destinada ao Radium Hotel (em 1953), construída em 1947 para ser uma Escola Naval. Considerando a especialmente a presença da ponte, optou-se por considerar essa fotografia como marco de finalização do terceiro período. Na Figura 36 foi apresentada a reconstrução das ruas que compõem o plano, em especial aquele que se encontra dentro do recorte espacial que se dá essa pesquisa.

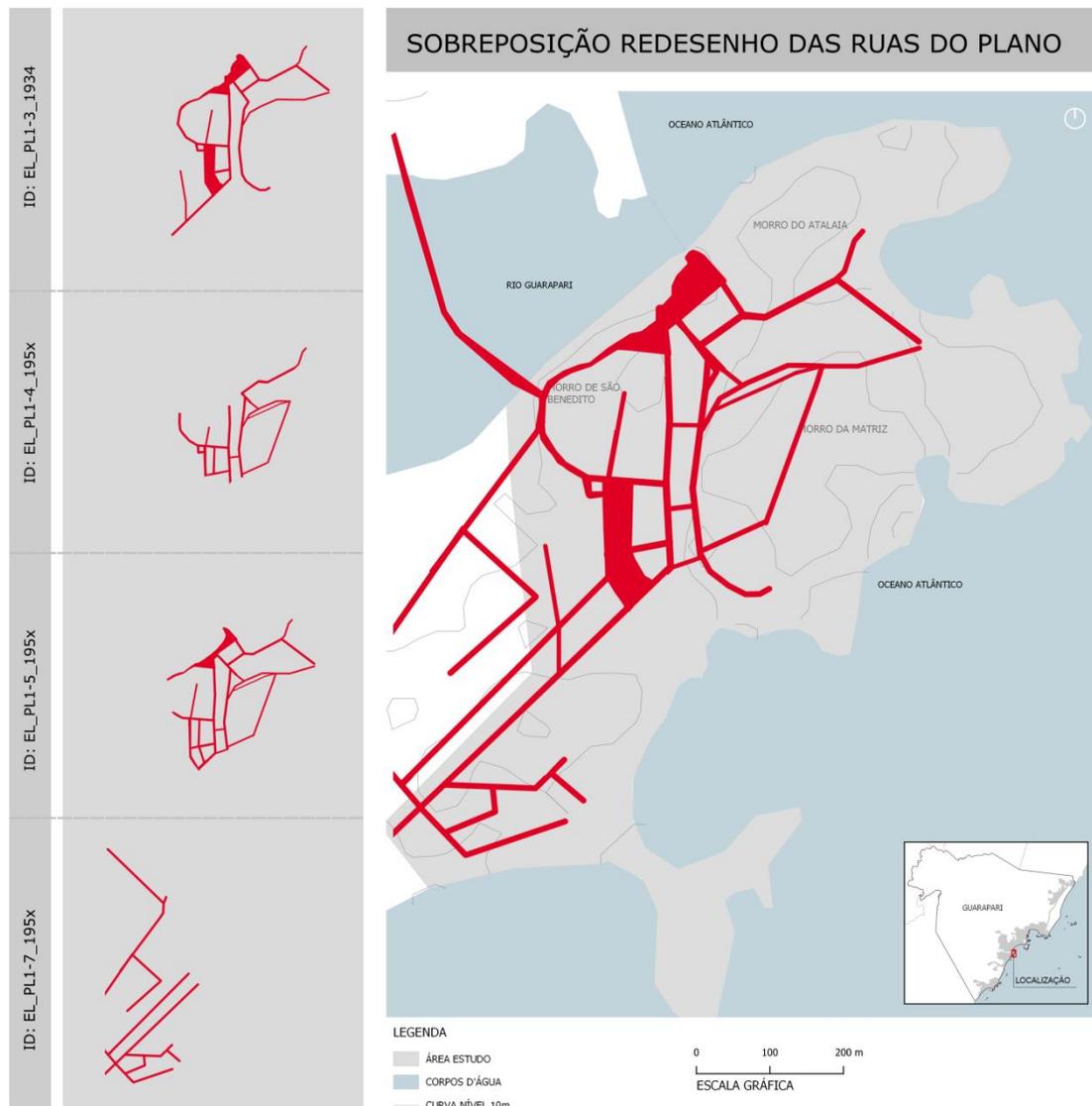
Figura 36 – Redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 195x (parte 3) – depois de 1952



Fonte: Elaborado pela autora (2023) a partir da fotografia divulgada por Benedito Carvalho (195x) disponibilizada no Grupo do *Facebook* Guarapari Memórias.

Para a confecção do mapa morfológico relativo ao terceiro período, as características formais das ruas identificadas no processo de redesenho foram sobrepostas, culminando na Figura 37.

Figura 37 – Sobreposição do redesenho das ruas que compõem o plano urbano de 1902 a 1952

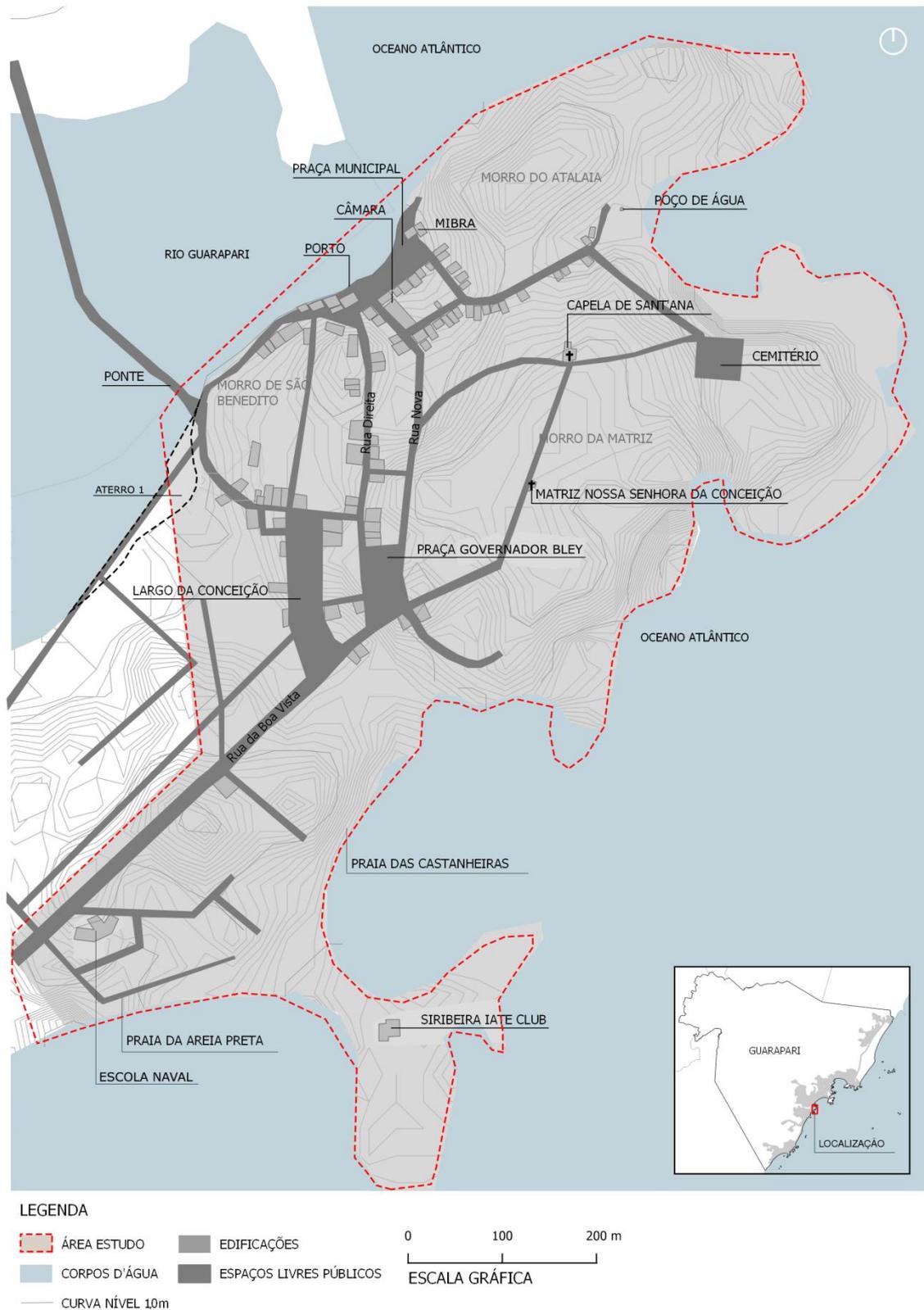


Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base em fontes diversas⁷.

Compreendida a configuração das ruas que caracterizaram esse período morfológico, procedeu-se a confecção do mapa que indicava o plano urbano entre 1902 e 1952. Nele foram representadas as principais edificações e espaços que compunham o território. Destaca-se ainda que a representação das edificações no mapa se deu por aproximação em redesenho a partir de reconstrução com base em fotografias. Na Figura 38 foram materializados os elementos formais desse período.

⁷ As fontes utilizadas para a elaboração dessa composição estão evidenciadas nos apêndices de acordo com a nomenclatura (ID) das imagens

Figura 38 – Terceiro período morfológico: a expansão ao sul (1902-1952)

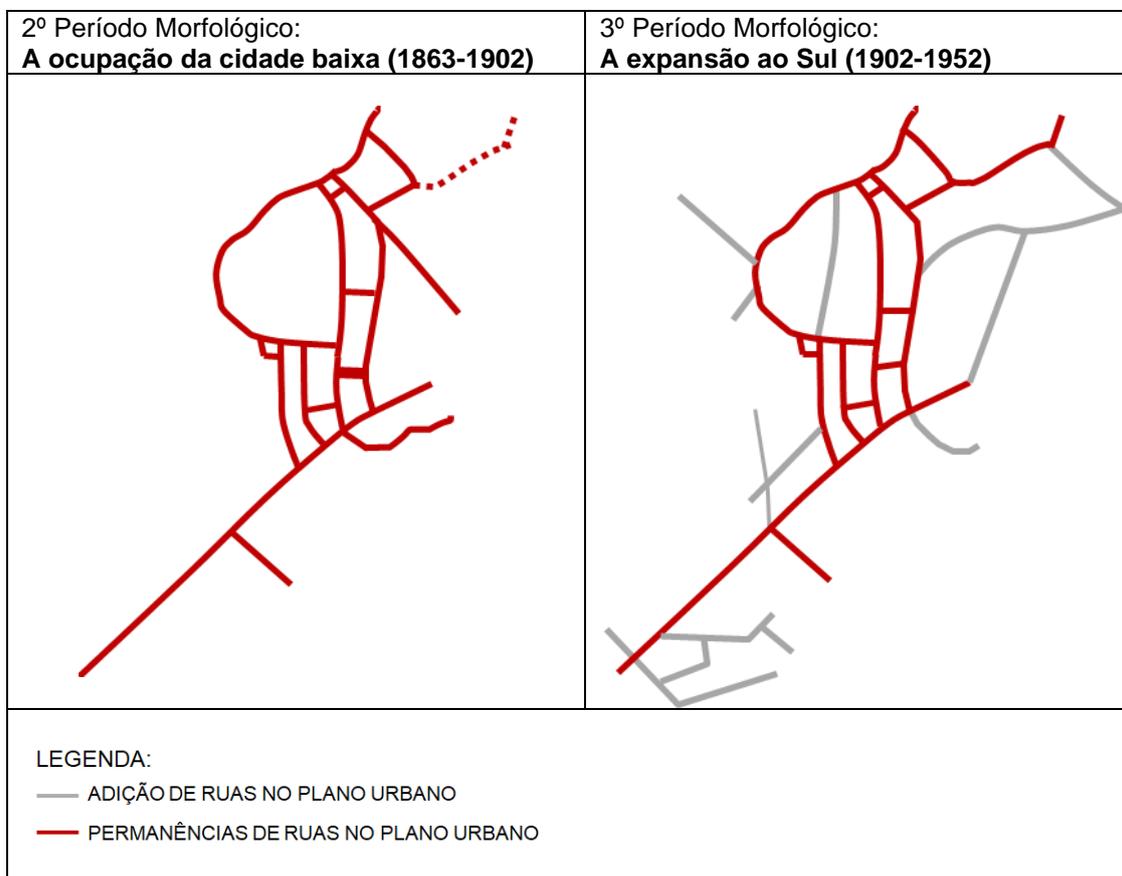


Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base em fontes diversas⁸.

⁸ As fontes utilizadas para a elaboração dessa composição estão evidenciadas nos apêndices de acordo com a nomenclatura (ID) das imagens

Observando a Figura 38, e dialogando com o processo histórico que marcou o período, pode-se verificar no território estudado a materialização de elementos morfológicos como a ponte sobre o Rio Guarapari, o Siribeira late Clube, a edificação onde funcionava a MIBRA, a Praça Governador Bley e a Escola Naval (que no ano seguinte se tornou o Radium Hotel). Destaca-se que a partir da construção da ponte, realizou-se ainda o primeiro aterro sobre o Rio Guarapari. Além disso, notou-se uma evolução no plano urbano, sendo expresso por uma maior quantidade de ruas e caminhos dispostos no território, na direção Sul como pode ser visto na Figura 39.

Figura 39 – Evolução das ruas que compõem o plano urbano entre o 2º e 3º período morfológico



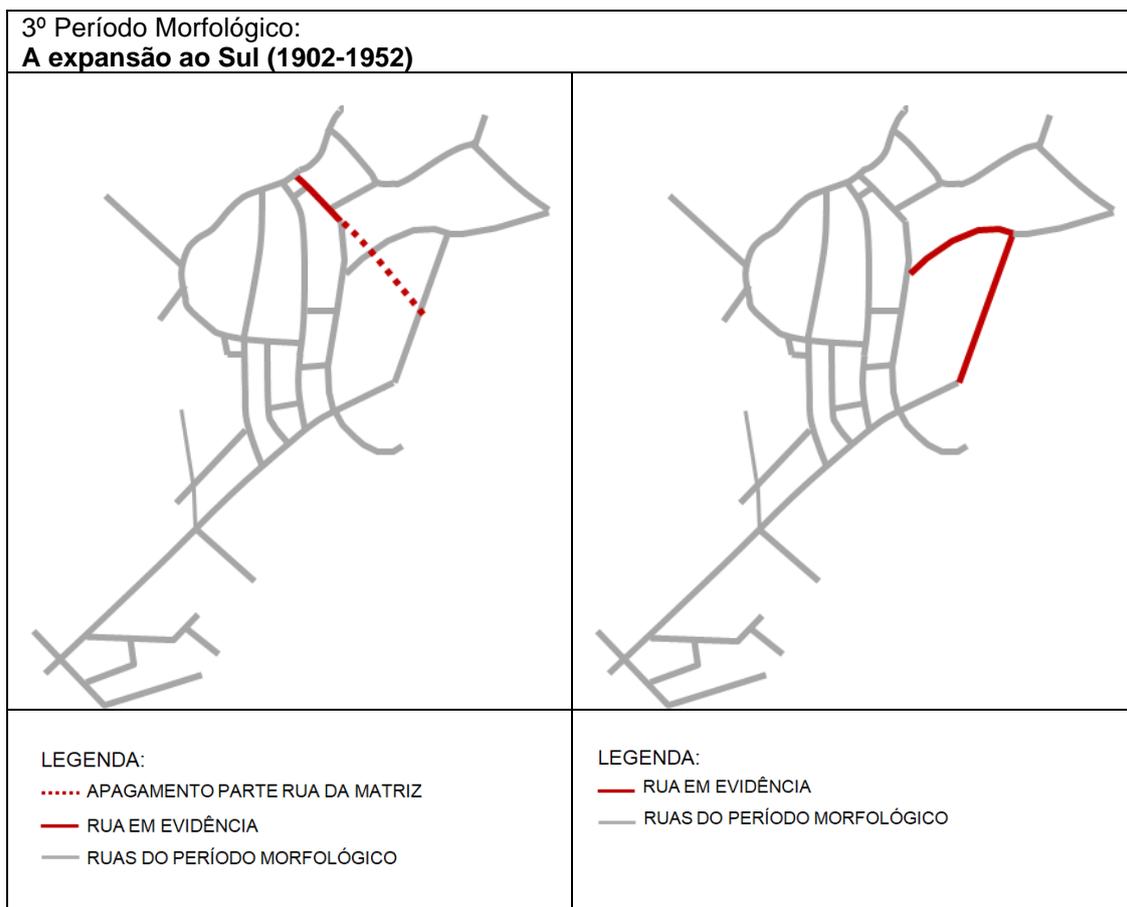
Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base em fontes diversas⁹.

Diante da expansão das ruas que compõem o plano urbano apresentado na Figura 39, optou-se por iniciar percorrendo sobre a Rua da Matriz. Importante lembrar que no período anterior já foi percebido um início de transformação

⁹ As fontes utilizadas para a elaboração dessa composição estão evidenciadas nos apêndices de acordo com a nomenclatura (ID) das imagens

formal nessa rua e aqui este processo foi estampado no território: parte da rua teve sua extensão apagada. Ao mesmo tempo, tem-se a adição de dois novos caminhos que direcionam às edificações religiosas instaladas no alto da colina, como pode ser visto na Figura 40.

Figura 40 – Processos morfológicos: à esquerda, o apagamento de parte da Rua da Matriz, e à direita, a adição das ruas que direcionam até a Matriz

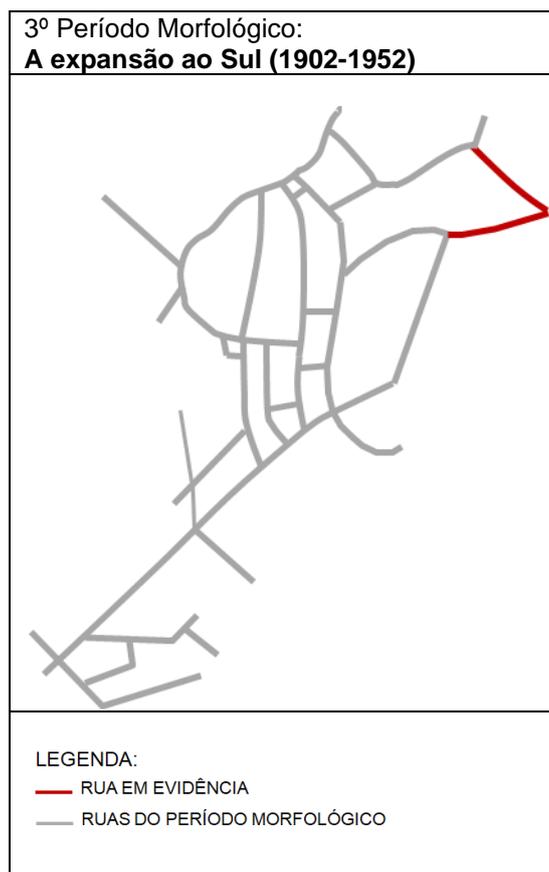


Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base em fontes diversas¹⁰.

Além disso, pode-se notar uma adição de ruas que interligam o Cemitério Público ao plano urbano consolidado nesse período. Importante dizer que o cemitério foi instalado na base do morro da Matriz, entre as edificações e o mar na direção leste. Assim, os caminhos que levam a ele vêm tanto da rua que direciona à Matriz quanto da que leva até o poço dos jesuítas, como pode ser visto na Figura 41.

¹⁰ As fontes utilizadas para a elaboração dessa composição estão evidenciadas nos apêndices de acordo com a nomenclatura (ID) das imagens

Figura 41 – Processo morfológico: adição de ruas que direcionam ao cemitério

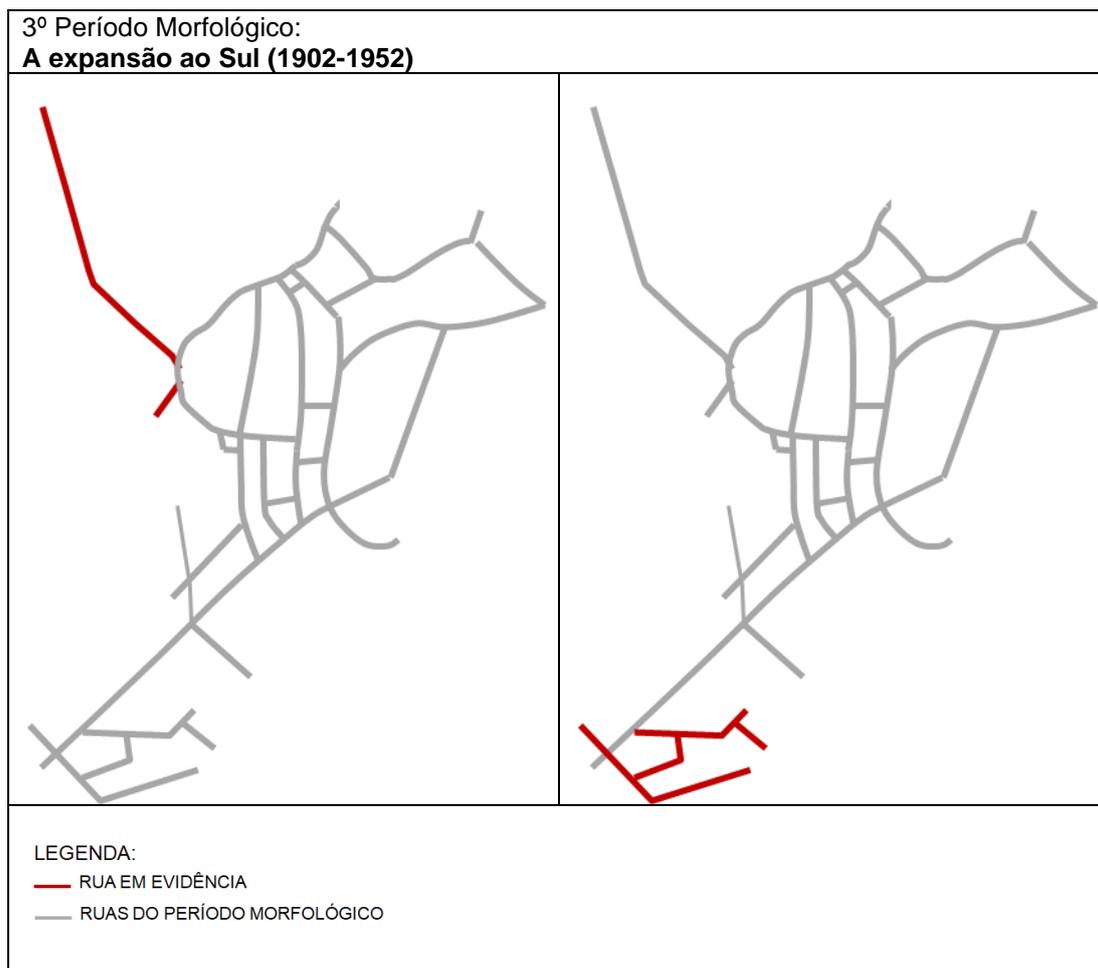


Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base em fontes diversas¹¹.

Outras duas adições formais compuseram o plano urbano desse período morfológico: a construção da ponte e a construção das ruas próximas à Escola Naval (futuro Radium Hotel). Importante destacar que a Rua da Boa Vista, consolidada no período anterior estrutura a adição dessas últimas. Por sua vez, a construção da ponte sob o Rio Guarapari foi acompanhada pelo aterro de parte do rio, próximo ao Morro de São Benedito, indicando uma nova tendência de expansão do plano urbano. Esse processo pode ser associado ao início do incentivo do turismo em Guarapari, marcado pela utilização das praias, e pode ser visualizado na Figura 42.

¹¹ As fontes utilizadas para a elaboração dessa composição estão evidenciadas nos apêndices de acordo com a nomenclatura (ID) das imagens

Figura 42– Processo morfológico: à esquerda, adição da ponte e, à direita, as ruas próximas à Escola Naval



Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base em fontes diversas¹².

Como o período histórico evidencia as praias como atrativo, principalmente a Praia da Areia Preta, conjectura-se sobre a existência de caminhos na orla. No entanto, pelo fato desses caminhos não terem sido expressos nas fotografias levantadas, estes não constam no redesenho.

3.4. QUARTO PERÍODO MORFOLÓGICO: OS ANOS ENTRE 1952 E 1968

O quarto período foi considerado um momento transitório na história de Guarapari, em que a cidade se despedia das características bucólicas descritas por Mello (1971) e começava a aderir às ideias modernizadoras que marcavam as cidades brasileiras naquele período.

¹² As fontes utilizadas para a elaboração dessa composição estão evidenciadas nos apêndices de acordo com a nomenclatura (ID) das imagens.

3.4.1. Aspectos histórico-evolutivos de Guarapari de 1952a 1968

Os anos que se seguiram de 1952 a 1968 foram marcados intensamente pela propaganda e divulgação das praias de Guarapari. Mello (1971), ao visitar novamente, a cidade, em 1954, fez uma publicação sobre o desenvolvimento urbano que incidia sobre o território. Nela ele descreveu de forma indignada sobre as modificações formais que compunham a cidade, tais como o hotel de grande porte (Radium Hotel), o aumento do número de casas e ruas, a construção da ponte e da Escola Guarapari, em confronto com às belezas naturais.

Para elucidar a importância das praias de Guarapari em nível nacional, ressalta-se que em 1956 ela foi eleita a praia mais famosa do Brasil, de acordo com o jornal carioca Última Hora. Já em 1969, a revista O Cruzeiro, uma das mais lidas da década de 60, trouxe uma reportagem sobre as belezas naturais da cidade bem como de suas propriedades terapêuticas (BOUDOU, 2017).

No que diz respeito à paisagem urbana, apesar dessas modificações descritas por Mello (1971), Rocha (2019) afirmou em seus estudos que o território ainda não era verticalizado, e apresentava características bucólicas até o fim da década de 1960. Sendo, portanto, uma referência nacional de cidade litorânea a ser visitada, e a partir do incentivo do setor hoteleiro e poder público, entre os anos de 1960 e 1965, a população de Guarapari passou de 3.900 habitantes para 10.000 habitantes, no período de veraneio.

Um fato destacável em 1964 foi o fechamento do cassino do Radium Hotel, devido à proibição nacional de jogos de azar (BOUDOU, 2017). Esse fato pode ter contribuído para a decadência do hotel nos anos que se seguiram (BUENO, 2011). Assim sendo, nos anos posteriores, o mercado de Guarapari foi aquecido pela forte atuação da construção civil, e os seus reflexos marcaram o próximo período.

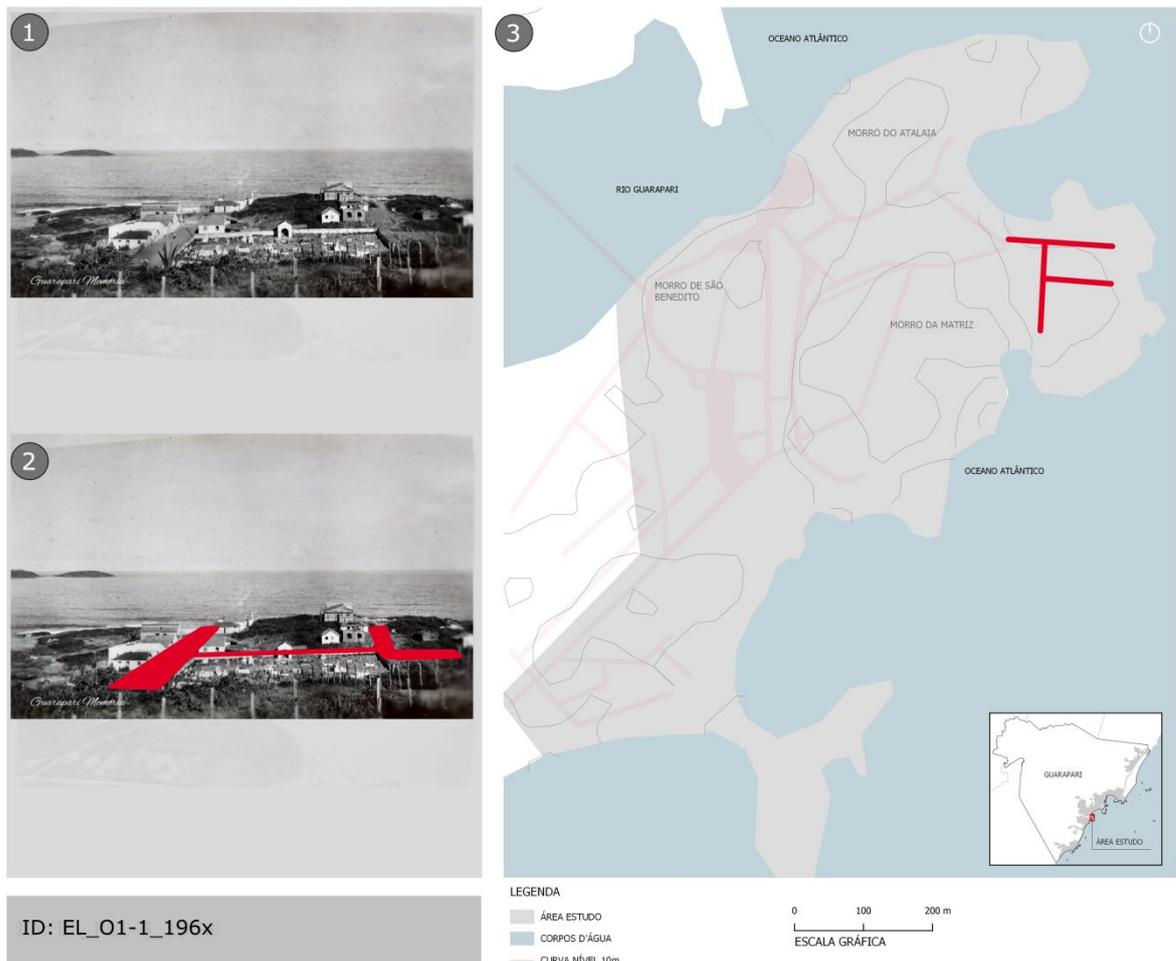
3.4.2. A forma urbana do quarto período: a aproximação com as praias (1952-1968)

Como fora dito, o quarto período morfológico, denominado de “a aproximação com as praias”, tem início nos anos de 1952 e final em 1968. Os registros iconográficos encontrados indicaram uma expansão do plano urbano a partir da formação de novos caminhos, interligando ruas principais e edificações religiosas existentes, e ainda uma apropriação das praias por parte da sociedade.

Indo ao encontro ao que se sucedeu no contexto histórico, a forma urbana apresentada no período anterior foi marcada pela expansão do território na direção do litoral. Para que fosse possível reconstruir o plano urbano desse período, foram utilizadas como referência formal, as fotografias identificadas como ID: EL_O1-1_196x, ID: EL_PL1-9_196x, ID: EL_PL1-11_196x e ID: EL_PL1-10_1968. Cada uma delas auxiliou na reconstrução de parte do território, uma vez que são contemporâneas e complementares. Apesar dessas fotografias não terem precisão exata de data, sendo nomeadas pela década de 60, pode-se verificar aproximação formal entre as mesmas.

Assim, a Figura 43, que expressa parte do plano urbano identificado no período, com base na fotografia ID: EL_O1-1_195x, apresenta as ruas que se formaram próximas ao Cemitério Público.

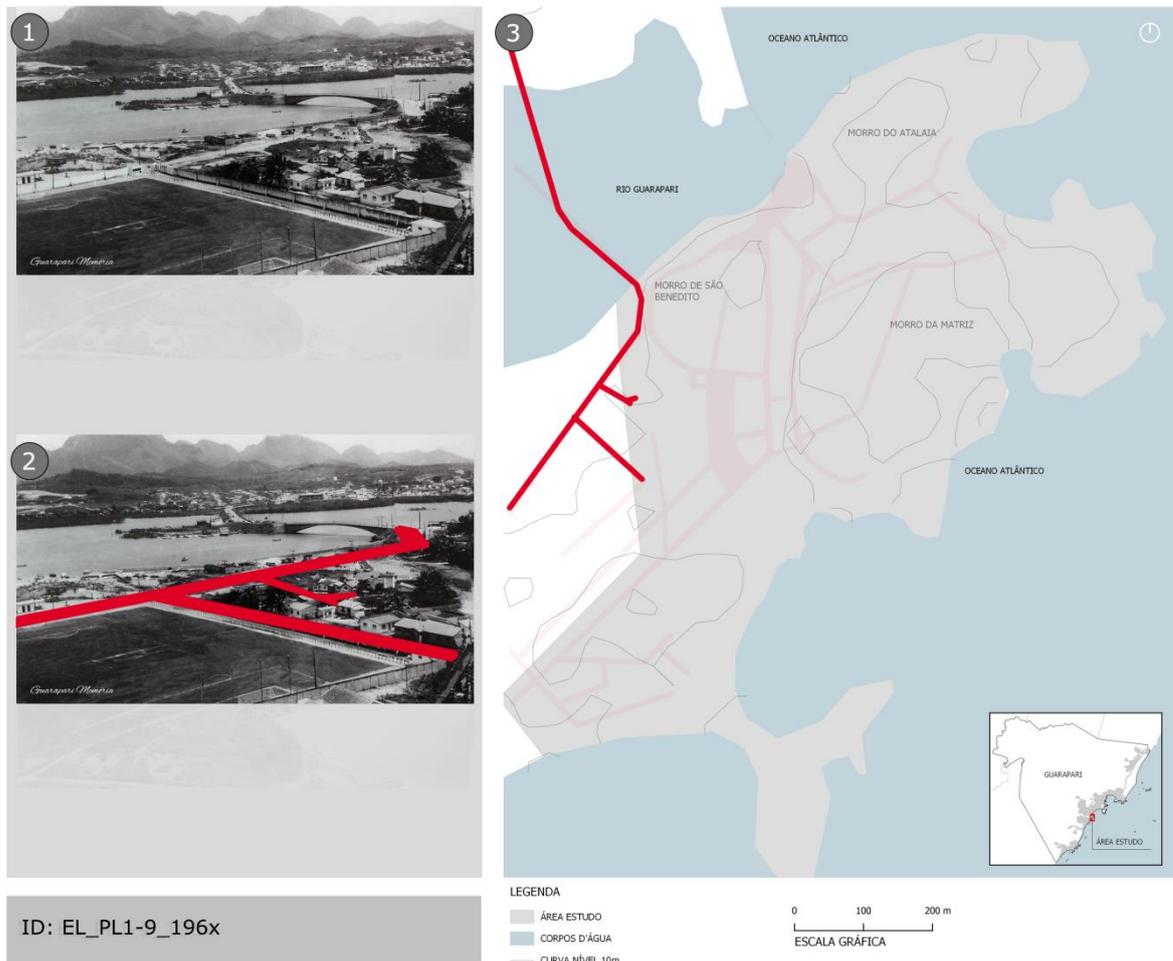
Figura 43 – Redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 196x (parte 1)



Fonte: Elaborado pela autora (2023) a partir da fotografia divulgada por Pablo Alejandro Marcote (195x) disponibilizada no Grupo do *Facebook* Guarapari Memórias.

Prosseguindo no redesenho, percebeu-se que a fotografia ID: EL_PL1-9_196x, cujo processo foi exposto na Figura 44, tem grande aproximação ao que a ID: EL_PL1-7_195x apresentava em termos de constituição do plano urbano. Isso demonstra, mais uma vez, a importância de considerá-la como final do período anterior e início deste.

Figura 44 – Redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 196x (parte 2)



Fonte: Elaborado pela autora (2023) a partir da fotografia divulgada por Pablo Alejandro Marcote (196x) disponibilizada no Grupo do *Facebook* Guarapari Memórias.

Quanto ao redesenho da fotografia ID: EL_PL1-11_196x, observado na Figura 45, podem-se notar inovações representadas por um edifício vertical e outro em construção, por ruas pavimentadas, pela presença parcial de calçada e pela Praça Municipal, com canteiros e delimitada por meio fio. Esses elementos auxiliaram na determinação desse período evolutivo, uma vez que expressam um plano urbano com elementos e formas diferentes dos períodos anteriores.

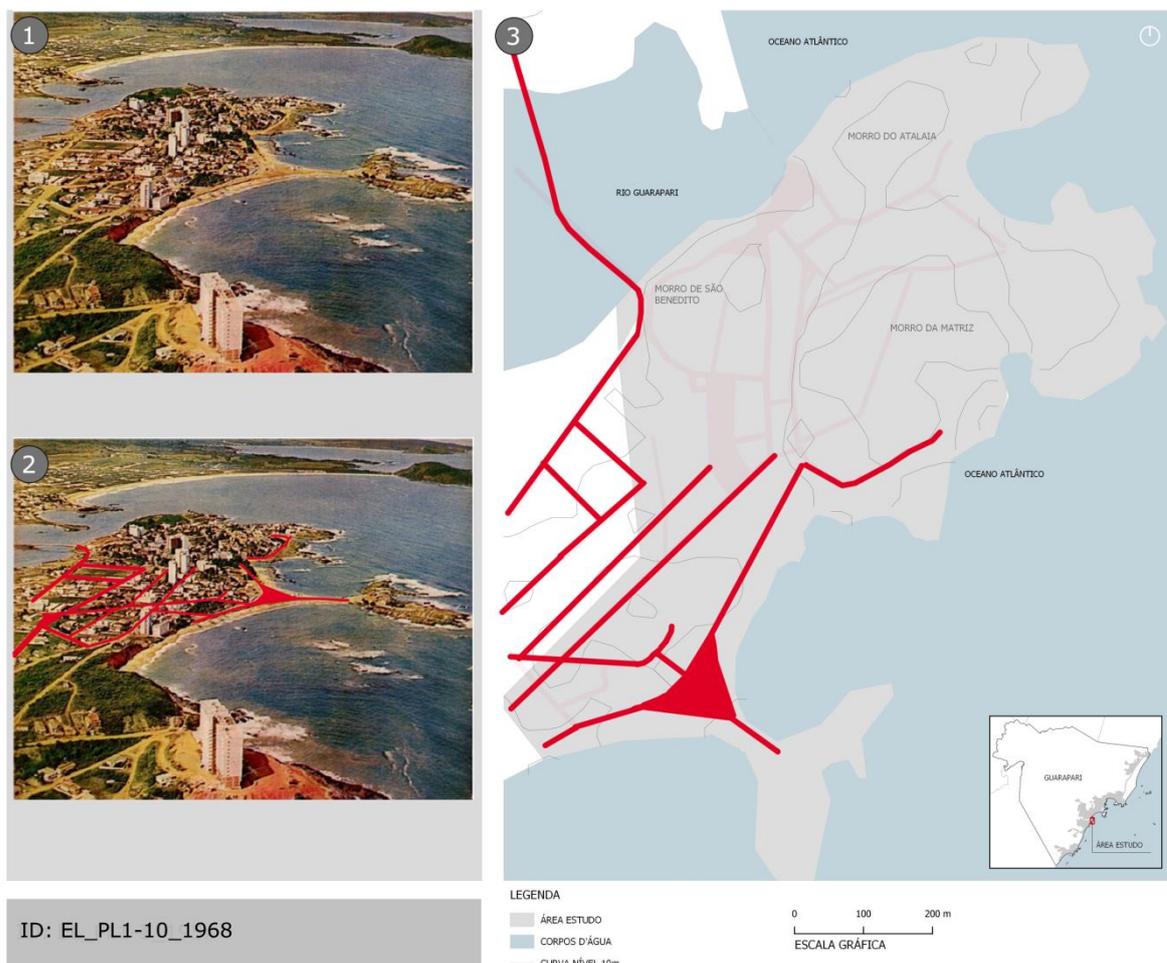
Figura 45 – Redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 196x (parte 3)



Fonte: Elaborado pela autora (2023) a partir da fotografia divulgada por Maria Izabel Almeida (196x) disponibilizada no Grupo do *Facebook* Guarapari Memórias.

Por fim, deparou-se com a fotografia ID: EL_PL1-10_1968 e notou-se nela um indício de que novas formas estariam se consolidando no território. Ela, que indicava um caminho materializado nas margens do litoral, também demonstrava a expressão de edifícios verticais marcando o tecido urbano. O redesenho dela foi exposto na Figura 46, e 1968 foi determinado o ano de fim desse período de transição formal, marcando o início do período evolutivo seguinte.

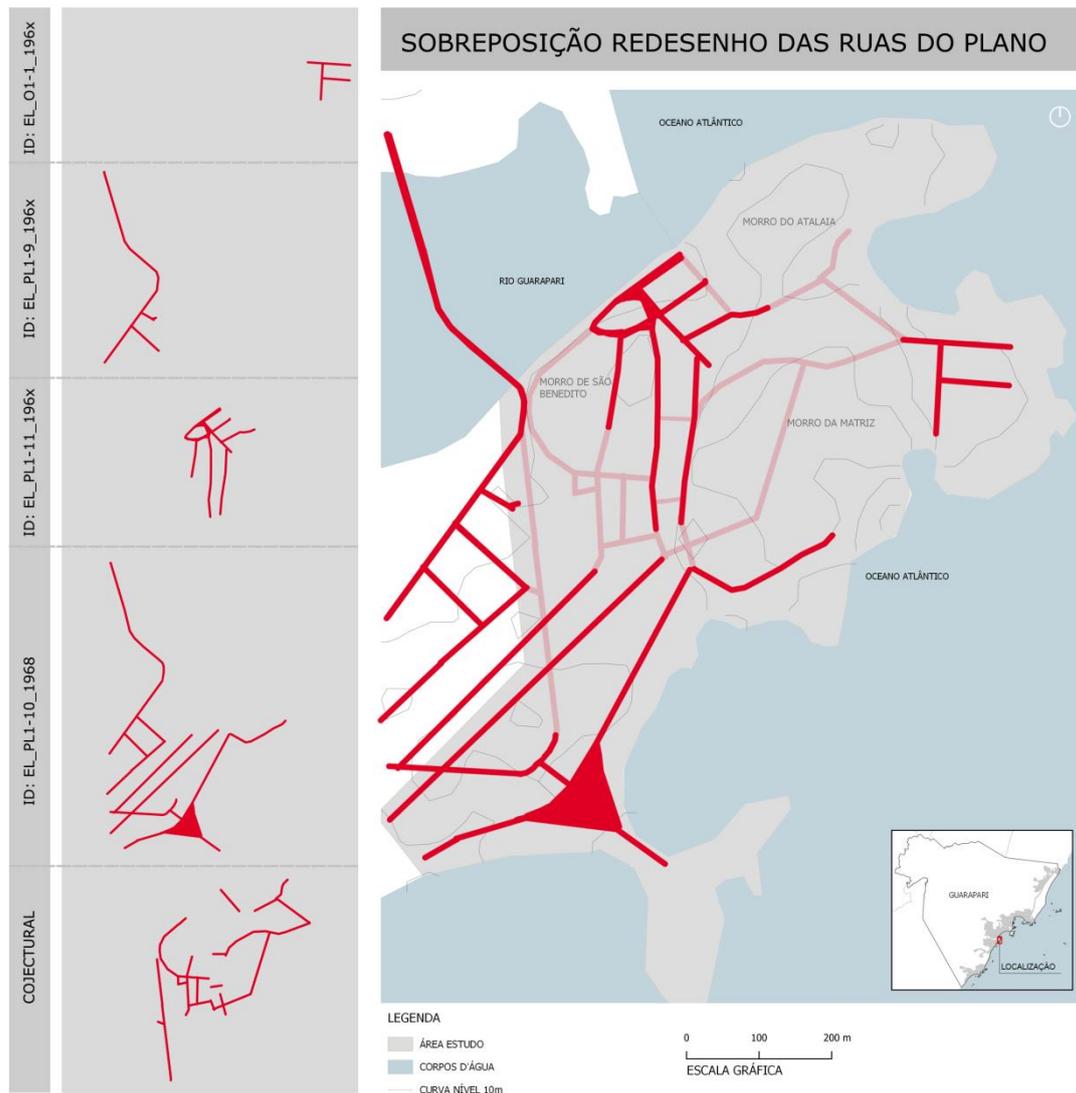
Figura 46 – Redesenho das ruas que compõem o plano urbano em 1968



Fonte: Elaborado pela autora (2023) a partir da fotografia disponibilizada pela Revista O Cruzeiro (1968)

A materialização das ruas que compõem o plano urbano do quarto período evolutivo, assim como os demais, foi marcada pela sobreposição dos redesenhos elaborados. Um fenômeno interessante foi identificado no processo de reconstrução desse período: apesar da quantidade de fotografias que o representasse, não foi encontrada uma que expressasse o seu plano na totalidade. Dessa maneira, recorreu-se à especulação de que parte das ruas pertencentes ao período anterior se manteve. Assim, na Figura 47, foram expostos os redesenhos de cada uma das fotografias identificadas, bem como o fragmento desenhado de forma conjectural.

Figura 47 – Sobreposição do redesenho das ruas que compõe o plano urbano de 1952 a 1968

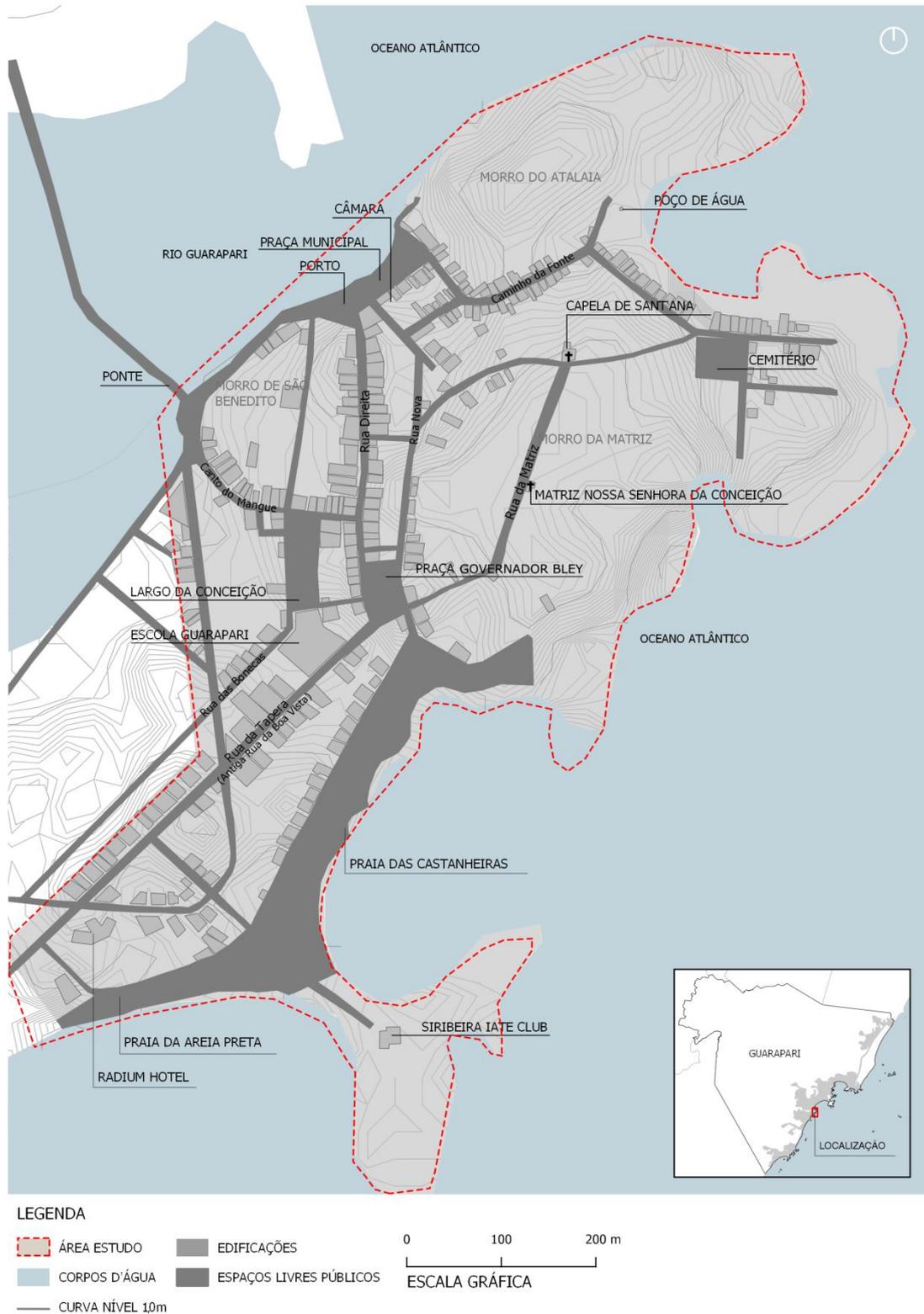


Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base em fontes diversas¹³.

Superada a etapa de compreensão das ruas que expressas no período evolutivo, procedeu-se com a confecção do mapa do plano urbano do período morfológico denominado de “a aproximação com as praias”. O redesenho exposto na Figura 48, compreende as ruas, as características do sítio físico, a identificação das praias e dos principais edifícios que compunham o plano urbano na época. Importante destacar novamente, que as demais edificações representadas foram desenhadas de forma aproximada baseadas nas fotografias, visto que não era o foco dessa pesquisa a reprodução exata dos tipos edilícios.

¹³ As fontes utilizadas para a elaboração dessa composição estão evidenciadas nos apêndices de acordo com a nomenclatura (ID) das imagens.

Figura 48 – Quarto período morfológico: a aproximação com a praia (1952-1968)

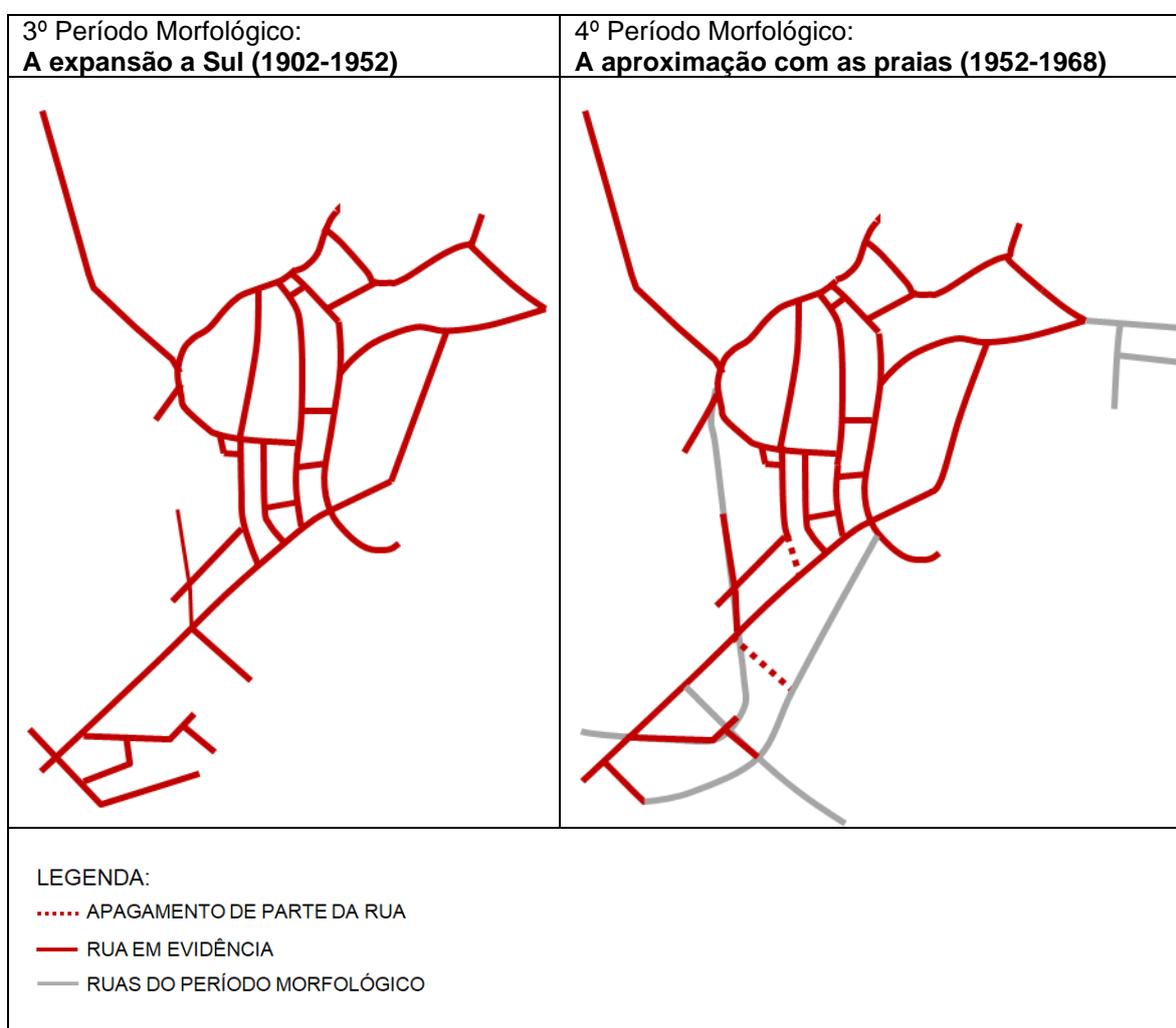


Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base em fontes diversas¹⁴.

¹⁴ As fontes utilizadas para a elaboração dessa composição estão evidenciadas nos apêndices de acordo com a nomenclatura (ID) das imagens.

A partir do mapa apresentado na Figura 48, e comparando-o com o do período anterior (Figura 38), pode-se notar uma inovação morfológica no que diz respeito ao acréscimo de ruas que margeiam as praias da Areia Preta e Castanheiras, como pode ser visto na Figura 49. Esse processo esteve diretamente relacionado com a utilização dessas praias para atividades turísticas, fenômeno que caracteriza o contexto histórico de Guarapari. Importante dizer ainda, que apesar de não ser o foco dessa pesquisa, a transformação da paisagem nesse período foi perceptível, por meio das fotografias coletadas, podendo ser caracterizado pelo início da verticalização dos edifícios.

Figura 49 – Evolução do plano urbano entre o 3º e 4º período morfológico



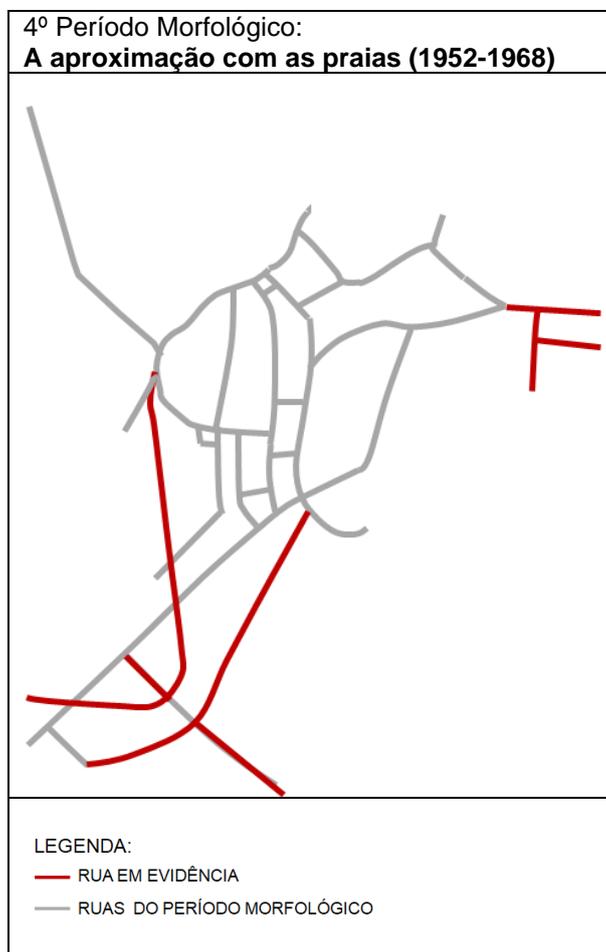
Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base em fontes diversas¹⁵.

¹⁵ As fontes utilizadas para a elaboração dessa composição estão evidenciadas nos apêndices de acordo com a nomenclatura (ID) das imagens.

Dessa forma, destaca-se a persistência morfológica de grande parte das ruas existentes no período anterior por meio da sua permanência no plano urbano. No entanto, tem-se como exceção mais expressiva desse período, a substituição de parte do arranjo territorial que envolvia o Largo da Conceição, que teve seu espaço ocupado pela construção da Escola Guarapari, em 1952.

Além disso, nota-se a acumulação na forma urbana de elementos que compõem o plano, a partir da adição de novas ruas. Conforme pode ser visto na Figura 50, essas ruas podem ser classificadas de acordo com duas características principais: a expansão do território ao sul e a ligação com o litoral.

Figura 50– Processo morfológico: adição de novas ruas ao plano urbano



Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base em fontes diversas¹⁶.

Tem-se no quarto período as bases formais que permitiram o desenvolvimento do período seguinte. Dessa maneira, ele foi marcado principalmente pela

¹⁶ As fontes utilizadas para a elaboração dessa composição estão evidenciadas nos apêndices de acordo com a nomenclatura (ID) das imagens.

valorização das praias enquanto atividade turística, e pela expressão das consequências desse fenômeno no território.

3.5. QUINTO PERÍODO MORFOLÓGICO: OS ANOS A PARTIR DE 1968

O quinto período morfológico teve início nos anos de 1968 e se estende até o os dias atuais, mas isso não necessariamente determina seu término. Indica, na verdade, que até o momento não existiram modificações ou inovação formais que justificaram o fim desse período. Dessa maneira, o histórico e as descrições apresentadas aqui, culminam nas características que a cidade apresenta no tempo presente.

3.5.1. Os aspectos histórico-evolutivos de Guarapari a partir de 1968

Os anos que se seguem depois de 1968 foram marcados pelo crescimento urbano da cidade, bem como de grandes investimentos imobiliários. Dessa maneira, em 1968 foi construído o Posto Dino, em parte do Morro de São Benedito. Esse posto, que funciona até os dias atuais, é uma referência de localização na cidade e está situado na subida da ponte. Além disso, tem-se a construção de uma nova sede para abrigar a Matriz de Nossa Senhora da Conceição, no aterro que se deu junto à construção da ponte. Esta última não faz parte da área estudada, mas tem relação direta com a dinâmica da cidade. Assim, entre 1970 e 1980, alavancou-se na cidade a indústria da construção civil. Esse processo, fez com que no fim da década de 80 as orlas das praias do centro de Guarapari já estivessem verticalizadas, com poucos espaços disponíveis para novas construções (BUENO, 2011; BOUDOU, 2017; ROCHA, 2019).

Destaca-se ainda, que em 1970, coincidindo com a intensificação da verticalização do centro, foi também o ano que marcou a decadência do Radium Hotel, símbolo máximo do turismo na cidade, que teve seu fechamento em 1992. Esses dois fatos, quando atrelados às necessidades de produção de capital imobiliário, resultaram na busca por outros espaços a serem ocupados e especulados. Assim, a Praia do Morro, território localizado ao norte do centro da cidade, foi o local escolhido. A partir de 1990, apesar de Guarapari ainda ter a fama de “cidade-saúde”, por conta das propriedades terapêuticas de suas areias,

a saturação urbana do centro da cidade, fez com que se reduzissem os números de visitas em busca da cura das areias (BOUDOU, 2017).

Marcados por uma gestão que não se preocupou com as questões da urbanização intensa e desordenada, nos anos entre 1989 e 1993 construíram-se grandes números de edifícios verticalizados, tanto no centro da cidade quanto na Praia do Morro. Destaca-se que em 1976, o arquiteto e urbanista Ary Garcia Roza desenvolveu um estudo urbanístico da área central de Guarapari que denominou de Plano de Ação Imediata, onde se dedicou a fazer um mapa do Planejamento do Centro Urbano. Neste ele propunha restrições quanto às possibilidades de verticalização e um traçado de avenidas largas que passassem fora do núcleo central. No entanto, esse estudo foi ignorado, e deu-se prosseguimento ao desenvolvimento especulativo (ROCHA, 2019).

Pode-se notar que muito se falou sobre o mercado imobiliário, mas não se justificou os motivos pelos quais o processo de investimento em imóveis se intensificou na época. Claro que a possibilidade de obtenção de lucro a partir da exploração do turismo de Guarapari é evidente. No entanto, é importante relacionar esse momento ao período histórico em que se vivia em contexto nacional. O Plano Collor de 1990, “trouxo sérias consequências para a economia brasileira e a aquisição de imóveis era uma forma de desbloquear recursos financeiros” (ROCHA, 2019, p. 93). Assim, o mercado da construção civil viu em Guarapari um solo fértil para investimento imobiliário (ROCHA, 2019).

Diante dessa realidade, em 1997 foi construído o primeiro empreendimento comercial na cidade: o Shopping Guarapari (SHOPPING GUARAPARI, 2022). Localizado na região central, nas proximidades do Morro de São Benedito, ele foi implantado na área do aterro realizado para a construção da ponte em 1952. Destaca-se que no histórico do empreendimento, disponibilizado no *site* próprio, tem-se uma menção de que ele foi construído na principal rua comercial do centro da cidade, na Avenida Doutor Roberto Calmon.

O Shopping Guarapari é o primeiro empreendimento comercial de grande porte da cidade. Localizado na **principal rua comercial no centro da cidade**. Possui ao todo 110 lojas. Foi construído pela Vargas Construtora e inaugurado em 27 de maio de 1997, quando conseguiu unir conforto e praticidade em um único ambiente (SHOPPING GUARAPARI, 2022, grifo nosso).

Já em 1999, Guarapari foi incluída na Região Metropolitana da Grande Vitória, por meio da Lei Complementar n. 159/1999 (ESPÍRITO SANTO, 1999). Isso significa que a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum, no que tange à Guarapari passaram a ser organizadas de forma metropolitana, junto aos municípios de Cariacica, Fundão (que foi incluído em 2001), Serra, Viana, Vila Velha e Vitória. Em 2006 foram dispostas as primeiras normativas a respeito do Plano Diretor Municipal de Guarapari (PDM), a partir da Lei Complementar n. 01/2006, que assimilou as diretrizes básicas estabelecidas pelo Estatuto da Cidade (BRASIL, 2001; GUARAPARI, 2006).

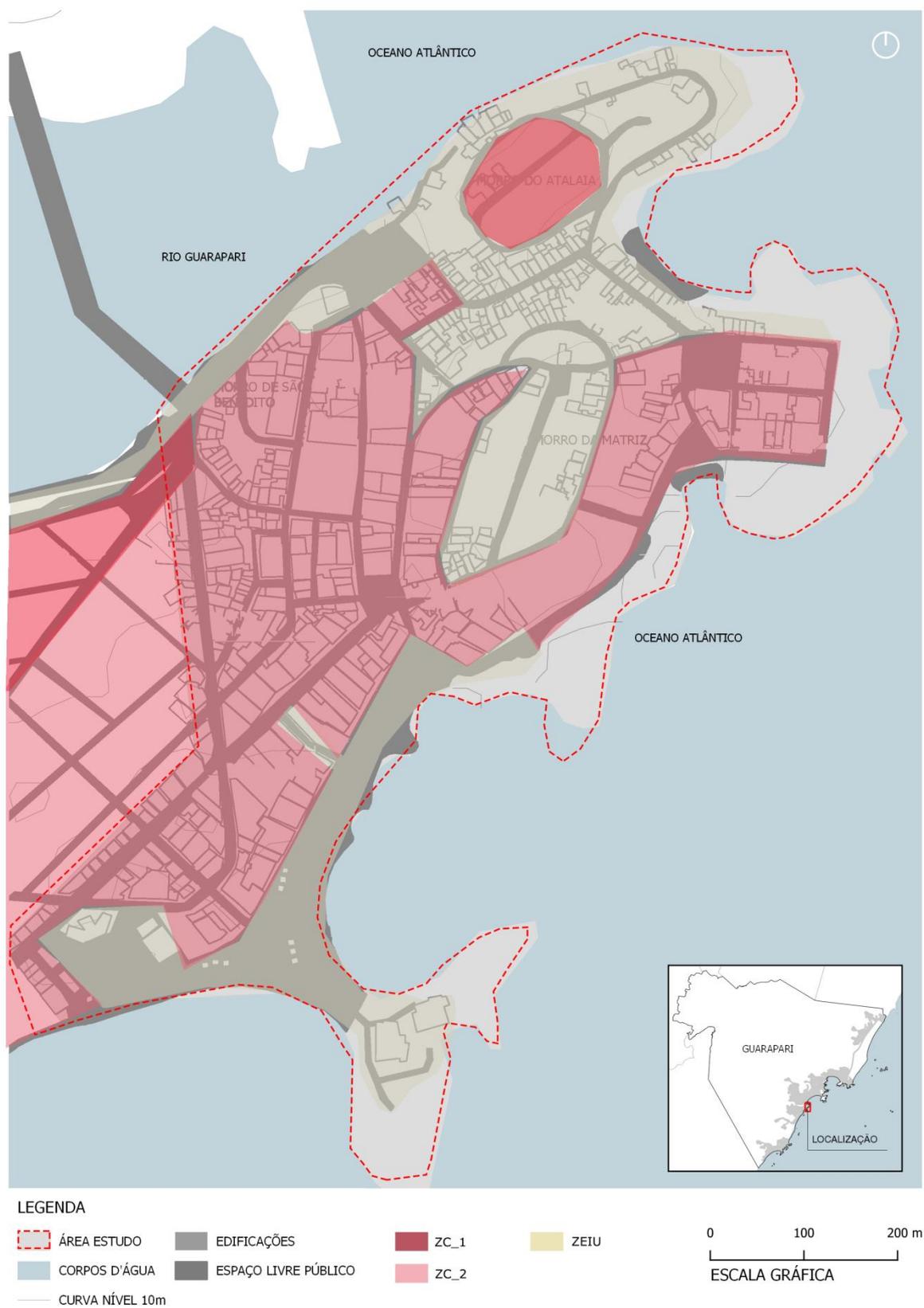
É importante salientar que nas diretrizes básicas do PDM de 2006, o recorte espacial estudado fazia parte da Região Central (RC), onde o gabarito máximo era de seis pavimentos. Antes disso e até 1999, Rocha (2019) já havia apontado a existência de mais de 40 edifícios com gabarito superior a oito pavimentos. Após a criação da normativa (entre os anos 2000 e 2009) o autor destaca a construção de um edifício de mais de 15 pavimentos próximo à Praia das Castanheiras. Indicando que “Mesmo com o tecido urbano bastante saturado, a verticalização no centro de Guarapari não cessou” (ROCHA, 2019, p. 104).

Já em 2007 foi de fato instituído o primeiro Plano Diretor Municipal de Guarapari, através da Lei Complementar n. 07/2007, e nele o zoneamento da área de estudo foi modificado. Conforme pode ser visto na Figura 51, foram estabelecidas três diferentes zonas, sendo Zona Central 1 (ZC_1) e Zona Central 2 (ZC_2), e ainda Zona Especial de Interesse Urbanístico (ZEIU). Nas zonas centrais ficou estabelecido um gabarito máximo de três e quatro pavimentos, para ZC_1 e ZC_2 respectivamente, para edificações de uso unifamiliar, e para as demais não foram determinados gabaritos máximos, devendo seguir o coeficiente de aproveitamento, associado à taxa de ocupação. Quanto à ZEIU não foram expostos índices urbanísticos, constando na lei apenas que “ficarão sujeitas a regime urbanístico especial até que se promova a sua adequação aos parâmetros de zoneamento adequado” (GUARAPARI, Art. 131, 2007).

Na revisão do PDM de 2016 a área estudada teve suas zonas modificadas (Figura 52), sendo estabelecido que o entorno da Antiga Matriz seria Zona de Uso Residencial (ZUR_01 e ZUR_02/01), com até 3 pavimentos, e o restante foi

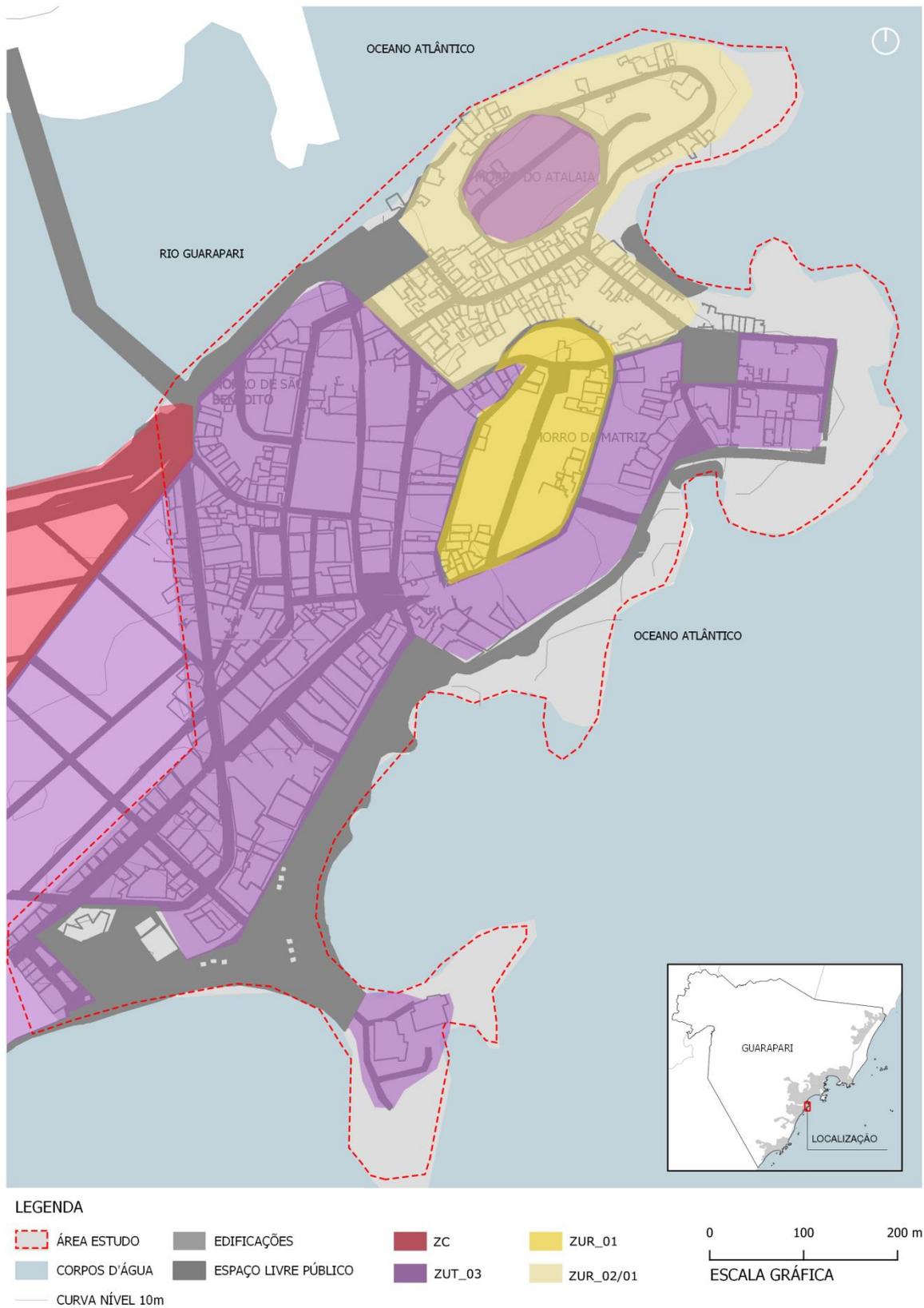
classificada como Zona de Uso Turístico 3 (ZUT_03), com altura máxima de 52 metros, algo em torno de 17 pavimentos (GUARAPARI, 2016).

Figura 51 – Zoneamento Urbanístico da área de estudo (2007)



Fonte: Elaborado pela autora (2023) com base em Guarapari (2007).

Figura 52 – Zoneamento Urbanístico da área de estudo (2016)



Fonte: Elaborado pela autora (2023) com base em Guarapari (2016).

Em 2018, foi aprovada a construção de um megaempreendimento nas proximidades da área de estudo, onde ficava o Estádio Davino Mattos. Na região classificada como ZUT_03 começou a ser construída a edificação que dará suporte ao Shopping Absolute Town Mall e Residence, com 144.000m² e dividida em cinco torres com mais de 88 metros de altura. O projeto, que é da Construtora Pretti, teve seu projeto baseado na arquitetura de Dubai, e irá alterar a dinâmica espacial local, onde as ruas terão de ser alargadas (COUTO, 2018).

Evidencia-se que o edifício citado está sendo construído em uma área que, de acordo com o Plano Diretor Municipal (GUARAPARI, 2016), poderia receber prédios de até 52 metros de altura, estando este projeto do novo shopping em desacordo com os padrões urbanísticos estabelecidos. Para além, é importante salientar que um empreendimento dessa magnitude implantado em uma área não preparada para recebê-lo tende a afetar também as características morfológicas do entorno, e desconfigurar a unidade morfológica existente.

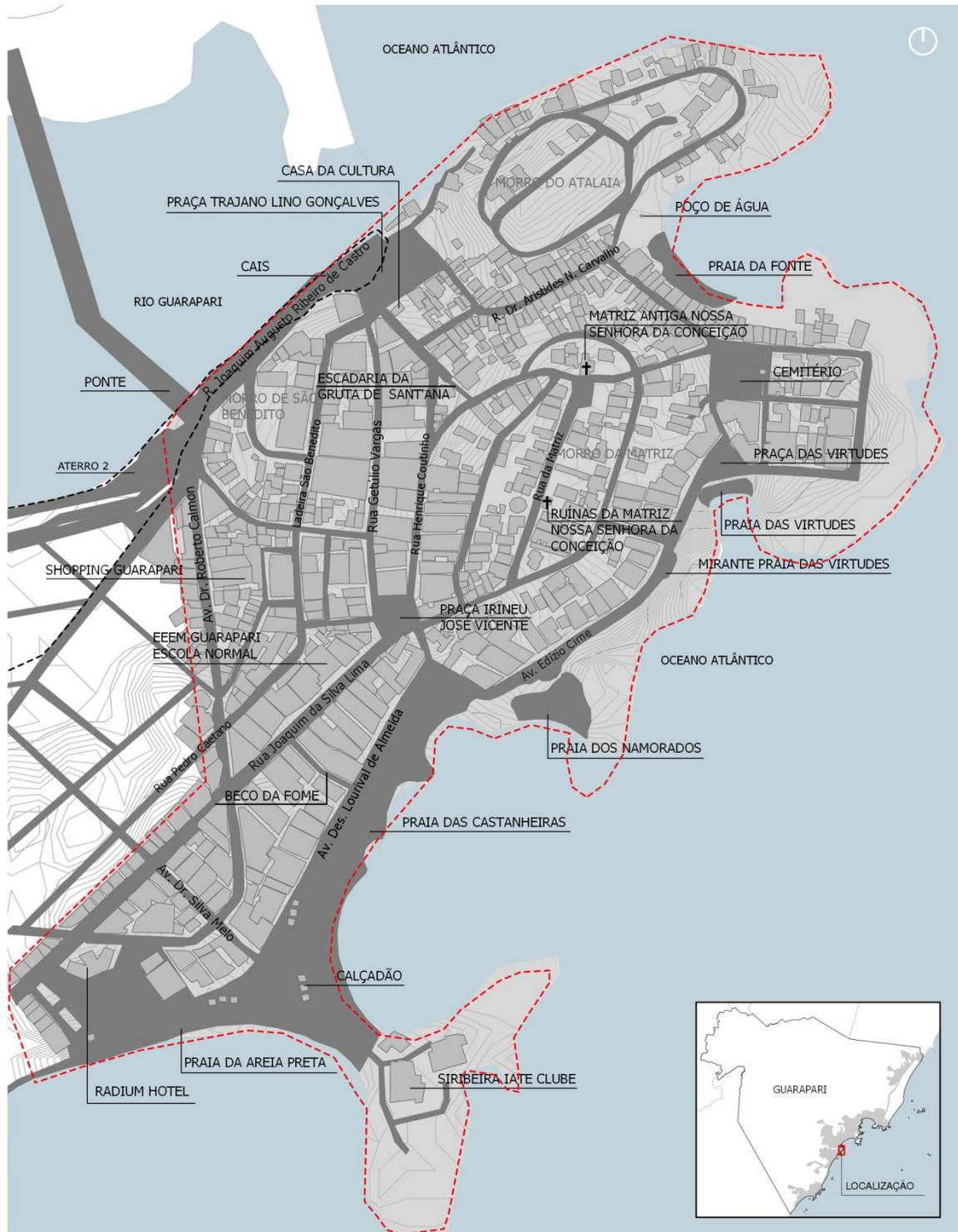
3.5.2. A forma urbana do quinto período: a cidade litorânea (a partir de 1968)

O quinto período morfológico foi denominado de “a cidade litorânea” e tem seu início datado em 1968 e se estende até a cidade contemporânea. Esse período é caracterizado pela verticalização da paisagem urbana, em especial na região costeira. Partindo da abordagem histórica exposta, podem-se compreender os processos sociais e econômicos que incidiram no território durante esse período. Portanto, para compreender os processos morfológicos e as modificações formais que expressam as características do plano urbano, foi elaborada a Figura 53. Faz-se importante dizer, que ao contrário dos demais, que eram de períodos pretéritos, este teve suas informações pautadas no que está presente no plano urbano.

Destaca-se a mudança de nome das praças: a Praça Municipal agora se chama Praça Trajano Lino Gonçalves e a Praça Governador Bley teve seu nome modificado para Praça Irineu José Vicente, também conhecida como Pracinha do Bradesco. É importante dizer que a edificação que no período anterior funcionava a Câmara Municipal, tornou-se a Casa da Cultura, mas, pode-se

constatar em visita, que atualmente, o prédio se encontra fechado e em estado de abandono. Além disso, pode-se notar a realização de um novo aterro sobre o Rio Jaboti (antigo Rio Guarapari), a fim de alargar o sistema viário da região.

Figura 53 – Quinto período morfológico: a cidade litorânea (a partir de 1968)

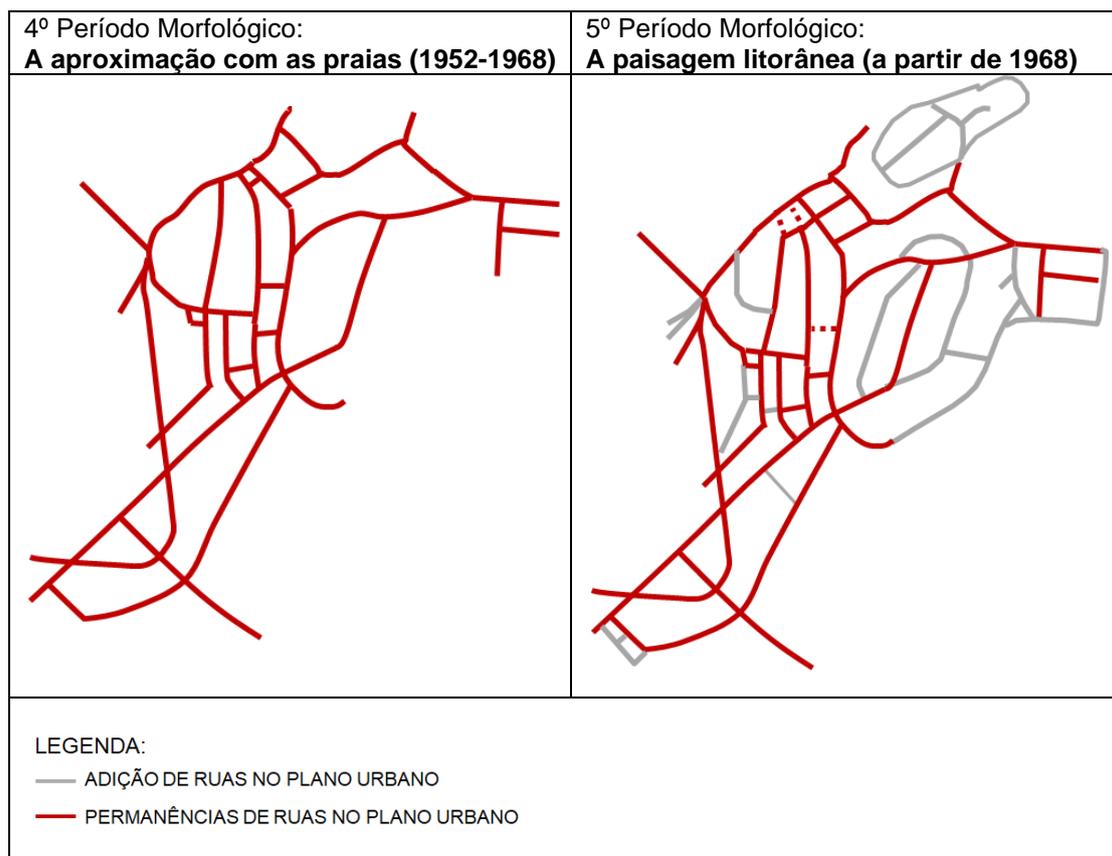


Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base nos shapes disponibilizados pelo IBGE (2022).

Como pode ser visto na Figura 53, a paisagem urbana do fim do período morfológico culmina nas características da cidade contemporânea, marcada por formas que perpassam vários períodos históricos, desde a cidade colonial. Dessa maneira, o marco do quinto período morfológico compreende o ápice do desenvolvimento das praias e seu entorno, a partir da especulação imobiliária e do que Boudou (2017) denomina de turismo de massa. Destaca-se aqui a edificação do Shopping Guarapari na Avenida Doutor Roberto Calmon, próximo à ponte, estimulando uma movimentação comercial na região. Até o período anterior, essa dinâmica era vista na Rua da Tapera e na Rua Direita.

Assim sendo, o plano urbano é marcado por persistências morfológicas representadas pelas ruas que o compõem e por acumulação de formas, a partir da adição de novos caminhos (Figura 54). Inicialmente, destacam-se as ruas que permaneceram, mas que tiveram seus nomes alterados. A Rua da Fonte teve seu nome alterado para Rua Dr. Aristίδes Navarro Carvalho; a Rua Direita passou a se chamar Rua Getúlio Vargas; a Rua Nova se transformou na Rua Henrique Coutinho; a Rua das Bonecas, na Rua Pedro Caetano; e por fim, a Rua da Tapera foi denominada de Rua Joaquim da Silva Lima.

Figura 54 – Evolução do plano urbano entre o 4º e 5º período morfológico

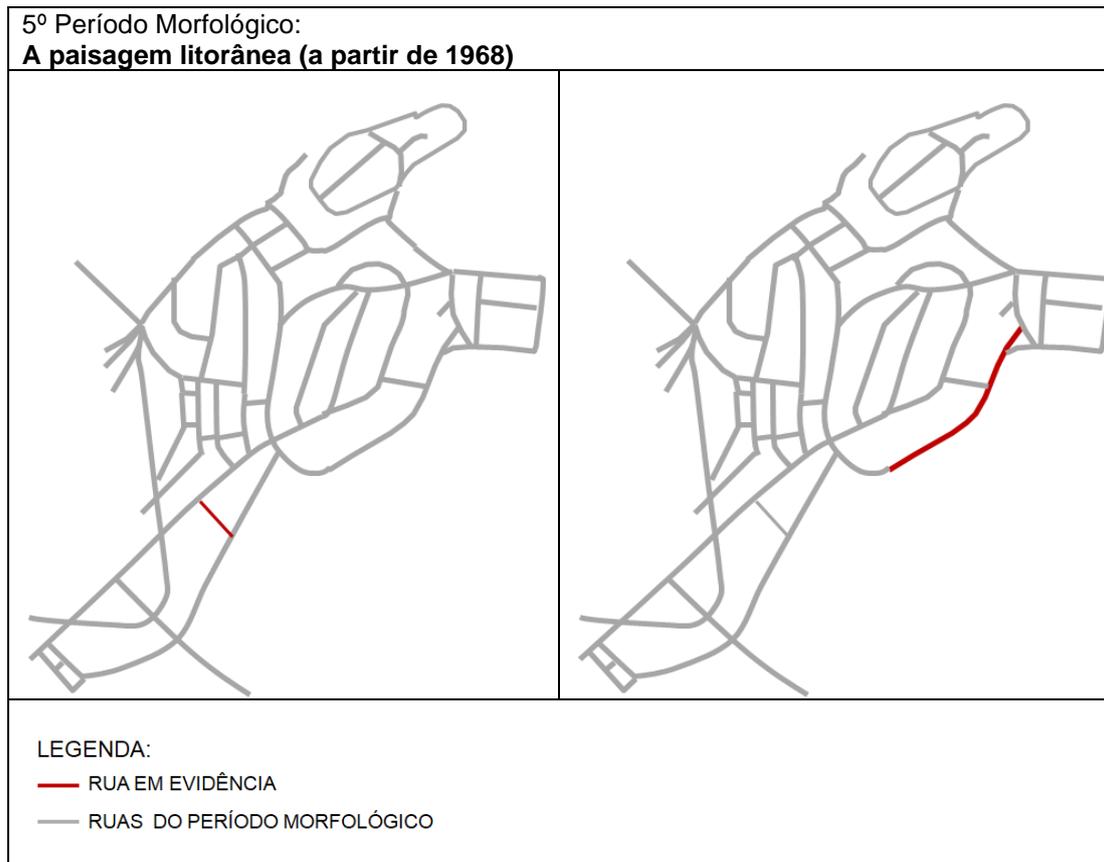


Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base nos *shapes* disponibilizados pelo IBGE (2022).

Destaca-se que as ruas da cidade baixa, que desempenhavam funções importantes no período anterior, como é o caso da Rua Getúlio Vargas, antiga Rua Direita, e a Rua Joaquim da Silva Lima, são ainda consideradas relevantes em nível de malha urbana. Elas, que estão localizadas no miolo do centro da cidade, são caracterizadas por edifícios comerciais e mistos por toda a sua extensão, e funcionam ainda como palco para o comércio local.

No que diz respeito às inovações morfológicas, tem-se a adição de ruas secundárias que refletem na subdivisão de alguns quarteirões, resultando em novas quadras, tanto na cidade alta quanto na cidade baixa. Destaca-se aqui a formação do Beco da Fome, que interliga a Rua Joaquim da Silva Lima à Praia das Castanheiras. Além disso, a Avenida Edízio Cirne também tem o ímpeto de conectar o plano urbano às praias que se encontram mais distante, o que não ocorria no período anterior, como a Praia dos Namorados e Praia das Virtudes. Na Figura 55 pode-se visualizar a adição dessas ruas.

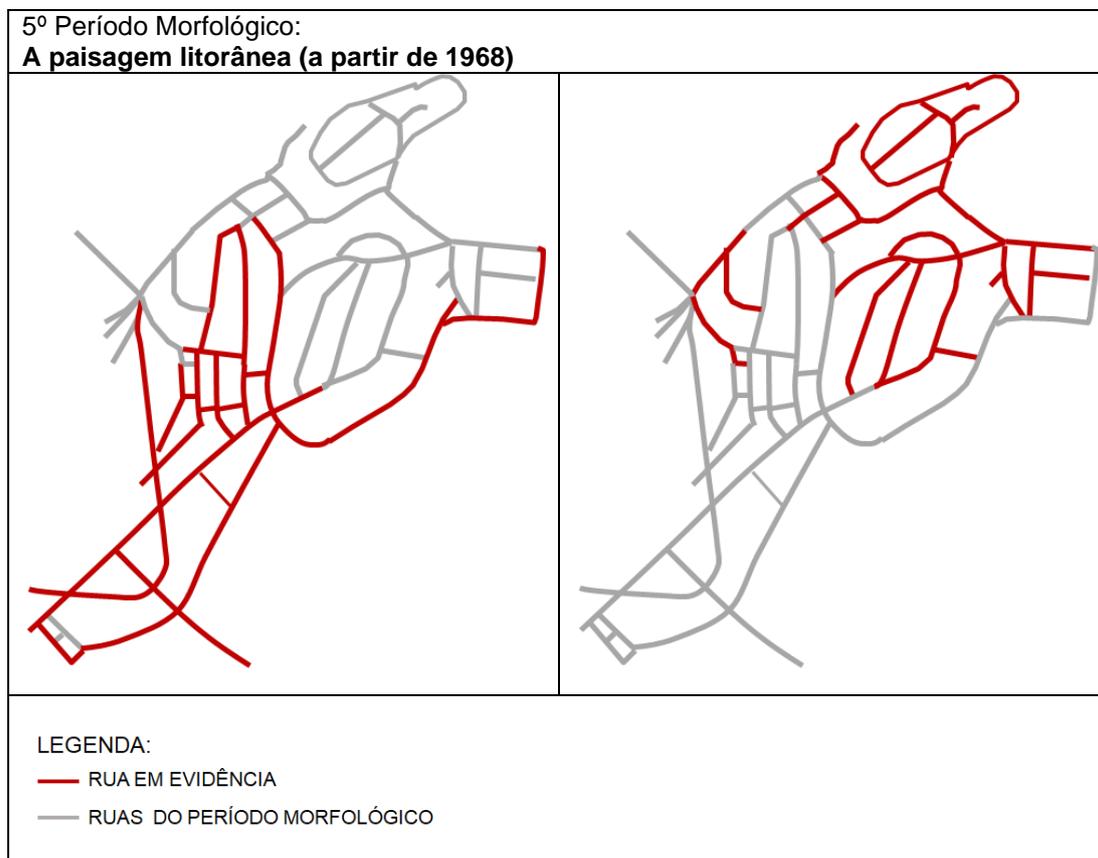
Figura 55 – Processo morfológico: adição de ruas, à esquerda o Beco da Fome e à direita a Avenida Edízio Cirne



Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base nos *shapes* disponibilizados pelo IBGE (2022).

Seguindo as diretrizes estabelecidas no PDM (GUARAPARI, 2016), nas regiões planas próximas ao litoral (Figura 56), observa-se a ocupação do solo a partir da verticalização dos edifícios, sendo eles, em sua maioria, de uso multifamiliar, havendo também, a presença de comércios e serviços. Esse tipo de uso modifica a paisagem urbana de Guarapari, em especial do núcleo central, e interfere diretamente na dinâmica econômica, social e territorial do município. Na cidade alta (Figura 56), por sua vez, pode-se perceber uma ocupação do solo distinta da existente na cidade baixa, composta majoritariamente por residências de padrão unifamiliar de até três pavimentos.

Figura 56– Relação entre o sistema de ruas e o uso do solo em 2023: à esquerda, as ruas que tem características predominantemente residencial familiar/misto e comercial, à direita as ruas que tem características predominantemente residencial unifamiliar.



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

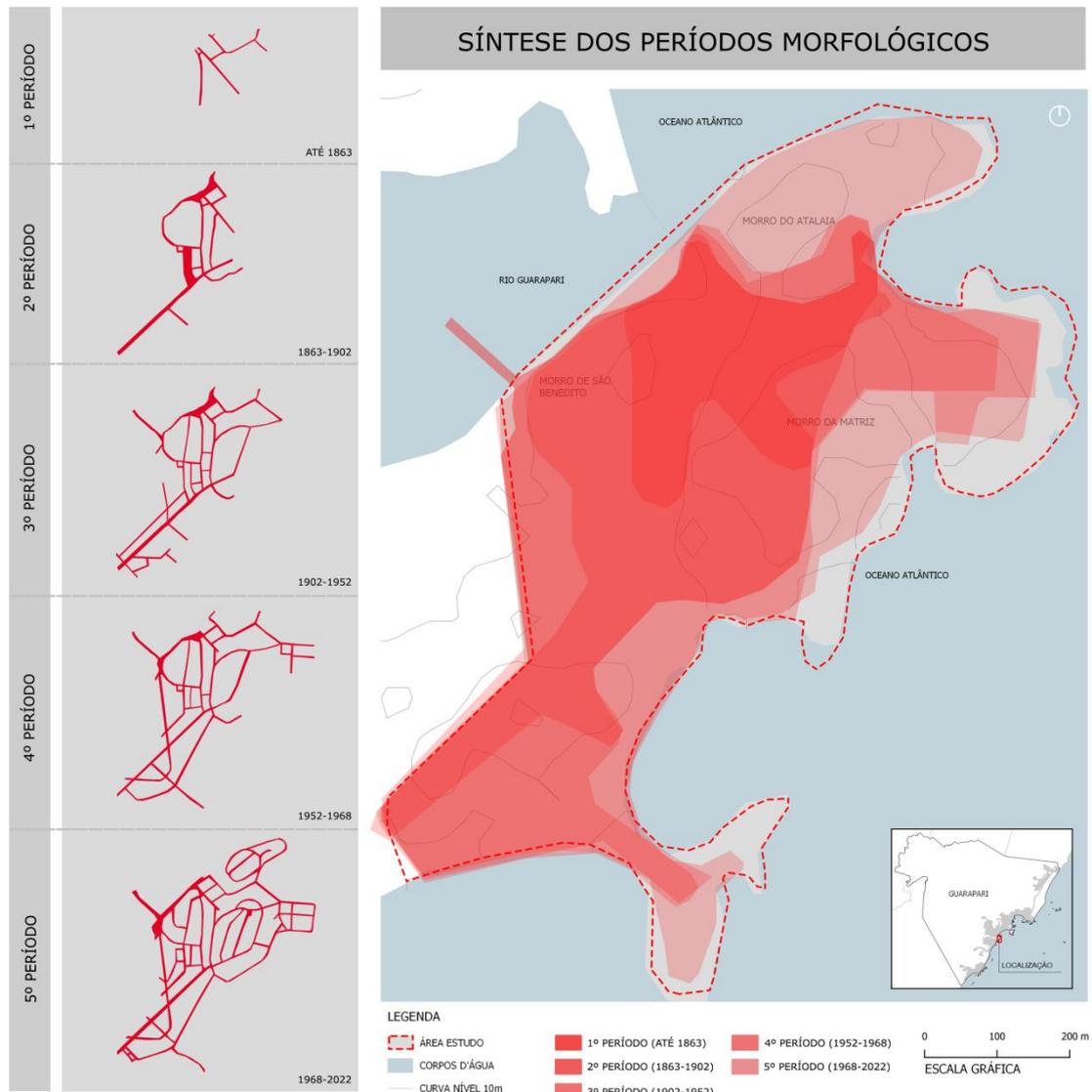
Assim sendo, pode-se notar as características das ruas que compõem a área de estudo na contemporaneidade, evidenciando do plano urbano atual com a sua constituição ao longo do tempo. Nota-se algumas características evidentes a partir do redesenho ao longo do tempo, onde percebe-se, ainda no período colonial, a formação do núcleo central predominantemente sobre as colinas e próximo ao porto. No entanto, com o passar dos anos, observa-se uma expansão do plano urbano no sentido da praia e da direção sul, caracterizando o que atualmente se denomina o bairro centro de Guarapari. Além disso, outras conclusões podem ser extraídas quando comparados os períodos de forma sistemática, como será apresentado no item a seguir.

3.6. SÍNTESE MORFOLÓGICA DA EVOLUÇÃO PAISAGEM URBANA: UMA ANÁLISE DESDE 1557 ATÉ A CONTEMPORANEIDADE

Tendo em vista a definição e a análise do plano urbano nos cinco períodos morfológicos estabelecidos para o núcleo central de Guarapari, e sua expansão, desenvolveu-se uma síntese da paisagem urbana entre 1557 e a contemporaneidade. Para isso, pautou-se no estudo da evolução da forma proposto por Conzen (2022), que auxiliou no processo de compreensão das transformações incidentes no plano urbano.

Dessa maneira, reuniu-se na Figura 57 uma síntese das características das ruas que compõem o plano urbano em cada um dos espaços temporais, bem como se estampou em formato de mapa, a sobreposição das manchas urbanas de cada um deles. Assim, pode-se notar a relação entre os períodos históricos e evolutivos, que definem os períodos morfológicos, bem como a transformação do plano urbano ao longo do tempo.

Figura 57– Síntese dos períodos morfológicos



Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base em fontes diversas¹⁷.

O primeiro período, que se estendeu até os anos de 1863, foi marcado pela formação do núcleo central de Guarapari, e teve o seu plano urbano definido nas proximidades do Rio Guarapari, entre os morros de São Benedito, do Atalaia e da Matriz, interligando o porto da cidade à Matriz de Nossa Senhora da Conceição. O segundo período, que tem duração de 1863 até 1902, foi caracterizado pelo início da expansão do núcleo central, a partir da acumulação de novas formas no plano urbano anterior, marcada em especial pela ocupação da cidade baixa. O terceiro período morfológico (1902-1952) tem a expansão do

¹⁷ As fontes utilizadas para a elaboração dessa composição estão evidenciadas nos apêndices de acordo com a nomenclatura (ID) das imagens.

território ao sul como o principal marco refletido no plano urbano. No quarto período, que foi definido entre 1952 e 1968, pode-se verificar uma aproximação do plano urbano com o litoral, por meio da identificação de novas ruas, influenciado pelo incentivo ao turismo característico da época. E por fim, o quinto período morfológico, que foi definido a partir de 1968, é caracterizado pela ocupação de toda a região litorânea, o que acarretou adições de novas ruas ao plano urbano, resultando em uma acumulação de novas formas na paisagem urbana, e expressando as características contemporâneas do centro da cidade de Guarapari.

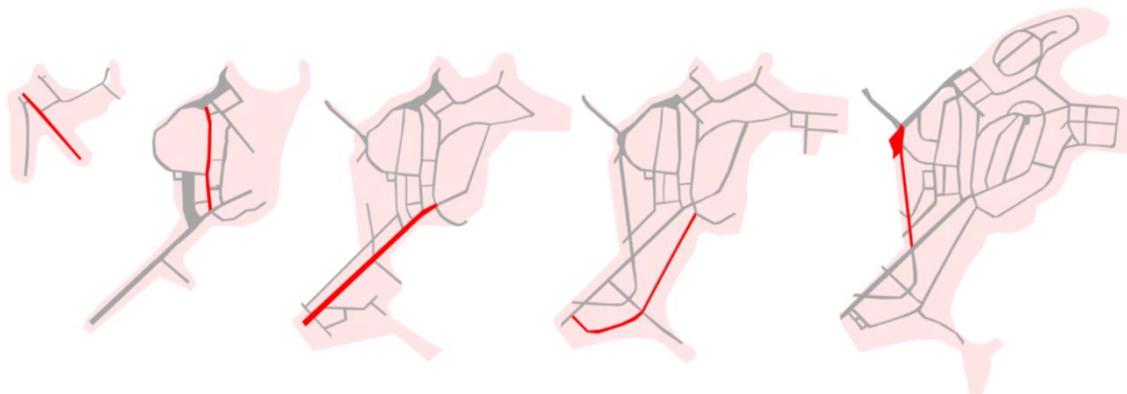
A partir da observação dos períodos morfológicos de maneira cronológica, a partir da análise da evolução da paisagem urbana, pode-se verificar a contribuição de cada um dos períodos para a composição do plano urbano atual, bem como da sua persistência morfológica. Importante destacar que, apesar da permanência das formas ao longo do tempo, o plano tem suas características impactadas visualmente devido à sobreposição de novas formas.

À medida que os períodos morfológicos se sobrepõem, pode-se perceber uma acumulação de novas formas ao plano urbano dos períodos pretéritos. Esse processo, denominado por Conzen (2022) como historicidade, demonstra o caráter histórico da paisagem do núcleo central de Guarapari, que se formou a partir da justaposição de formas desde o período colonial. Dessa maneira, constatou-se a estratificação histórica que resulta no período contemporâneo, refletindo no espaço construído a paisagem urbana atual. Nesse sentido, tem-se no centro histórico de Guarapari o espaço de maior historicidade, uma vez que carrega marcas da junção de todos os períodos morfológicos, desde a sua morfogênese.

Para além, verificou-se que na área estudada, a paisagem urbana atual é um reflexo dos períodos pretéritos, que se juntam a partir da expansão do plano urbano do núcleo central. Assim, no primeiro período, quando a ocupação se dava nas proximidades do porto, tem-se como rua principal a que interliga o porto à Matriz, e ainda uma indicação de rua lateral que parece direcionar ao sul. Destaca-se que essa rua, foi consolidada nos períodos seguintes. Já no segundo período, a ocupação se dava entre os morros na cidade baixa, tendo na Rua

Direita a referência de importância comercial. O terceiro período se expande ao sul, por meio da consolidação da Rua da Boa Vista (atual Rua Joaquim da Silva Lima), confirmando tendência de crescimento ao sul, identificada na morfogênese. No quarto, marcado pela aproximação com as praias, tem-se a expansão do plano para a orla. No quinto, por fim, é a Rua Doutor Roberto Calmon que desempenha o papel estruturante do período, fazendo a interligação entre a ponte e as ruas do centro da cidade. Dessa maneira, pode-se afirmar que determinadas ruas têm um papel importante no contexto da cidade em seu respectivo período, como pode ser visto na Figura 58.

Figura 58 – Evolução do plano e da mancha urbana com destaque para as ruas importantes para cada período



Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base em fontes diversas¹⁸.

Além disso, pode-se evidenciar a importância do porto para a dinâmica da cidade nos primeiros períodos morfológicos, e como ela foi se modificando ao longo do tempo, chegando à não existência das atividades portuária nos dias atuais. O mesmo pode ser dito em relação às igrejas que estão localizadas no alto da colina. Elas, que estavam em uma posição de destaque na paisagem quando a vila foi fundada pelos colonizadores portugueses, com o passar do tempo foram envolvidas por residências e a visualização das mesmas só é possível quando se chega na rua em que elas estão.

Outro elemento a se destacar é o Largo da Conceição, que no segundo período morfológico ocupava parte do plano urbano, mas que no terceiro período deu lugar à Escola Normal de Guarapari e, nos períodos seguintes, à uma quadra de

¹⁸ As fontes utilizadas para a elaboração dessa composição estão evidenciadas nos apêndices de acordo com a nomenclatura (ID) das imagens utilizadas para o redesenho do plano urbano de cada um dos períodos morfológicos.

edifícios. Dessa forma, verificou-se que a partir da definição dos períodos morfológicos e da verificação das transformações do plano, pode-se compreender parte dos processos que contribuíram para a evolução da paisagem urbano do núcleo central de Guarapari.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas foram as motivações para o desenrolar deste trabalho. Mas nenhuma foi maior do que tentar buscar por respostas que demonstrassem como se deu a evolução da paisagem urbana de Guarapari ao longo do tempo. E para isso, só se poderia escolher o lugar onde tudo (*mais ou menos*) começou: o núcleo central. Claro que antes de começar já existia algo, afinal, sempre existe um tempo antes do início.

Para que se pudesse chegar a alguma conclusão, definiu-se que o espaço temporal estudado seria desde a chegada dos colonizadores portugueses, em meados do século XVI. Isso se deu porque não foram encontradas documentações suficientes que possibilitassem o estudo da área antes da chegada dos colonizadores. Assim, esse trabalho se tornaria uma análise das transformações urbanas em longo tempo, trazendo reflexões desde o período colonial até a contemporaneidade. Tendo em vista que a documentação acerca do histórico colonial de Guarapari encontra-se difusa, verificou-se uma oportunidade de reunir o conteúdo encontrado nessa dissertação.

A morfologia urbana foi tida como uma maneira de buscar as respostas, e de associar a forma ao seu tempo. O método histórico-geográfico foi ainda a abordagem metodológica que permitiria essa conexão, junto às bases conceituais da Escola Inglesa de Morfologia Urbana. Por isso, estabeleceram-se diálogos com Conzen, Pereira Costa e Gimmler Netto, Kropf e Moudon, a fim de garantir um aporte conceitual suficiente para desenvolver a pesquisa. A partir da definição de que o plano urbano seria o elemento morfológico analisado, uma vez que ele é um dos mais persistentes da paisagem urbana, pode-se prosseguir na determinação da periodização por meio das similaridades das formas e compreensão da história de Guarapari.

A etapa que permitiria a determinação dos períodos estava atrelada à visualização das formas similares no tempo. Mas como isso seria possível? Foi-se em busca de elementos iconográficos que permitisse essa observação, mas poucas foram as cartografias encontradas. Assim, encontrou-se nas fotografias uma alternativa para analisar a evolução da paisagem urbana, e no redesenho de suas características a possibilidade de reconstruir o plano urbano em cada

tempo. Destaca-se que devido à quantidade insuficiente de cartografias encontradas, essa dissertação apresenta uma contribuição metodológica, ao realizar a maior parte dos redeseños com base em fotografias que foram cuidadosamente selecionadas.

Dessa maneira, buscou-se, separou-se e catalogou-se uma coleção de fotos do centro de Guarapari ao longo dos anos, e constatou-se ele é resultado da formação e expansão do plano urbano do núcleo central. E a partir da organização cronológica delas, em formato de linha do tempo, pode-se acompanhar as transformações e determinar os períodos morfológicos em que houveram modificações visuais no plano urbano.

Dessa forma, a partir da confecção dos redeseños, baseado nos documentos iconográficos existentes, foi possível sintetizar e acompanhar as transformações que se deram no território. Por meio do método histórico-geográfico, pode-se sobrepor as informações do sítio físico com os processos sociais, econômicos e políticos, e identificar as inovações morfológicas características de cada período determinado. Além disso, pode-se ainda integrar e associar as abordagens e conceitos de morfologia urbana e estudo dos espaços livres, uma vez que utilizou-se como foco dessa análise o plano urbano e as ruas que o compõe. Assim sendo, pode-se compreender as ruas como elementos que abrangem as duas temáticas: a morfologia urbana e os espaços livres.

Assim, com base nas análises desenvolvidas, as questões levantadas inicialmente foram compreendidas, principalmente no que diz respeito às modificações incidentes no plano urbano do núcleo central de Guarapari, desde a sua formação. A análise da composição formal de cada um dos períodos, quando associada às características históricas, auxiliou na visualização dos processos morfológicos na sua totalidade. A partir do entendimento dos aspectos geográficos, foi possível compreender os reflexos históricos e as consequências formais destes na paisagem urbana da área de estudo.

Destaca-se a influência da configuração geográfica do sítio físico de Guarapari no processo de ocupação do território, sendo caracterizada como uma península margeada por um rio e pelo mar, e a conformação do relevo composto por

colinas. Esta contribuiu para a implantação de um dos primeiros núcleos urbanos portugueses na capitania do Espírito Santo na região de Guarapari, no período colonial, e através dos processos históricos, sociais e culturais vivenciados desde então, a formação e expansão do plano urbano culminou na sua forma contemporânea. Assim, nota-se os reflexos dos processos geográficos, e da composição do relevo, no contexto histórico, e conseqüentemente no social, sendo ele o elemento que dá palco à conformação do plano urbano a partir das manifestações antrópicas.

Dessa maneira, evidencia-se a relevância do método histórico-geográfico como aporte científico dos estudos das transformações morfológicas do plano urbano, bem como da periodização como instrumento que permitiu a análise morfológica do objeto de estudo. Assim, chegou-se à conclusão de persistência das formas, de historicidade e de estratificação histórica na região estudada. Entendendo que a paisagem urbana atual faz parte do que se compôs em outros momentos.

Apesar disso, os redesenhos da história da cidade materializada nas formas do plano urbano trouxeram também outros questionamentos diferentes daqueles inicialmente levantados. Perguntas que surgiram ao longo do trabalho que correlacionam os fatos históricos aos processos de alteração da paisagem urbana. Algumas delas, que dizem respeito à área de estudo foram: Existe alguma relação entre o posicionamento das edificações religiosas no alto da colina e os demais caminhos traçados na parte baixa? Por que a edificação da Matriz de Nossa Senhora da Conceição foi deixada às ruínas, e optou-se pela reforma da Capela de Sant'Ana e elevação dela à posição de Matriz? O posicionamento das edificações religiosas e os caminhos traçados tem conexão com a vida pré-colonial que existia no local? Onde se instalavam os povos indígenas que viviam na região?

Outras ainda foram surgiram, mas talvez a resposta delas possa vir ao se estudar os processos da cidade na sua totalidade, e não um recorte espacial. Pensar em quais outros núcleos urbanos podem ter sido formados no período colonial dentro do que atualmente se compõe o plano urbano de Guarapari, e em como eles se relacionavam com o núcleo central. Quais podem ter sido as influências da chegada dos imigrantes europeus que vieram trabalhar no campo para a

composição da cidade. Em como a partir do núcleo central a cidade foi se consolidando... Dessa forma, esse estudo pode ser considerado um ponto de partida para a análise morfológica do núcleo central de Guarapari e sua expansão para a região do centro da cidade, mas muito se pode ainda pesquisar a respeito da localidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFFONSECA, Mariella Santos de. **Influência da urbanização na radiação natural em áreas anômalas**. Dissertação (Mestrado em Ciências em Engenharia Nuclear) - Instituto Militar de Engenharia - IME. Rio de Janeiro, 129p., 1993. Disponível em:

<https://www.osti.gov/etdweb/servlets/purl/21217483>. Acesso em: mai. 2022.

ALBERNAZ, João Teixeira. **Capitania do Spirito Santo** – [Escala 320 000]. 10 léguas = [21cm] – [Ca 1631]. – 1 mapa em 1 bifólio : ms., color., papel ; 44,5x67,5cm. In: Estado do Brasil coligido das mais sertasnoticias q[ue] pode aivntardõleronimo de Ataide. Por loão Teixeira Albernaz, cosmographo de SyaMa[gest]ade. Anno: 1631. – 1631. – Cart. 14. - João Teixeira Albernaz, o Velho. - Pert.: Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://historiacapixaba.com/documentos/capitania-do-spirito-santo-1631/>. Acesso em: mar. 2022.

ALBERNAZ, João Teixeira. **Mapa da costa do Brasil entre o Cabo de S. Tomé e o Morro de João Moreno**. [Escala ca 1:617 000]. 1 mapa: manuscrito, color.; 37,10 x 22,90 cm. In: Descrição de toda a costa da Provinsia de santa Cruz a que vulgarmente chamão Brasil. 1642. – Fol. 35-36. – João Teixeira Albernaz, o Velho. – Pert.: Biblioteca da Ajuda, Lisboa. Disponível em: <https://historiacapixaba.com/documentos/mapa-da-costa-do-brasil-entre-o-cabo-de-s-tome-e-o-morro-de-joao-moreno-1642/>. Acesso em: mar. 2022.

ALBINO, Jaqueline; GIRARDI, Gisele; NASCIMENTO, Kleverson Alencastre do. **Espírito Santo**. In: Erosão e progradação do litoral brasileiro. Brasília: MMA, 227-264, 2006. Disponível em: https://web.archive.org/web/20180722051713id_/http://www.mma.gov.br/estruturas/sqa_sigercom/_publicacao/78_publicacao12122008090123.pdf. Acesso em: mai. 2022

BOUDOU, Christian Jean-Marie. **Da “cidade-saúde” à “cidade-turismo”: a invenção da praia turística de Guarapari (ES)** - uma Geografia Histórica dos usos do litoral. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, 2017.

BRASIL. **Lei n. 10.257, de 10 de julho de 2001**. Estabelece diretrizes gerais da política urbana - Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

BRASIL. Ministério de Minas e Energia, Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral. **Serviço Geológico do Brasil (CPRM)**, 2022. Disponível em: <https://www.sgb.gov.br/>. Acesso em: nov. 2022.

BUENO, Beatriz. **Guarapari, muito mais que um sonho lindo**. Guarapari: Thesaurus Editora, 2011.

CARNEIRO, S. **Novas peregrinações brasileiras e suas interfaces com o turismo**. Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 6, n. 6, p.71-100, 2004. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSI

NORELIGIOSO/artigos4/novas_peregrinacoes.pdf. Acesso em: mar. 2023.

CONZEN, Michael Robert Gunter. **Alnwick, Northumberland: a study in townplananalysis**. Londres: Instituto Britânico de Geografia, 1960. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/621094>. Acesso em: nov. 2021.

CONZEN, Michael Robert Gunter. **Alnwick, Northumberland: análise do plano da cidade**. Tradução de Vitor Oliveira e Cláudia Monteiro, Porto: UrbanForms, 2022. Disponível em: vitoroliveira.fe.up.pt. Acesso em: mai. 2022

CORRÊA, Roberto Lobato. **A periodização da rede urbana da Amazônia**. In: Revista Brasileira de Geografia, ano 1, n. 1 - Rio de Janeiro: 1987.

ESPÍRITO SANTO. **Lei Complementar nº 159, de 08 de julho de 1999**. Inclui o Município de Guarapari na Região Metropolitana da Grande Vitória. Vitória, ES, 1999. Disponível em: <https://www3.al.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/LEC1591999.html?identificador=310031003700350036003A004C00>. Acesso em: jan. 2023.

ESPÍRITO SANTO. **Plano de Mobilidade Urbana do Município de Guarapari - PLANMOB**. Guarapari, 2015. Disponível em: https://sedurb.es.gov.br/Media/sedurb/Importacao/Plano%20de%20Mobilidade/AF_PLANMOB_RELAT_GUARAPARI_L4.compressed.pdf. Acesso em: mai. 2022.

FERNANDES, Anna Karoline da Silva. **A administração espanhola no Espírito Santodurante a monarquia dual (1580-1640)**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/9270>. Acesso em: jan. 2023.

ES é o único estado com aumento na atividade turística em fevereiro, aponta IBGE. **Folha Vitória**, 12 abr. 2019. Economia. Disponível em: <https://www.folhavitoria.com.br/economia/noticia/04/2019/indice-de-atividade-turisticas-cai-4-8-em-fevereiro-mostra-ibge-na-pms>. Acesso em: dez. 2022.

COUTO, Aline. Shopping no centro de Guarapari vai custar R\$300 milhões e deve ficar pronto em cinco anos. **Folha Online**, 24 jul. 2018. Arquivo. Disponível em: <https://www.folhaonline.es/shopping-no-centro-de-guarapari-vai-custar-r-300-milhoes-deve-ficar-pronto-em-cinco-anos/>. Acesso em: jan. 2023.

GUARAPARI. **Lei Complementar n. 01, de 10 de outubro de 2006**. Dispõe sobre o perímetro urbano, o zoneamento, o uso e a ocupação do solo no distrito sede de Guarapari, as Diretrizes Básicas Gerais do Plano Diretor Municipal, e dá outras providências. Guarapari, ES, 2006. Disponível em: <http://www3.cmg.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/C12006.html>. Acesso em: jan. 2023.

GUARAPARI. **Lei Complementar n. 07, de 23 de novembro de 2007**. Dispõe sobre a Política de Desenvolvimento e ordenamento territorial, institui o Plano Diretor do Município de Guarapari – PDM e dá outras providências. Guarapari, ES, 2006. Disponível em:

<http://www3.cmg.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/C72007.html>. Acesso em: jan. 2023.

GUARAPARI. Lei Complementar nº 90, de 11 de novembro de 2016. Dispõe sobre a política de desenvolvimento e ordenamento territorial, institui o Plano Diretor do Município de Guarapari - PDM e dá outras providências. Guarapari, ES, 2016. Disponível em: <http://www3.cmg.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/C902016.html>. Acesso em: jan. 2013.

GUARAPARI. Guarapari lidera o ranking das melhores praias do Estado. Guarapari, 2019. Disponível em: <https://www.guarapari.es.gov.br/noticia/ler/218/guarapari-lidera-o-ranking-das-melhores-praias-do-estado-segundo-enquete-do-gazeta-online>. Acesso em: mar. 2022.

HOFFMANN, Tyago Ribeiro. **Guarapari Cidade Saúde: um estudo de caso da relação existente entre capital social e desenvolvimento local.** Dissertação Mestrado em Economia) - Programa de Pós Graduação em Economia, Universidade Federal do Espírito Santo, 2005.

HOMEM, Lopo. **Terras Brasilis.** 1 mapa: manuscrito, color. In: Atlas Náutico Português ou Atlas Miller. 1519. Pert.: Biblioteca Nacional da França, França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002607s/f1.item.zoom>. Acesso em: nov. 2022.

HULSMeyer, Alexandre Fabbri. **O conceito de sistema estrutural de espaços livres:** um estudo de caso em Umuarama-PR. In: IX Colóquio QuapaSEL, Vitória, 2014. Disponível em: <http://quapa.fau.usp.br/wordpress/wp-content/uploads/2016/03/O-conceito-de-sistema-estrutural-de-espaco%20livres-um-estudo-de-caso-em-Umuarama-PR.pdf>. Acesso em: abr. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Manual técnico de geomorfologia.** Rio de Janeiro, 2 ed., 2009, 175p. ISSN 0103-9598. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66620.pdf>. Acesso em: mai. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/es/guarapari.html?>. Acesso em: mai. 2021.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES (IJSN). **Plano de desenvolvimento urbano integrado.** Região Metropolitana da Grande Vitória. Diagnóstico integrado, v.2. Vitória, ES, 2018. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/component/attachments/download/6301>. Acesso em: mai. 2022.

JACQUES, Paola Berenstein. **Notas sobre espaço público e imagens da cidade.** In: Vitruvius, 2009. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/10.110/41>. Acesso em: dez. 2021.

KROPF, Karl. Aspects of urban form. **Urban Morphology**, v. 12, n. 2, p. 105-120, 2009. Disponível em: http://www.urbanform.org/online_unlimited/pdf2009/200913_105.pdf. Acesso em: dez. 2022.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 3. ed. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**, 2006. Traduzido por Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000. 2006. Disponível em: https://gpect.files.wordpress.com/2014/06/henri_lefebvre-a-producao-do-espac3a7o.pdf. Acesso em: maio. 2022.

MACEDO, Silvio Soares. **Espaços livres**. Paisagem e Ambiente: Ensaios, n. 7, p. 15-56, São Paulo: 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/133811/129684>. Acesso em: abr. 2021.

MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do Paisagismo no Brasil**. São Paulo: FAUUSP, 1999.

MACEDO, Silvio Soares; QUEIROGA, Eugenio Fernandes; CAMPOS, Ana Cecília de Arruda; AKAMINE, Rogério; GONÇALVES, Fábio Mariz; GALENDER, Fany; MEYER, João; SILVA, Jonathas M. P.; DEGREAS, Helena Silva; CUSTÓDIO, Vanderli. Os Sistemas de Espaços Livres na constituição da forma urbana no Brasil: produção e apropriação (Quapá-Sel II). In: MACEDO, Silvio Soares (org.); CUSTÓDIO, Vanderli (org.); DONOSO, Verônica Garcia (org.). **Reflexões sobre espaços livres na forma urbana**. São Paulo: FAUUSP, 2018.

MAGNOLI, Miranda Maria Esmeralda Martinelli. **Espaços livres e urbanização: Uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana**. 1982. 116 p. Tese (Livre-docência em Estruturas Ambientais Urbanas) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

MAGNOLI, Miranda Maria Esmeralda Martinelli. **Espaço livre – Objeto de trabalho**. Paisagem e Ambiente: Ensaios, n. 21, p. 175-198, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40249/43115>. Acesso em: abr. 2021.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole, legislação e desigualdade**. Estudos Avançados, v. 17, n. 48, p. 151-167, São Paulo: 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/LJf4kyjgfBw9PyLxBxbNRbf/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: jan. 2023.

MARX, Murillo. **Cidade no Brasil terra de quem?** São Paulo: Nobel – Ed. Da Universidade de São Paulo, 1991.

MARX, Murillo. **Cidade Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos - Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

MELLO, Silva. **Guarapari maravilhas da natureza**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1971.

MERRIEN, Jean. **Dictionnaire de lamer: Savoir-faire, traditions, vocabulaire, techniques**, Omnibus, réédition 2001 (réimpr. 2014), 861 p.

MONJARDIM, Manoela Paulinelli Cunha Maiolli; BOTECHIA, Flávia Ribeiro. Os processos morfológicos incidentes em Guarapari/ES: um estudo sobre a Rua da Matriz. In: **PNUM 2022 Rio de Janeiro: Desafios para as formas urbanas do século XXI**. Org. Vera Regina Tângari. et al Rio de Janeiro: PROARQ/FAU-UFRJ, 2022. 512 p. Il. 21 x 29,7 cm.

MORAIS, Ruth Maria Oliveira de. **Sistemas fluviais terciários na área emersa da bacia do Espírito Santo** (formações Barreiras e Rio Doce). Tese (Doutorado em Geologia), Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 144 p., 2007

MOTTA, Kátia Sausen da; DUTRA, Thiara Bernardo. **Fontes sobre a História de Guarapari: documentos cartorários do século XIX**. Vitória: Editora Milfontes, 2021.

MOUDON, Anne Vernez. Urbanmorphology as na emerging interdisciplinary field. **UrbanMorphology**, v.1 , n. 1 p. 3-10, 1997. Disponível em: <http://www.urbanform.org/pdf/moudon1997.pdf>. Acesso em: nov. 2021.

NICOLAU, José. **Saúde, beleza e progresso: bons ventos para Guarapari em 68**. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ed. 09, p. 70, 02 mar. 1968. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003581&pagfis=167399>. Acesso em: dez. 2022.

OLIVEIRA, Leonardo Azevedo Klumb. **Alterações morfológicas da Praia do Morro, Guarapari-ES: uma escala de décadas**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

OLIVEIRA, Vitor. **Morfologia urbana: diferentes abordagens**. Revista de Morfologia Urbana, v. 4, p. 65-84, 2016, Rede Lusófona de Morfologia Urbana. Disponível em: <https://revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/article/view/7/7>. Acesso em: nov. 2021.

OLIVEIRA, Vitor (ed.). **Diferentes abordagens em morfologia urbana: contributos luso-brasileiros**. UrbanForms: 2016, ISBN 978-989-20-8164-9. Disponível em: vitoroliveira.fe.up.pt. Acesso em: mai. 2022.

PAISAGEM E AMBIENTE. **Paisagem e ambiente: ensaios**. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n. 21, FAU: São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40249>. Acesso em: mai. 2022.

PEREIRA COSTA, Stael Alvarenga; GIMMLER NETTO, Maria Manoela. **Fundamentos da Morfologia Urbana**. Belo Horizonte: C/ Arte, 2017.

PNUM. **A Rede Lusófona de Morfologia Urbana**. Disponível em:

<https://pnum.fe.up.pt/pt-pt>. Acesso em: mai. 2022.

QUAPÁ-SEL. **Quadro de Paisagismo no Brasil**. Disponível em: <http://quapa.fau.usp.br/wordpress/>. Acesso em: mai. 2022.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. Da relevância pública dos espaços livres: um estudo sobre metrópoles e capitais brasileiras. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 58, p. 105-132, São Paulo: 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/82387/85364>. Acesso em: abr. 2021.

REIS, Fábio Paiva. **As Representações Cartográficas da Capitania do Espírito Santo no Século XVII**. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós Graduação em História, Especialidade de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, Universidade do Minho, 2017. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/46018>. Acesso em: jun. 2022.

REIS FILHO, Nestor Goullart. **Evolução Urbana do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

ROBBA, Fábio; MACEDO, Silvio Soares. **Praças Brasileiras**. São Paulo: FAUUSP, 2002.

ROCHA, Levy. **Viagem de Pedro II ao Espírito Santo**. Vitória: Coleção Canaã, 2008. Disponível em: https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/Viagem_Pedro_II_ES_Levy_Rocha.pdf. Acesso em: mar. 2022.

ROCHA, Rhaony Oliveira da. **Verticalização litorânea do centro de Guarapari: um estudo de caso em Geografia Urbana**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, 2019.

RODOSOL. **RodoSol**, © 2021 RodoSol. Disponível em: <https://www.rodosol.com.br/apresentacao/>. Acesso em: dez. 2022.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Segunda Viagem ao Interior do Brasil - Espírito Santo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

SALVADOR, Frei Vicente. **História do Brasil: 1500-1627**. Bahia: Fundação Biblioteca Nacional, 1627. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2148. Acesso em: nov. 2021.

SALETTI, NARA; **Donatários, colonos, índios e jesuítas: o início da colonização do Espírito Santo**. Vitória: Arquivo Público Estadual, Coleção Canaã, v. 4, 1998.

SANTOS, Milton. **Urbanização Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 5 ed., 2020.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos; VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antônio da Silva; MOLLICA, Orlando. **Quando a rua vira casa**. São Paulo: IBAM/FINEP,

1985.

SHOPPING GUARAPARI. **Shopping Guarapari**, © 2023 Shopping Guarapari. Disponível em: <http://www.shoppingguarapari.com.br/>. Acesso em: jan. 2023.

SIMÕES, Renata Mattos. **A construção de um sistema de espaços livres para Coatima-ES**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Espírito Santo, 2016.

SOMEKH, Nádía. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador**. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 16. ed., 2022.

TARDIN, Raquel. **Espaços livres: sistema e projeto territorial**. Rio de Janeiro: 7L211ETRAS, 2008.

VARGAS, Paulo Sérgio de Paula; ABE, André Tomoyuki; ALVAREZ, Cristina Engel; WOELFFEL, Anderson Buss; ZAMBORLINI, Kamila Carretta. **Guarapari: Planejamento, turismo e desenvolvimento sustentável**. In: IV Encontro Nacional e II Encontro Latino-Americano sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis, p. 1095-1104, 2007.

VITÓRIA. **Plano Metropolitano**. Vitória, 2017. Disponível em: <https://planometropolitano.es.gov.br/comdevit>. Acesso em: mai. 2022.

WILBERFORCE, Edward. **Os ingleses na costa: impressões de um aspirante de marinha sobre o Espírito Santo em 1851**. Vitória: Ed. Cultural-ES, 1989, 37p.

WHITEHAND, Jeremy. Morfologia Urbana Britânica: a tradição Conzeniana. **Revista de Morfologia Urbana**, v. 1, p. 45-52, 2013, Rede Portuguesa de Morfologia Urbana, ISSN 2182-7214. Disponível em: <https://pnum.fe.up.pt/pt-pt/assets/pdf/rmu/whitehand-2013.pdf>. Acesso em: mai. 2022.

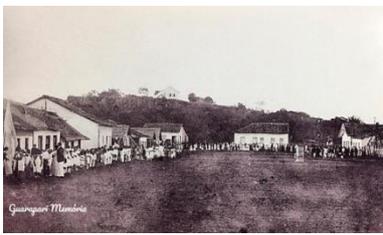
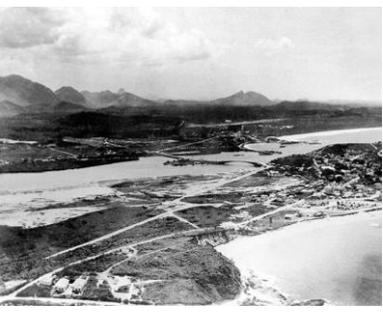
APÊNDICE

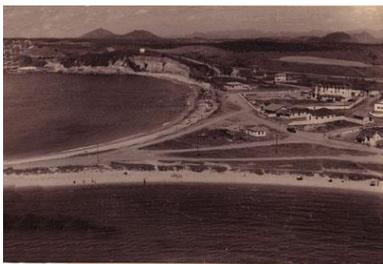
ID	N	Iconografia	Ano	Título	Autor	Arquivo custodiador
1º PERÍODO MORFOLÓGICO (ATÉ 1863)						
EL_PL1	1		1863	Barre de Guarapari	E.Mouchez	IJSN
Disponível em: http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/Record/20968						
2º PERÍODO MORFOLÓGICO (1863-1902)						
EL_PR1	1		1872	Porto de Guarapari	Albert Richard Dietze	Enciclopédia Itaú Cultural
Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_rjanrio_og/0/map/0114/br_rjanrio_og_0_map_0114_d0002de0002.pdf						
EL_PL1	2		1902	Planta da Cidade de Guarapari	João Marinho de Mello	Arquivo Nacional
Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_rjanrio_og/0/map/0114/br_rjanrio_og_0_map_0114_d0002de0002.pdf						
3º PERÍODO MORFOLÓGICO (1902-1952)						

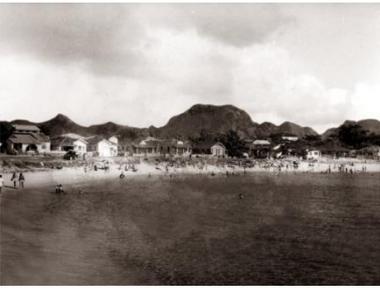
EL_PR1	2		1908	Porto de Guarapari	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=6639307376095117&set=gm.1790666934440406						
EL_R1	1		191x	Rua Direita	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=6206329356059590&set=pcb.1726477670859333						
EL_R1	2		191x	Rua Direita	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=6206329329392926&set=pcb.1726477670859333						
EL_R2	1		191x	Rua da Tapera	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=6167659803259879&set=gm.1721263771380723						
EL_PL1	3		1934	Centro de Guarapari	Fundo Correio da Manhã	Arquivo Nacional

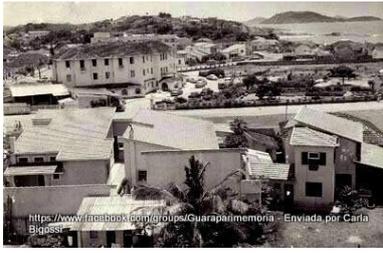
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=2276601012403900&set=gm.1080591822114591						
EL_PR1	3		1945	Porto de Guarapari	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=4467105373315339&set=pcb.1441429509364152						
ED_I2	1		1945	Antiga Igreja Matriz	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=4536635679695641&set=pcb.1452931991547237						
ED_I1	1		1946	Ruínas da Matriz de Nossa Senhora da Conceição	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=4557122550980287&set=pcb.1456280587879044						
EL_PR3	1		1946	Praia das Castanheiras	Álvaro Conde	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=3107481636189982&set=gm.1785084828331950						
EL_PR2	1		194x	Praia e Poço dos Jesuítas	E. J. Hess	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=1739985252939634&set=a.1405111859760310						

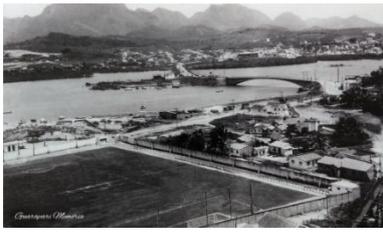
EL_PR2	2		194x	Poço dos Jesuítas	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=4996023627090175&set=pcb.1528110024029433						
EL_PR1	4		1951	Centro, Câmara Municipal e Hotel Atalaia	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=6731414920217695&set=gm.1803438166496616						
EL_PR1	5		195x	Porto	João Delpupo	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=5674835802580387&set=pcb.2105118669661896						
EL_PL1	4		195x	Centro de Guarapari antes da ponte	Benedito Carvalho	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1516312328576865&set=g.105706689603114						
EL_PL1	5		195x	Centro de Guarapari antes da ponte	Benedito Carvalho	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias

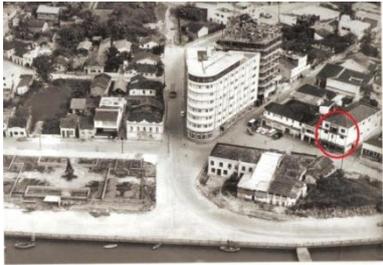
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=980349385506498&set=gm.1117816338392139						
EL_PL1	6		195x	Centro de Guarapari antes da ponte	João Delpupo	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=3725851520812168&set=gm.1621207028053065						
EL_R2	2		195x	Rua da Tapera	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=4702064639819410&set=pcb.1479080632265706						
EL_PR6	1		195x	Largo da Conceição	Alexandre Marques	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1810633865667286&set=oa.840456676128108						
4º PERÍODO MORFOLÓGICO (1952-1968)						
EL_PL1	7		195x	Centro de Guarapari antes da ponte	João Delpupo	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1484815781582431&set=oa.669404583233319						
EL_O1	1		195x	Cemitério Municipal	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=6307408305951694&set=pcb.1740860262754407						

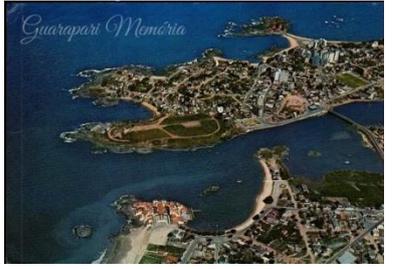
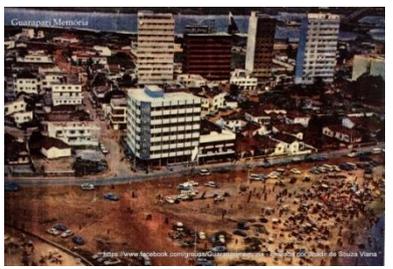
EL_R2	3		195x	Rua da Tapera	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=8519308664761636&set=gm.2046123602228070&idortvany=105706689603114						
EL_PR3	2		19xx	Praia das Castanheiras	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=7704191002940077&set=gm.1918868031620295&idortvany=105706689603114						
EL_PR3	3		195x	Praia das Castanheiras	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=8952270678132097&set=gm.2118987904941639&idortvany=105706689603114						
EL_PR3	4		195x	Praia das Castanheiras	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=4248302198528992&set=pcb.1403050209868749						
EL_PR3	5		195x	Praia das Castanheiras	Não informado	IJSN
Disponível em: http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/Record/11951						

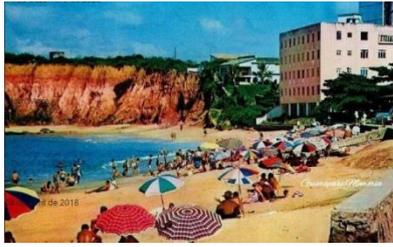
EL_PR3	6		195x	Praia das Castanheiras com vista para a Matriz	João Delpupo	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=2324495094281158&set=gm.1103151533191953						
EL_PR3	7		195x	Praia das Castanheiras	Benedito Carvalho	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1415031285371637&set=gm.1611687599005008						
EL_PR4	1		195x	Praia da Areia Preta	Não informado	IJSN
Disponível em: http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/Record/16215						
EL_PR5	1		195x	Praça do Governador Bley	Bebeto Coelho	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=5152137501537435&set=gm.1994880314019066&idortvanity=105706689603114						
EL_R3	1		195x	Procissão no Morro da Matriz	Alcy Gerson	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=2608925132491438&set=gm.1199675913539514						

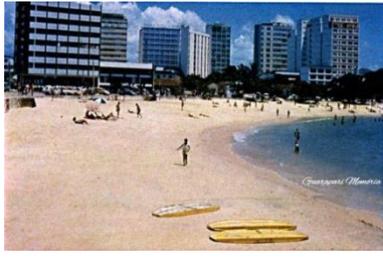
ED_O1	1		195x	Radium Hotel	José Amaral Filho	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
	Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=10203339872480574&set=pcb.10203339873120590					
ED_I2	2		195x	Matriz de Nossa Senhora da Conceição, antiga Capela de Sant'Ana	Gessimar Machado	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
	Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=3226577900947021&set=gm.1885253261648439					
EL_PL1	8		1952	Inauguração da Ponte	João Delpupo	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
	Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1484815344915808&set=oa.669404583233319					
EL_O1	2		1953	Radium Hotel	Folha do Povo	Folha do Povo
	Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=7654198101272701&set=gm.1912372192269879&idorvanity=105706689603114					
EL_PR3	8		1958	Praia das Castanheiras	Postal Colombo	Grupo do Facebook Guarapari Memórias

Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1906492556081416&set=gm.902745866565855						
EL_PR4	3		1960	Praia das Castanheiras	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=6450277514998105&set=gm.1763432630497170						
EL_PR4	4		196x	Praia das Castanheiras	Gerson Norbin de Almeida	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=1859858197398139&set=gm.834789620028147						
EL_PL1	9		196x	Centro de Guarapari com ponte e campo	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=7093633077329209&set=gm.1851134748393624						
EL_PL1	10		1968	Centro de Guarapari	Revista O Cruzeiro	Revista O Cruzeiro
ED_E1	1		196x	Escola Normal de Guarapari	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=6683126871713167&set=gm.1796745883832511						

ED_O2	1		196x	Siribeira late Clube	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=6877353955623790&set=gm.1821968174643615						
EL_R2	4		196x	Rua Joaquim da Silva Lima, antiga Rua da Tapera	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=8351944028164768&set=gm.2019060071601090&idovravity=105706689603114						
EL_PL1	11		196x	Centro de Guarapari próximo ao porto	Maria Izabel Almeida	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=10200402951209241&set=gm.107719099401873&idovravity=105706689603114						
5º PERÍODO MORFOLÓGICO (a partir de 1968)						
EL_PL1	12		1970	Foto aérea do Centro de Guarapari	IBC	IJSN
Disponível em: http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/Record/15028						

EL_PL1	13		1970	Centro de Guarapari	Fábio Pirajá	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=10216616016087152&set=pcb.1032344016939372						
EL_PL1	14		197x	Centro de Guarapari	Cartão Postal Ambrosiana	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=3048678625217582&set=gm.1439263966247373						
EL_PL1	15		197x	Centro de Guarapari	Revista O Cruzeiro	Revista O Cruzeiro
EL_PR3	9		197x	Praia das Castanheiras	João Delpupo	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1059808704083143&set=gm.440598056113974						
EL_PR3	10		197x	Praia das Castanheiras	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=5995411550484706&set=gm.1696440143863086						

EL_PR4	5		197x	Praia da Areia Preta	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
https://www.facebook.com/photo/?fbid=4905852549440617&set=gm.1513357432171359						
EL_PL1	16		1974	Centro de Guarapari	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=9195779303781232&set=gm.2157074691132960&id&orvanity=105706689603114						
EL_PL1	17		1974	Centro de Guarapari	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=9230392506986578&set=gm.2163377700502659&id&orvanity=105706689603114						
EL_PR3	11		1975	Praia das Castanheiras	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=7764881530204357&set=gm.1926763397497425&id&orvanity=105706689603114						
EL_PR3	12		1976	Praia das Castanheiras	Themistocles Sant'Ana	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=3309358455792178&set=gm.1398552470318523						

EL_PR3	13	 A color photograph of Praia das Castanheiras, showing a sandy beach with people, yellow surfboards, and modern buildings in the background under a blue sky.	1976	Praia das Castanheiras	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
	Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=6546435308715658&set=gm.1777565792417187					
EL_PR3	14	 A black and white aerial photograph of Praia das Castanheiras, showing the coastline, buildings, and the ocean.	1976	Praia das Castanheiras	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
	Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=6421202624572261&set=g.105706689603114					
EL_R2	5	 A black and white photograph of Avenida Joaquim da Silva Lima, showing a tall building and a street with cars.	1977	Avenida Joaquim da Silva Lima	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do <i>Facebook</i> Guarapari Memórias
	Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=5781856925173504&set=gm.1664183700422064					

EL_PL1	18		1978	Centro de Guarapari	IJSN	IJSN
Disponível em: http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/Record/20387						
EL_PL1	19		1978	Centro de Guarapari	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=9146209275404902&set=gm.2151419265031836&idortv=105706689603114						
EL_PL1	20		197x	Centro de Guarapari	<i>Blog Morro do Moreno</i>	<i>Blog Morro do Moreno</i>
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=9320457277980100&set=gm.2178726058967823&idortv=105706689603114						
ED_O1	3		1980	Radium Hotel	Carlos Alberto Monjardim	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=10215120182652251&set=pcb.872068512966924						

ED_O2	2		1987	Siribeira late Clube	Marcio Oliveira Rodrigues	Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=3966267173471651&set=gm.1750706461769787						
EL_PL1	21		1990	Canal da Ponte	Pablo Alejandro Marcote	Grupo do Facebook Guarapari Memórias
Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=7732815590077618&set=gm.1922471354593296&idorvanity=105706689603114						
ED_O2	3		1998	Siribeira late Clube	Gildo Loyola	A Gazeta
Disponível em: https://www.facebook.com/groups/105706689603114/search/?q=1998						